



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

REVISTA
DA
ACADEMIA
BAIANA
DE
EDUCAÇÃO

A Academia Baiana de Educação é uma sociedade civil, com personalidade jurídica própria, de duração ilimitada, fundada em 9 de setembro de 1982.

DIRETORIA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO (2004-2006)

Presidente de Honra:	Leda Jesuíno dos Santos
Presidente:	Roberto Figueira Santos
Vice-presidente:	Hermano Augusto Palmeira Machado
1.º Secretário:	João Eurico Matta
2.º Secretário:	Rosa Pereira Levita
Tesoureiro:	Marcelo Augusto Carvalho Rocha
Diretor da Revista e da Biblioteca:	José Nilton Carvalho Pereira
Diretor de Arquivo e Museu:	Francisco Pinheiro Lima Júnior

DISTRIBUIÇÃO, sem ônus, para sócios

Revista da Academia Baiana de Educação, v. 1, n. 10, dezembro, 2004.

Bahia, ABED, 2004.

v. 21 x 28 cm (anual)

1. Educação – Periódicos

I. Academia Baiana de Educação

CDD 370.05

CDU 370.05

SUMÁRIO

EDITORIAL:	7
Roberto Figueira Santos – Presidente da ABE	
Pronunciamento do Acadêmico Oldegar Franco Vieira, ao receber o título de Membro Emérito da Academia Baiana de Educação	8
Seminários da Arquidiocese Baiana	9
Francisco Pinheiro Lima Júnior	
Discurso de Recepção no Conselho Estadual de Educação do Prof. Dr. Thales de Azevedo (homenagem pelo centenário de nascimento).....	21
Leda Jesuíno dos Santos	
Discurso pela posse do Professor Dr. Roberto Santos na Academia Baiana de Educação	27
Leda Jesuíno dos Santos	
Discurso de posse do Professor Dr. Dr. Roberto Figueiras Santos na Academia Baiana de Educação	35
Discurso de posse do Professor Dr. Dr. Roberto Figueiras Santos na Presidência da Academia Baiana de Educação	45
Discurso de saudação e recepção de posse da Professora Rosa Pereira Levita na Academia Baiana de Educação.....	49
Maria Augusta Cruz Abdon	
Discurso de posse da Acadêmica Rosa Pereira Levita na Academia Baiana de Educação	54
A caminhada de Leda Jesuíno dos Santos	64
Edivaldo M. Boaventura	
Discurso na concessão do título de Educadora do Ano 2003 à Acadêmica Profoessora Emérta Leda Jesuíno dos Santos	71
Maria Anália Costa Moura	

A matéria contida nesta publicação é da responsabilidade exclusiva dos autores, não representando a expressão do pensamento da Academia Baiana de Educação.

Revista da ABE	Bahia	v. 1	n. 10	p. 1-92	Dezembro, 2004
----------------	-------	------	-------	---------	----------------

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS
PRESIDENTE DA ACADEMIA BAIANA
DE EDUCAÇÃO

Escolhido, graças à generosidade dos confrades, para presidir a Academia Baiana de Educação durante o biênio 2004-2006, sugeri aos demais companheiros um programa de ação que representasse verdadeira contribuição às causas que norteiam e motivam a nossa instituição. Entre os problemas que preocupam mais profundamente os educadores brasileiros na atual conjuntura, está o da formação, sob a responsabilidade dos estabelecimentos de educação superior, dos professores encarregados dos níveis fundamental e médio de ensino. Observam-se, desde algum tempo, crescentes expectativas por parte da população em geral, quanto à oferta de novos patamares de qualidade e quanto à ampliação das oportunidades nas escolas, quer no ensino público como no particular. E essa grande expansão da demanda por serviços educacionais, resulta, reconhecidamente da evolução do processo econômico, social e cultural que o País atravessa.

A Lei de Diretrizes e Bases sancionada em 1996 estabeleceu verdadeiro desafio para os órgãos responsáveis pela preparação dos recursos humanos nessa área. No entanto, estão sendo notórias as dificuldades para o satisfatório cumprimento dos dispositivos legais, dentro dos prazos previstos.

O assunto se reveste de alta complexidade. Entre os fatores que terão de ser considerados na busca de soluções razoáveis para as aspirações da sociedade, figura a da mais alta remuneração a ser atribuída a elevada proporção dos que se dedicam às atividades do magistério. Na nossa tradição, ressalvadas exceções que apenas dão maior realce à regra, o trabalho dos professores do ensino fundamental e médio não vem sendo tão valorizado quanto se observa em outras sociedades. No entanto, estender-se à generalidade da população, as oportunidades de educação de boa qualidade, constitui fator indispensável ao desenvolvimento social e econômico de cada país, e é fator essencial à inclusão social de vastas parcelas da nossa população, cuja qualidade de vida deixa ainda muito a desejar.

Tendo em vista essas considerações, programamos para o próximo ano de 2005 a realização de sucessivos seminários acerca dos programas de licenciatura oferecidos pelos estabelecimentos de ensino superior, públicos e privados, em funcionamento no Estado da Bahia. O programa da Academia envolverá um seminário introdutório, que tratará da legislação mais recente, do levantamento da situação dos atuais cursos em nosso território, do potencial mercado de trabalho para os professores e da delicada questão salarial. A esse, seguir-se-ão outros, dedicados, respectivamente, às licenciaturas de ciências humanas, de ciências exatas, de letras, de artes e de educação física. Para a escolha dos sub-temas e dos palestrantes que se apresentarão nesses Seminários, foi designada uma comissão constituída pelos Acadêmicos Edivaldo Boaventura, Zilma Parente de Barros e João Eurico Mata, coordenada pela Presidente de Honra da Academia, a Professora Leda Jesuíno dos Santos. As despesas em que incorrerá a nossa entidade para a realização desses Seminários serão cobertas por doação feita recentemente pelo nosso confrade José Carvalho, a quem consignamos, desde logo, os profundos agradecimentos de toda a nossa Academia.

Alem desses Seminários, a Academia continuará realizando sessões ordinárias, no mesmo feitio observado até agora.

REVISTA ABE – DEZEMBRO, 2004

Pronunciamento do Acadêmico
Oldegar Franco Vieira, ao receber o Título de Membro Emérito da
Academia Baiana de Educação, em 1.º de outubro de 2003.

Eu peço licença para falar sentado.

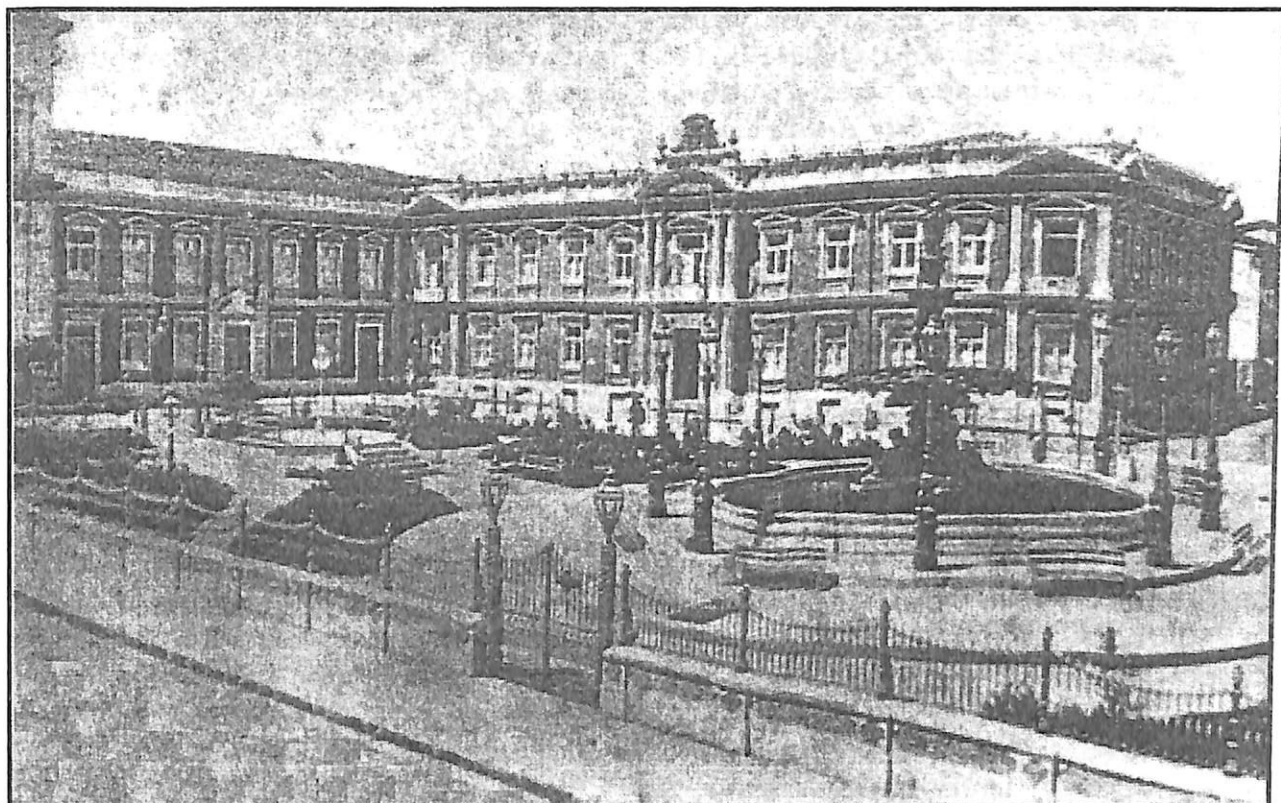
Adotando esse título como faço, sublima-me o sentido do que sempre mereceu, e devia ser dado a esse encontro.

Confesso que não se pretendia fazer nenhuma solenidade, eu vinha protelando mês após mês o recebimento deste honroso documento, pelo meu estado de saúde, que a esperança me fazia acreditar que melhoraria um pouco, ao contrário do que acontecia, foi se agravando. E antes que fosse impossível fazer a entrega, simples como eu desejava, um grupo de amigos achou que a Academia Baiana de Educação poderia fazer a gentileza de vir até a beira do meu leito de enfermo, duplamente enfermo dos olhos e do sorriso. Graças a Deus não mais do que isso. Mas o que me enfraquece, me acanha, me empobrece então é a gentileza da Academia, seria trazer e me entregar, simplesmente, o documento. Mas alguém perguntou, por que uma cerimônia simples, tem que ser presenciada por alguns de seus amigos, por pessoas de sua família, por alguns acadêmicos. Por que não permitir isso? Disse eu, esta casa está aberta, é nossa. E que todos os nossos amigos, que venham, que estão aqui dando ao ato, que eu pretendia que fosse da maior simplicidade, com sentido exclusivamente ao lado familiar, cerimonial indispensável, mais nada do que isso. Então transformou-se nisso, passo a passo, a quanto da minha vontade. Enquanto eu, dia a dia vou sonhando o restabelecimento da minha visão, pedindo a Deus, apesar dessa idade avançada, que me dê mais alguns poucos anos de vida.

Ainda bem que nessa trajetória o meu querido Eurico, generosamente, traçou a minha vida, digo que embora tenha tido esses diversos aspectos de administrador público, sobretudo no plano de implantação de ação do Governo e terminar, também, pelo caminho iniciado na Faculdade de Direito, naqueles dias memoráveis do século XX, pavoroso século XX, nós, daquele tempo, alguns estão aqui, pudemos conhecê-lo muito bem. Nós vimos a humanidade atravessar momentos mais cruciais da história, dos desentendimentos. O mundo se certificar tecnologicamente sem que saibamos agora, até onde vai. Nós, o homem do século XX, eu entre eles a registrar o real valor, em artigos, em crônicas. A precipitação dos acontecimentos, as dissertações, horas acertadas, horas erradas, eram bem intencionadas. Todas elas tinham força, amparo, esse valor ideal que está nas páginas daquele meu primeiro Livro dedicado a Educação Extra-escolar. É uma Instrução Pública, por que instrução pública não diz nada, embora tanto se fala nela. Naquele livro eu me orgulho, digo o que foi. Fui o antecipador, como reconheceu Leonel Franca, em 1962, o livro como havia de ser a minha vida, sempre de **antecipações**, de visão para o futuro, de vida polêmica, como proclamou, aqui na Bahia, Orlando Gomes, dizendo que eu tinha feito um livro polêmico, voltado para o futuro, como destacou Jorge Calmon, em letras garrafais, numa das páginas do nosso querido Jornal A Tarde. Tudo isso, nesse momento me emociona, revolve as minhas entranhas e faz com que eu tenha poucas palavras para dizer que o mais modesto trabalhador da educação se sente imensamente grato à Academia, aos meus amigos, a minha família, a pessoa humana, humanista de todos nesse momento.

Muito obrigado.

SEMINÁRIOS
DA
ARQUIDIOCESE BAIANA



Antigo Prédio da Faculdade de Medicina da UFBA.

Palestra de Francisco Pinheiro Lima Júnior
Titular da Cadeira n.º 37, cujo Patrono é
Possidônio Dias Coelho, em 14/4/2004

Companheiros Acadêmicos

Velhos amigos não costumam negar-se a atender a pedidos. Querem, assim, reparar possíveis omissões passadas ou temem lhes escapar ocasião de comprovar amizade. Por isso que, de logo, accedi a solicitações dos prezados amigos professores Alírio Barbosa de Souza e Leda Jesuíno dos Santos, ilustres mentores, em presidências, desta Academia Baiana de Educação, para proferir palestra.

Quando, logo após, assisti a uma conferência, do Prof. Dr. Elsiar Moreira Alves, de quem não sei, então, que admirei mais, se prodigiosa memória ou profunda cultura, roguei fosse outro talentoso Acadêmico o encarregado do mister, sugerindo, até, nome e assunto: Roberto Santos e Universidade Federal da Bahia. Rejeitada a solicitação, cumpro dever, escolhendo como tema “Seminários da Arquidiocese Baiana”, aproveitando, face a pesado trabalho, com a revisão, do primeiro volume, e bem alentado, sobre “História das idéias filosóficas na Bahia, até o século XX”, em co-autoria da Prof.^a Dra. Dinorah d’Araújo B. de Castro”, a palestra que proferi, em dezembro passado, para a Associação Filinto Bastos, que congrega ex-seminaristas baianos. Afinal, numa Academia dedicada à educação, que temas se devem estudar, com maior empenho, do que assuntos referentes a mestres ou instituições relacionadas com a instrução na Bahia? É assim que, particularmente, leio o que sobre o assunto se republica em nossa Revista.

Seminários arquidiocesanos da Bahia, que lhes admirar mais? A formação da mente ou do coração?

Cumpro dever de gratidão, lembrando, logo, episódio que li a respeito do famoso cabo-de-guerra alemão, se não me engano, Marechal Paul Von Hindenberg, que sempre após, retumbantes vitórias em batalhas, costumava, louvado por companheiros, mostrar-lhes relógio – prêmio de sua Rainha, quando aluno de colégio militar – dizendo: “É devido a este relógio que tenho triunfado na vida!”

Quando recebi, em 19 de dezembro de 1996, na Universidade Federal da Bahia, o honroso título de Professor Emérito disse,

em discurso de agradecimento, face a modestas vitórias em minha vida: “Tudo que sou, devo à Igreja e à minha Família.

Omito, aqui agora, quanto deva receber um pinheiro de ubertoso solo e de profundas, viçosas e ocultas raízes. Queridos Pais e Irmãos, quanto lhes devo! Gratíssimo por tudo que por mim fizeram. Só não lhes perdôo as saudades que me deixaram!...

Forcejo agora agradecer à sementeira em que sempre vicejaram sagrados loureiros de Apolo, deus do sol, da harmonia, das artes, pai de Esculápio, a conduzir, de um lado a outro dos céus, ígneo carro – que melhor símbolo para o sacerdote, ministro do Senhor?

Quero falar de uma clássica formação literária, filosófica e teológica instrução, aprimorada. Foram os seminários, em todo o Brasil e em todos os tempos, beneméritas instituições culturais. Basta conhecer-lhes a história e a sentença: “A boa semente só dá bons frutos”.

Nem todos concluíram a formação sacerdotal, optando por desistir, alguns até, quiçá tardiamente e seguiram conselho de Thomas Jefferson: “Quem não pode ser um advogado honesto, seja honesto sem ser advogado”..., e optaram por várias profissões. Outros, à semelhança dos enviados, outrora, por Atenas a jogos ou oráculos de Elos e Delfos, a Deus dedicaram toda a vida! Comparo-os, com devidas proporções, àquele Grande Bodhisattwa do Mahayana. Avalokitésvara que, estando para entrar no nirvana, ouvindo trovão proveniente – vozes sofredoras e sem paz –, renunciou à bem-aventurança, até que todos a obtivessem.

Atenho-me, no presente esboço, às casas de formação ao sacerdócio pertencentes à Arquidiocese de Salvador, e não a sedes episcopais outras.

Não estou aqui a tecer apenas louvores à formação dada no seminário menor baiano, no meu tempo. Manda inclusive a sinceridade que ressalte, a propósito, a pedagogia em certa época vivida, visão “educativa” da antiguidade: “*Ho mè dareís ànthropos ou̐ paidementai*” (“O homem não é educado se não for esfolado”), na persuasão de

que “hó pelos ãn mē darê kéramos ou guíne-tai (“o barro, que não for batido com força, não se transforma em vaso”)... Quiçá devamos entendê-lo em exagerada e mal aplicada interpretação do livro dos Provérbios: “o que poupa a vara não ama seu filho”. (Prov. 13,24).

Ousaria pedir se perdoe a quantos sacerdotes não foram sempre modelos de procedimento. Compreendamos circunstâncias, máxime o isolamento em lonjuras de paróquias no Interior! Desejo, aliás, narrar um fato.

Quando ainda seminarista, fui levado por um sacerdote para uma festa paroquial no Interior. Na véspera, em grande mesa, o vigário cercado de numerosa prole e servido por companheira de vir. Naturalmente chocado, me surpreendi com a naturalidade do alegre convívio... Logo, porém, pelas 3 horas da tarde, os sinos da matriz chamavam os fiéis para as confissões... E o velho vigário, com outro colega, começou a ouvir, no confessional, o fiel rebanho!

Pela primeira vez, fiz questionamento a canonistas... Como quer que seja, evoco Ataúlfo Alves: “Atire a primeira pedra!”

Agradeço ao seminário a formação recebida; guardo do clero baiano, a que pertenci, a melhor impressão, na mente e coração. Beijo ainda hoje as mãos de ex-colegas – mocidade, vida adulta e velhice consagradas a Deus. Desculpem-me, mas quem de padres não recebe algum benefício?

Não lhes evoco fatos cheios de emoção ou saudosas lembranças pessoais, como fizeram, e tão bem, Floriano Mendonça!, Isnard da Gama² e Anchieta de Alcântara³. Nem relato acontecimentos, vezes de cunho trágico-cômico, como faria – fa-lo-á, certamente, um dia nosso Gaspar Sadoc: “*quorum pars magma fuit*”, com aquela proverbial memória e adadêmica linguagem – cujas é perito. Pinço, tão só, dados, relembro acontecimentos que, um dia, nosso Guima escreveu⁴, e enfeixo o que respiguei em autores credenciados: Müller⁵, Honaert, com outros⁶ Dino-rah D’Araújo B. de Castro⁷, nossos Cândido⁸, Walter Magalhães⁹ e Riolando Azzi¹⁰.

A Primitiva Formação para Sacerdócio

O concílio de Trento, em sua sessão, encarecia aos bispos a instituição de seminários¹¹.

Durante o período colonial, houve preocupação em formar um clero, de preferência, compostos de nativos.

Em tal empenho primaram os jesuítas, porquanto as demais ordens religiosas visaram, de preferência, à formação de candidatos do próprio instituto¹².

4 (quatro) etapas se podem estabelecer:

1.^a etapa. Em seus colégios, os inacianos fundaram “Confrarias dos Meninos de Jesus”, primeiros ensaios para a formação sacerdotal, em que pese não se visar exclusivamente a isso, nos internatos, fundados em 1550, em Salvador – iniciativa do Pe. Manuel da Nóbrega, no ensejo da chegada de órfãos de Lisboa, a que se agregaram os “meninos da terra”.

Devido às circunstâncias socioculturais dos tempos, rapidamente desapareceram essas instituições.

Serafim Leite assinala as razões de tal insucesso¹³.

2.^a etapa. Nos “Colégios dos Jesuítas”, desde 1560 até meados do século XVIII. Esses estabelecimentos de ensino se tornaram centros de formação sacerdotal, ao lado da educação de quantos não aspiravam ao ministério.

¹ À sombra da Cruz de Sta Tereza, 2.^a ed. Bahia: Editora Arco-Íris, 1976.

² Memórias Vivas. Juiz de Fora: ESDEVA, 1990.

³ Rastros de uma vida. Crateús (Ceará): Crato Graf, s/d.

⁴ Guimarães José Rodrigues (Clérigo) “Breve memória histórica do Seminário in Revista Eclesiásticas da Arquidiocese da Bahia”, V. VIII, nº 8 (1915), págs. 153-164.

⁵ Memória História sobre a religião na Bahia (1823/1923), Bahia: Imprensa Oficial do Estado; 1923.

⁶ História da Igreja no Brasil. Tomo II e II/2. Petrópolis: Vozes, 1977/80.

⁷ O tradicionalismo de Romualdo Antônio de Seixas, F. III, C. II, págs. 302-303. Tese de doutorado em Filosofia. Rio de Janeiro: Univ. Gama Filho, 1983.

⁸ Os Segredos e a Messe, Salvador: EDUFBA, 2000.

⁹ Pastores da Bahia. Salvador, 2001.

¹⁰ A Sede Primacial de Salvador. 2 vols.: Vozes, 2001.

¹¹ Cf. Sessão 23.^a (15/VI/1563). Castiglione, C. História de los Papas. T. II, Labor; 19. Barcelona.

¹² Cf. Honaert, E. et. Alii. História da Igreja no Brasil. Primeira época, cap. VI, págs. 193, sgs.

¹³ História da Companhia de Jesus, t. II, pág. 424. Rio de Janeiro, 1938-50.

Três níveis: curso elementar, curso de letras humanas (correspondente ao nível médio), e curso de artes (equivalente, mais ou menos, ao grau superior). Para candidatos ao sacerdócio, um curso de Teologia especulativa e moral.

O curso de Teologia se iniciou em 1575, em Salvador. Com nova organização, o latim passou a ser enfatizado a partir de 1577.

Uma consulta ao Conselho Ultramarino, de 30 de janeiro de 1689, se reflete à boa formação dada¹⁴.

3.^a etapa. Foi, a partir dos fins do século XVII, que a formação específica de seminários episcopais ganhou forças.

Em Belém – perto de Cachoeira – o Pe. Alexandre de Gusmão começou o primeiro seminário propriamente dito:

“O fim deste seminário é criar os meninos em santos e honestos costumes (...). Além disso, hão de aprender a ler, escrever, contar, gramática e humanidades, e não se terá curso de Filosofia (...)”¹⁵.

De tal seminário, escreve Rocha Pita:

“Tem já saído muitos e virtuosos sujeitos para o hábito de São Pedro e para os das outras ordens claustrais, até para o século perfeitos varões”¹⁶.

4.^a etapa. Foram fundados em 1686 os Seminários Episcopais.

Eram eles dependentes da autoridade eclesiástica.

Pe. Gabriel Malagrida S. J. foi o pioneiro de tal iniciativa.

Um alvará de 1751 (anos antes da expulsão dos inicianos por Pombal) conferia o poder de erigir seminários em qualquer parte da América. Tal idéia da criação do seminário, projetada pelo Pe. Malagrida, levou-a a sério D. José Botelho de Matos, chegando a Bahia em 1741¹⁷.

Por sucessivos acordos, foi o seminário confiado à direção dos jesuítas, sendo, porém, transferido para uma casa própria, com o título de Nossa Senhora da Conceição (1757).

¹⁴ Leite, Serafim. op. Cit., t. V, p. 422 (apud Hoonart, op. Cit., pág. 195).

¹⁵ Textos em Hoonart, op. Cit., pág. 195.

¹⁶ Cf. idem ibidem, p. 195

¹⁷ Cf. sobre D. Botelho, Magalhães, W. Os pastores da Bahia, págs. 44-46.

Mas, em fins de dezembro de 1759, soldados cercaram o prédio do seminário e expulsaram os alunos. Três dias depois, os jesuítas deixaram a Bahia. Vigia o “despotismo esclarecido” – como chamam alguns – do Marquês de Pombal...

Menor foi agregado ao Sta Tereza nos fins do século XIX¹⁸.

D. Frei Francisco de São Dâmaso de Abreu Vieira

Governou a Sede Aquiepsicopal de 1815 a 1816, doutor em Teologia, pela Universidade de Coimbra. Com pequenos recursos procurou adquirir um edifício para a casa de formação ao sacerdócio. Nesse ínterim, falece o Cônego Tesoureiro-Mor do Cabir, José Teles Menezes, que, em testamento, legou sua casa residencial, à Rua do Bispo – ainda de porte espetacular – para nela se estabelecer o projetado seminário.

Feitas as obras de restauração e adaptação, D. Francisco de São Dâmaso inaugurou, em 15 de agosto de 1815, o seminário que recebeu o nome S. Dâmaso, em homenagem ao metropolitano. Teve nome Reitor e Ecônomo.

Iniciaram-se aulas de Latim, Grego, Retórica, Filosofia, História Eclesiástica, Teologia Dogmática e Moral, para cujas docências foram escolhidos seletos professores do clero secular e das Ordens Beneditina e Franciscana¹⁹.

O Côn. José Teles de Menezes (1732-1814) era cônego bacharel em cânones e membro da Academia Basílica dos Renascidos, dos Prebendados na Sé Metropolitana; possuía escravos e era proprietário de engenho. Descendente, em sétima geração, de Caramuru. Doou sua “morada nobre” em Salvador, para instalar-se o Seminário de S. Dâmaso²⁰.

¹⁸ Mendonça, Floriano. Op. Cit., pág. 39.

¹⁹ Magalhães, Walter. Op. Cit., págs. 53-4.

²⁰ Cf. Costa e Silva, Cândido. Op. Cit., págs. 418-9.

D. Romualdo Antônio de Seixas

“Estou convencido de que os bons Seminários são o meio mais eficaz de conseguir a instrução e moralidade do Clero”²¹.

Tracejo aqui dados sobre nossos Seminários, como disse: Em o tentando, não posso deixar de ressaltar a figura ímpar do primeiro Arcebispo Primaz brasileiro, Marquês de Santa Cruz, em quem, não sei que ressaltar mais: se o político e parlamentar, se o escritor e mestre, se o apóstolo no munus eclesiástico. Recomendo-lhes a leitura da tese de doutorado em Filosofia da Prof.^a Dra. Dinorah d'Araújo B. de Castro, que estuda, em extensão e profundidade, o tradicionalismo de D. Romualdo²².

No São José e no Santa Tereza está presente o insigne Antístete, na eficaz orientação que lhes deu. Não faz mal lembrar dados, que Guimarães e Muller citam, de quem transcrevo notícias²³.

Precárias condições do Seminário de São Dâmaso, moral e materialmente, a ponto de aulas serem dadas no Mosteiro de S. Bento pelo franciscano Pe. Me. Frei Luiz de Santa Tereza. Foi, então que, abandonado o Hospício da Palma pelos Agostinhos Recoletos, pediu-lhe concedesse, em 4 de maio de 1824 o Imperial Governo a posse, para instalação do Seminário, que foi aberto, em pleno exercício, a 6 de abril de 1834, sob a direção de Pe. José Maria Lima, com solene Te Deum. A nova casa de formação, que mantinha, por homenagem ao pioneiro Metropolitano, o nome de Seminário de São Dâmaso, se ministravam aulas de Francês, Retórica, Filosofia, Racional, História Eclesiástica, Teologia Dogmática e Moral. — O Latim era pressupostamente aprendido — conforme assinalada a Pastoral de 12 de março de 1824 daquele que, em 1936, porfiaria pela criação de uma Faculdade de Teologia.

O Seminário Menor, como vimos, se instalou na freguesia de Sto. Antônio além do Carmo, sob direção de Frei Arsênio da Natividade Moura OSB, em 1582, até os fins de 1856, quando a assumiram os Lazaristas.

A história do nosso amantíssimo Santa Tereza

Fora extinta, na Bahia, a Ordem dos Carmelitas Descalços por lei provincial de 2 de junho de 1840.

Gestões do Presidente da Província, Dr. Francisco de Souza Paraíso, com D. Romualdo, culminaram com a instalação, no artigo Convento dos Terésios do Seminário Maior, devido à intenção — depois realizada — em instalar-se, no convento de Palma em 1937, o Liceu Provincial — nome primeiro de nosso glorioso Colégio da Bahia.

Treze anos da inauguração do seminário no convento de Sta. Tereza. Em relatório ao Ministro do Estado, discrimina-lhe D. Romualdo as séries. Após exames preparatórios de Latim, Francês, Retórica, Filosofia e Moral Racional: 1º ano: Teologia Exegética e História Sagrada e Eclesiástica; 2º ano: Teologia Dogmática e Moral; 3º Teologia Moral e Direito Eclesiástico, com aulas outrossim de Canto e Liturgia²⁴.

Temendo D. Romualdo que os candidatos ao sacerdócio, cursantes das matérias preparatórias fora de uma específica escola, se contaminassem com os sistemas panteístas e racionalistas, cuidou de instalar um seminário “pequeno” — “menor”, depois, chamado²⁵.

Obteve o metropolitano do Governo a criação de cinco cadeiras de preparatórios (Latim, Francês, Grego, Retórica, Geografia e Filosofia)²⁶.

Mons. Walter Magalhães escreve:

“Em carta pastoral de 16 de janeiro de 1852, anunciou a fundação do Seminário Menor da Bahia e a 3 de fevereiro seguinte, sob inovação de São Vicente de Paula e a sábia direção do insigne beneditino Frei da Natividade Moura, foi o novo estabelecimento inaugurado na casa onde funcionava o Colégio Santo Antônio, na Ladeira da Água Brusca, na paróquia de Santo Antônio além do Carmo”. Notícia, em seguida: “mais tarde foi transferido para o edifício construído ao lado do Convento de Santa Tereza”²⁷.

²¹ Frase de D. Romualdo, ressaltada por Cândido da Costa e Silva. Op. Cit., p. 140.

²² Op. Cit. Máxime, págs. 361-374.

²³ Müller e Guimarães, op. Cit., passim.

²⁴ Castro, D. Op. Cit., pág. 306.

²⁵ Cf. Castro, Dinorah, op. Cit., pág. 307 sgs.

²⁶ Guimarães, Rodrigues. Op. Cit., págs. 162-3.

²⁷ Op. Cit., págs. 65-6.

Cândido Costa e Silva fala do Colégio Sto. Antônio pertencente ao Cônego Francisco Pereira de Souza, professor público de Latim, localizado na Ladeira do Baluarte²⁸, Muller confirma ter sido do referido cônego o citado colégio.²⁹

Interessante é ressaltar que, na cidade Pastoral de 1852, D. Romualdo escrevia: “Não se assustem os pais de família como denominação de Seminário Eclesiástico, ou com a idéia de ser ele previamente destinado para aí fazerem seu primeiro tirocínio os aspirantes ao sacerdócio”. A intenção primordial era a formação do clero, mas aos estudantes competiria “a livre vocação de cada um para qualquer outro estado”³⁰.

Percalços...

Naturalmente, mereceu o seminário de todos os Arcebispos Primazes especiais cuidados. “Sede vacante”, com o falecimento de D. Romualdo, ainda em clima de animosidade às irmãs de Caridade, bem como de críticas sobre a alimentação e tratamentos a seminaristas (Cf. Diário da Bahia, de 7/2/1859), ao assumir o governo arquidiocesano o Côn. Rodrigo de Souza Menezes, demitiu os lazaristas da direção e do ensino do seminário, apelando até para “irregularidades” em contrato...

Bem que D. Manuel Joaquim da Silveira (Primaz em 1861-74), tão amoroso da casa de formação sacerdotal que até, por semanas, aí residia, tentou renová-la; mas, somente em abril de 1888, Luiz Antônio dos Santos (Primaz de 1879 a 1890), readmitiu os Padres da Missão, que iriam permanecer até 1947. O Antístete reformou o plano de estudos seminarísticos, criando cadeira de Escritura Sagrada, nos 4 anos teológicos, ordenando também fossem lecionadas as matérias de Filosofia, Dogma e Direito Canônico, em 2 anos, e, em 3, Teologia Moral³¹.

²⁸ Op. Cit., pág. 356. Lembremos que as ladeiras se interceptam, descendo a do Baluarte do Largo de Sto. Antônio à da Água Brusca, que desce do mesmo bairro para a cidade baía.

²⁹ Op. Cit., pág. 17.

³⁰ Ver texto em Azzi, Op., vol. 2, págs. 105-6.

³¹ Cf. Costa e Silva Cândido (op., e Magalhães, Walter, op. Cit., pág. 67 sgs.

Uma digressão

São esparsas e incompletas as fontes para a história dos seminários baianos de outrora. Refiramo-nos, tão somente aqui, a duas:

a) Em manuscrito, termos de entradas dos seminaristas de S. Dâmaso, “tanto Numerários, como Porcionistas”, com 126 folhas. Tem no início e no fim autógrafo de José Fernandes da Silva Freire, Provisor e Inspetor do Seminário, com data de 9 de março de 1816. As primeiras – assinadas em 3 de março de 1816 – trazem a assinatura do José Cardoso Pereira de Melo, como Reitor. Já as últimas – em 1875 – quase ilegíveis – são assinadas pelo Reitor Deão Joaquim Emídio Ribeiro (1875).

Muito útil para identificar alunos, nos testemunha a entrada de Filinto Genciano Ferreira Bastos – que dá nome à Associação de ex-Seminaristas baianos – em 5 de março de 1872.

Não consta neste livro o nome de Tobias Barreto. A respeito escreveu Clóvis Bevilacqua: “Vindo à Bahia para seguir carreira eclesiástica, dela desistiu, fazendo em Salvador apenas os preparatórios para ingresso em faculdade”^(a). Categoricamente afirma tal ingresso o Dr. Urbano Oliveira Neto, da Academia Sergipana de Letras^(b).

Junot da Silveira, em seu excelente “Romance de Tobias Barreto”, não dirime a questão^(c).

Duas me parecem as possíveis interpretações face à ausência de matrícula no Seminário: 1) Não se tratava de aluno “porcionista” ou “numerário”. 2) A seresta teria sido na véspera do ingresso... “Hypotheses... fingo.”

b) Sobre os Seminários baianos encontramos esparsas referências em publicações não ligados à Igreja, que citamos aqui, de passagem, para quantos desejem escrever-lhes a história.

A) ANO 1844 – Almanak na Cidade da Bahia. Ano 1845. Bahia: da Typographia de M. A. da Silva Serva (edição Similar: Bahia, 1998).

^(a) “História da Faculdade de Direito do Recife”, c. VIII, pág. 348. 92. a. ed. Brasília: INL/Cons. Fed. de Cultura, 1977.

^(b) Mendonça, Floriano, op. Cit., pág. 108, nota +.

^(c) 2.ª ed. Centro Gráfico do Senado Federal, 1989.

Seminário Arquiepiscopal “para aqueles que se dedicam à vida eclesiástica” (pág. 286). Arcebispo D. Romualdo Antônio de Seixas.

Reitor – Pe. José Maria de Lima.

Disciplinas

1.º ano. História Eclesiástica – Fr. Arsênio da Natividade Moura Exegética – Fr. Raimundo Nonato.

2.º ano. Teologia Dogmática – Fr. Antônio da Virgem Maria.

3.º ano. Teologia Moral – Vigário Fr. Joaquim de Almeida.
Direito Eclesiástico – Vigário Dr. Manuel José Cardozo.

Substitutos:

1.º ano. Vigário José Joaquim da Fonseca Lima.

2.º ano. Fr. José do Espírito Santo.

3.º ano. Fr. Raimundo Nonato.

NB. Nomes de seminaristas são citados, num total de 75, assim discriminados: Da Bahia, 60 e de outros Estados 15. Total: 75^d.

B) Almanak administrativo, comercial e industrial da Província da Bahia para o ano de 1873 por Altino Rodrigues Pimenta.

Bahia. Typographia de Oliveira Mendes & Cia. 1872, pág. 65, **Seminário** (no antigo convento de Sta. Thereza).

Reitor – Deão Emydio Ribeiro

Lentes:

Pág. 65:

1.º ano: História Eclesiástica – Côn. Dr. Raimundo José

2.º ano: Teologia Dogmática – Fr. Antônio da Virgem Maria de Matos

Itaparica: Direito Natural – Pe. Domingos José Brito

3.º ano: Direito Eclesiástico – Vig. Dr. Antônio da Rocha Viana

4.º ano: Liturgia – Côn. Henrique de Souza Brandão Eloquência Sagrada – Pe. Domingos José de Brito Canto-chão – Côn. Antônio Eleutério de Araújo Lima.

Págs. 66-67: Seminário de aulas preparatórias

Pág. 66: Reitor – Côn. Ludgero dos Humildes Pacheco

Vice – Pe. Pedro dos Santos Pereira

Alunos em 1872 – 36

Professores:

Pág. 66: Latim – Côn. Manuel dos Santos Pereira.

Francês – Mons. Carlos Luiz Amour

Pág. 67: Geografia e História – Côn. Ludgero dos Humildes Pacheco

Retórica e Poética – Pe. Domingos José de Brito

Filosofia – Frei João da Natividade

Alunos em 1872

Internos: 118

Externos: 38

Almanak da Província da Bahia organizado por Antônio Freire.

Bahia – Tipographia de José Gonçalves Tourinho – 1881.

Seminário de estudos preparatórios

Págs. 61-62

Reitor – Côn. José Alves de Lima Estrela

Vice-Reitor – Pe. José Pais de Azevedo e Melo

Professores:

Pág. 61:

Latim

1.ª classe – Côn. Pedro dos Santos Pereira

2.ª classe – Mons. Manoel dos Santos Pereira

Gramática Filosófica – Côn. João Alves de Lima Estrela

^(d) págs. 285-289

Francês

1.^a classe – Pe. José Paes de Azevedo e Melo

2.^a classe – Pe. Pedro Alves Campos

Gramática e História – Côn. Ludgero dos Humildes Pacheco

Pág. 62:

Reitoria – Côn. Pedro dos Santos Pereira

Filosofia – R. Joaquim do Espírito Santo

Seminário Archiepiscopal da Cura Eclesiástica

Págs.: 60-61

Pág. 60

Reitor – Pe. Pedro Alves de Campos

1) Vice-Reitor: Pe. Clarindo de Souza Aranha

2) Pe. Antônio Gonçalves Côrtes

Professores:

Pág. 60:

Teologia e História Sagrada – Dr. José Basílio Pereira

História Eclesiástica – Dr. Raimundo José de Matos

Direito Natural – Pe. Pedro Alves de Campos

Pág. 61

Teologia Dogmática – Pe. Clarindo de Souza Aranha

Direito Eclesiástico – Dr. Antônio da Rocha Viana

Teologia Moral – Dr. Romualdo Maria de Seixas Barroso

Liturgia – Côn. Henrique de Souza Brandão

Santo Gregorian – Pe. Maximino Xavier de Santana

Eloquência Sagrada – Côn. Pedro dos Santos Pereira

Substitutos – Dr. Emílio Lopes Freire Lobo
Pe. José Alves Martins de Loreto

D. Jerônimo Tomé da Silva

21.^o Arcebispo – 1983-1924

Primou pela assistência moral e intelectual do Clero baiano³².

Sintomático, por ter sido seu primeiro gesto, como Metropolita baiano, a visita ao Seminário, em 4 de março de 1894.

Cria, anexo ao Seminário Menor, em 1899, o Ginásio Arquidiocesano, ele que já apresenta, por iniciativa, a idéia de uma “Faculdade Metropolitana”, através dos Deputados Estaduais da Bahia, em 27 de maio de 1894.

Um retiro do clero foi implantado na Arquidiocese (4/11/1894) e, em 8 de dezembro de 1901, se instalou a meritória Obra das Vocações Sacerdotais, destinada à manutenção de alunos pobres no Seminário – disso fui beneficiado, depois – que teve como primeiro Presidente o farmacêutico Floriano Serpa, secundado por Felinto Bastos, que o sucedeu no cargo.

Em 1901, na Catedral, as famosas prédicas de Pe. Júlio Maria.

A Irmandade de S. Pedro dos Clérigos publicou, em 1.^o de novembro de 1908, a “Revista Eclesiástica”. Nessa, irá publicar nosso Guimã “Memória História dos primeiros tempos do Seminário” (agosto de 1915).

Reunido com Clero baiano, em retiro, impetra a graça para a vinda de padres, vítimas da Novembrada em Portugal de 1910, ao presidente Nilo Peçanha. Igualmente, obtivera liberação para pagamento dos lentes do Seminário, suspenso em todo o Império.

Doutor em filosofia (1869) – publicou, depois, um compêndio, tão injustamente causticado por Sílvia Romero. Doutor em Teologia (1874), pela Universidade Gregoriana de Roma, enviou 100.000 liras, em 1920, para custeio da instrução de dois seminaristas no Colégio Pio Latino-Americano³³ hoje desmembrado pelo Colégio Brasileiro, à Via Aurélia, onde muitos de nós residimos.

³² Cf. Muller, C. op. Cit., págs. 37-55, Magalhães, Walter, op. Cit., págs. 76-8 e outros.

³³ Em 1845, o primeiro padre baiano a cursar a Universidade Gregoriana, em que obteve graus em Teologia, Direito Canônico e Civil, foi João Pereira Ramos, depois lente no Seminário (Cf. Costa e Silva, Cândido, op. Cit., pág. 153).

“Haec satis”, para demonstrar quanto deve o Clero baiano a D. Jerônimo Tomé da Silva, de quem Cristiano Muller e Walter Magalhães tanto exaltam a amizade que sempre teve por parte dos sacerdotes da Bahia.

Cardeal Dom Augusto Álvares da Silva (22.º Arcebispo da Bahia, de 1924 a 1968)

A D. Augusto se devem — creio — especiais referências na história de nosso Seminário. Rememoro, grato e saudoso, sua lembrança, por convívio em palácio.

Transferido da Diocese da Barra (Bahia), por Pio XI, toma posse, como Primaz, em Salvador, a 21 de maio de 1925³⁴.

Já em 1927 o 1.º Congresso Arquidiocesano de Vocações Sacerdotais e, de 22 a 30 de outubro de 1949, o 1.º Congresso Nacional das Vocações Sacerdotais. Fundou, em 1961, a Universidade Católica de Salvador.

Chamou o “Apóstolo da Eucaristia e do Sacerdócio de Cristo”, bem inspirado, o Mons. Walter Magalhães, um dos agraciados pelo envio à Universidade Gregoriana de Roma.

Sua ação pastoral se dedicou bastante, aos seminários, que sempre visitava. Recebeu, no estádio da Fonte Nova, homenagens, aos 22 dias de outubro de 1961, nas bordas de sacerdócio, por 50 padres dentre muitos por ele ordenados, que concelebram missa. Era a demonstração grata pelo amor de todos os sacerdotes.

O Seminário Menor mereceu-lhe medidas profundas.

Providenciou, na cidade de Itaparica, instalações, perto da Fonte da Bica, em dois lances. Na parte principal, térrea, a Capela, dependências para eventuais estadas do Antístete e Comunidade religiosa das Irmãs dos Humildes, parlatório, refeitório, etc. Do outro lado do campo, em dois pisos, salas de aula, no térreo, e celas dos professores, no segundo andar. Aí residi e ensinei, logo orde-

nado, com queridos colegas. Lembro-me de peladas de futebol, da fonte da Bica, de viagens pelo vapor da Navegação Baiana, a especialmente “jogar” pela “meia travessa”...

Dificuldade financeira e, quicá, ocupação de padre a fazerem falta para encargos em Salvador, fizeram com que tenha sido breve a estada dos Seminários na Ilha. Estamos nos anos de 1941 a 1944, se não me engano: Mons. Walter Magalhães, um dos “itaparicanos” é pessoa indicada para historiar períodos e vida, como talvez alguns dos que retornaram ao São José.

Com a desistência de continuarem, na direção dos seminários, os lazaristas, cujo contrato com a Arquidiocese terminara em 1946, entrega D. Augusto, em 1949, a padres seculares a administração desses.³⁵

Omito, outrossim, relativos dados sobre “currículo” e seriações, nomes de ilustres professores que, desde o início, até hoje, mereceriam citados, pelo valor e dedicação no mister, “*ubi plures nitent*” (Hor; *Ars poética* v. 851), que dirão, como Panto, sacerdote de Apolo: “*Fuimus Troes, fuit Ilium et ingens gloria Teucrorum*” (Virgílio, *Eneida*).

O novo Seminário à Federação

Em terreno amplo, de que restam frondosas mangueiras, doado, parece, em parte da família Catharino, constrói D. Augusto, com Mons. Eugênio de Andrade Veiga primeiro e especial Reitor, por vários mandatos, da UCSal. — a quem chamava de “petit génie” — novas e amplas instituições dos Seminários Maior e Menor.

A UCSal., no prédio principal de seu “campus”, na Cardeal da Silva — herdeira da maior parte do terreno e instituições do Seminário — colocou placa a comemorar os 180 anos do primeiro Seminário de S. Dâmaso (1815) e com as datas 1954-1978, referentes ao tempo em que aí funcionou o Seminário, em plenas atividades.

A esse, pertenceram, com os usos diversos, outrora, o pavilhão principal, capela “retonda”, e outras dependências, agora modificadas e ampliadas, com demais construções, do antigo refeitório e adjacências. A

³⁴ Gostaríamos, no ensejo, de tentar mostrar que o criticado modo de agir, com frieza ou austeridade, parece dever interpretar-se como inconsciente modo de represar seu temperamento afetivo e sentimental — era poeta; claro que sua formação levava a exigências, aliás, comuns na época: por exemplo, o uso da batina. Conhecida sua frase: “é pela casca que se conhece o pau...”

³⁵ Azzi, R. Op. cit., vol II, págs. 390-1, sobre a Pastoral de 1949.

observar-se, com tristeza, que foram demolidas pela UCSal., instalações iniciais em amplo templo, que serviria, sem dúvida, para a assistência religiosa à comunidade circunvizinha!... Hoje, um grupo de abnegados professores mantém culto na primitiva “capela”, nas tardes das segundas-feiras e, onde, “de passagem” fazem orações alunos e mestres. Repetiria – desculpem a sinceridade (eu que, como ex-ministro da Igreja, não tive o prazer de construir sequer capela!...): “Haec Opertet facere, sed alia non omittere;”...

Mas voltemos ao nosso Seminário.

Na rua do Sodré, no ponto em que desemboca íngreme ladeira, por todos tantas e tantas vezes subida e descida, não mais os seminários de Sta. Tereza e S. José...

Em 10 de agosto de 1959, inaugurou Dr. Edgard Santos, Reitor da UFBA, aí, o Museu de Arte Sacra, objeto de convênio firmado com a Cúria Metropolitana, representada na pessoa de D. Augusto Álvaro da Silva – “árcaes ambos” (Virgílio, *Bucólica VII*).

Para preservar iniciais características do antigo Convento dos Terésios, foi demolida ala do Seminário Menor, construído no século XIX³⁶, em 1954.

Em 1954, passou o seminário para a Federação³⁷: aí ensinei e lá convivi com tantos alunos ilustres: Cândido, Prata, Sanches e tantos outros, em que não sei que admirei mais: se a inteligência ou o coração.

Em 1979, o Seminário constrói nova sede.

Uma reformulação

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ditou “diretrizes básicas da formação dos presbíteros da Igreja do Brasil em 1994³⁸”.

Trata-se de Decreto n.º 2/95 da 32.ª Assembléia Geral da CNBB (Brasília, 6/IV/1995).

³⁶ Cf. Mendonça, Floriano. Op. Cit., pág. 27 sgs.

³⁷ Sobre o Museu e o seminário, cf. Mattos, Waldemar. *Os Carmelitas Descalços na Bahia*, c. III, pág. 29 sgs. Salvador: tip. Manú, 1964.

³⁸ Cf. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. *Diretrizes básicas da formação dos presbíteros da Igreja do Brasil*. 1994. Documento de 33 folhas, em xerox, que obtive. Arquidiocese de São Salvador da Bahia. Formação Presbiteriais iniciais. Ano 2001, 87, sgs. GRAF PRINT.

Para nossos próprios, ressaltamos trechos da parte II a.

Enquanto, para os Seminários Menores e Instituições afins, se diz que não devem suprimir ser considerados “um seminário maior em ponto menor”, e se desejam “as instituições regulares com a família e com a comunidade de origem”. Para os Seminários Propedêuticos, se enfatizam “iniciação e aprofundamento da vida comunitária”, com o número crescente de candidatos, sem “passarem pelo Seminário Menor”. No folheto “Formação do propedêutico”: “É uma comunidade para um tempo de intensa convivência”.

Seminário Central São João Maria Vianney

Que notícias sobre nosso seminário, hoje?

Funciona no atual prédio, desde o ano de 1979 e tem o nome atual, a partir de 21/10/1995, por decreto do Cardeal Moreira Neves.

Não é tal casa de formação sacerdotal um Seminário Menor, e tem a seguinte formação: 1) Acadêmica, UCSal. (Instituto de Teologia, com os graus de tecnologia e Filosofia – esse em ligação com IFCH da UCSal. – cursos recentemente (2003) reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação; 2) Pastoral, espiritual, humano-efetiva e comunitária, na própria casa (AV. Cardeal da Silva, n.º 205). O período de formação abrange 7 anos.

Em 2003, 9 alunos concluem o processo formativo: 8 da Arquidiocese de Salvador e 1 da Diocese de Bonfim (BA).

Relativamente à ordenação sacerdotal: Média de 4 ou 5, com ordenação em 2003.

Seminário Menor

Não mais em conjunto como maior, nem – parece – com internatos “more antiquo”, alhures. Contudo, no opúsculo “Formação Presbiterial Inicial – Ano 2001”, da Arquidiocese de São Salvador da Bahia (Graf Print, p. 75) se arrola um “Departamento de Formação Espiritual” (São Vicente de São Paulo – Seminário Menor).

O Seminário Propedêutico

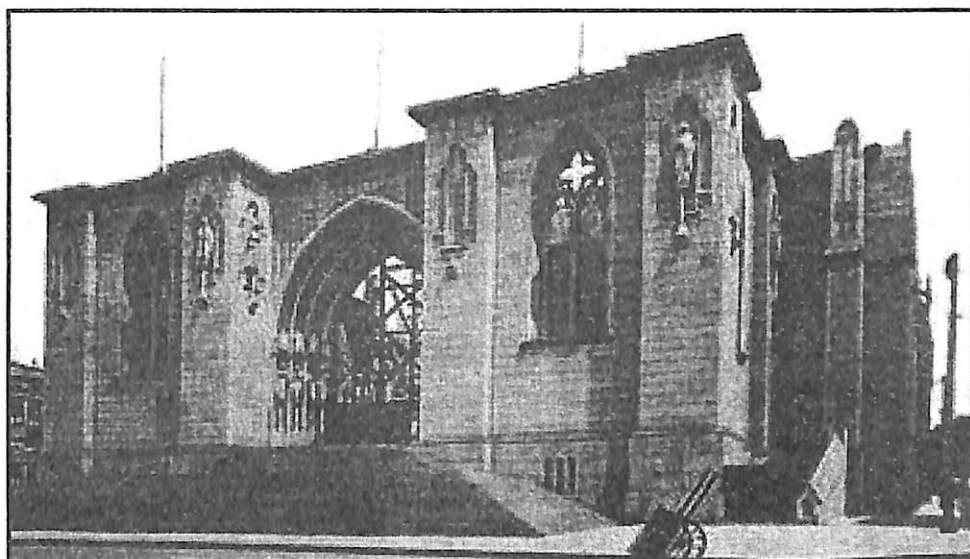
Em 12 de março de 1990, frei Lucas Cardeal Moreira Neves, O. P., inaugurou o Seminário Propedêutico Sta. Terezinha do Menino de Jesus, que teve como primeiro Reitor e vice, respectivamente, pes. João Carlos Petrini e Josafá Menezes da Silva. Funcionou, no começo, anexo ao antigo convento das Irmãs Dorotéias. É instituição de vida comunitária, com, no mínimo, 2 anos.

Em um novo prédio, na Av. Martin Afonso (n.º 720 – Garcia), foi inaugurado o centro Vocacional D. Lucas, a 20 de novembro de 2001. Aí funcionavam a Pastoral Vocacional, a CAAV – Comissão Arquidiocesana de Animação Vocal, o citado Seminário

propedêutico, neste ano, circunstancialmente, o 1.º ano de Filosofia – cujo patrono é Sto. Agostinho. Mas, já em 3 de setembro do citado ano, se haviam mudado os seminaristas. Para ingresso se exige conclusão do 2.º grau (Ensino Médio).

Não visamos, aqui, fazer a história de nossos seminários da Bahia, mas tão só, lembra-lhes o extraordinário valor na história da educação da Bahia, porquanto é impossível desconhecer, ignorar a contribuição ímpar dos formados ou egressos dessas casas de cultura ímpar na vida baiana.

O Guia Arquidiocesano 2003 arrola entre as “casa de Formação Presbiterial Inicial”, além das há poucas enumeradas, a “Escola de Formação Diaconal” na Cardeal da Silva e ao Garcia, (pág. 93).



Convento de Sta. Thereza

Ignoro as razões por que se optou em modificar antiga estrutura, relativamente ao regime prolongado de internatos: se circunstâncias econômicas ou passageiras formas de estatutos, se razões pedagógicas, à Piaget: “Não propor um ideal que admitido, urge amparado e favorecido por espécies normais, mas deixar que pessoalmente, em circunstâncias normais, se conscientize alguém do que espontaneamente descobriu e livremente alerta, até um definitivo e mais autêntico engajamento em carreira”. “Videant Consules”!

Hoje, ainda um monumental portão, em cujo frontal se vê imagem de Sta. Tereza d’Ávila, doutora da Igreja. Foi entrada, outrora, para Convento das Carmelitas Descalços, e, depois, para os Seminários. Agora é acesso para o Museu de Arte Sacra da Bahia, em função de convênio entre a Arquidiocese baiana e a Universidade Federal da Bahia, firmado pelo Cardeal da Silva e Reitor Edgard Santos – “árcade ambos”.

Talvez, nenhum lugar melhor para esse museu, nenhum museu melhor para esse lugar. Hoje, valores de um passado. Ontem, um passado de valores.

Prezados Acadêmicos,

Procurei mostrar, *“per summa capita”*, como os Seminários Arquidiocesanos da Bahia foram sementeiras de ex-seminaristas, ilustres em vários setores profissionais, máxime de beneméritos ministros da religião. arcebispos, bispos, párocos, curas de alma, e padres-mestres que, no trabalho de instrução e formação, como em atividades políticas ou patrióticas, deram ao nosso povo o melhor de si. Ah! O ilustre **clero baiano**...

“Conta as estrelas, se puderes... Mas quando passageiros luas te encantarem a vista, lembra-te que, num permanente céu, há uma Via Láctea pontilhada de milhares de estrelas, ora não percebidas, mas que constituem um mundo de familiares e educadores, que nos formaram mente e coração.

Posteriormente, não me empenhei em citar nomes de inúmeros educadores e ilustres homens públicos que se formaram ou exerceram magistério no Seminário, porquanto desejei apenas enfatizar instituição formadora de mente e coração.

Escolhi uma de que fui testemunha, deixando de enumerar um sem-número de outras, em mais diversos níveis ou setores, formadoras de gerações, sob a inspiração dos Evangelhos.

Julguei incentivar pesquisas, no setor educacional, à guisa do pedido que fiz aos companheiros Acadêmicos, desde que fui honrado com o cargo de diretor de Arquivo e Museu, neste sodalício. Lembro-me haver promovido um levantamento de dados históricos de nossos Patronos, como inicial resgate da história da educação na Bahia. Cumpri meu dever em ressaltar a figura de Possidônio Dias Coelho, talvez o mais desconhecido daqueles. Mínima foi, no caso, a colaboração de companheiros, em fornecendo material para nosso acervo; ousou renovar apelo!

Impende se escreva a história da educação na Bahia. Tarefas divididas facilitarão, em todos os setores, tal serviço, que me parece o mais importante de nossa academia. Lembro famosa frase: *“Haec oportet facere, sed alia non omittere”*... – prioridade, não exclusividade...

Mas, volto aos meus Seminários.

Curat Episcopus agris zelo semina Christi Officiis crescunt mystica templa Dei.

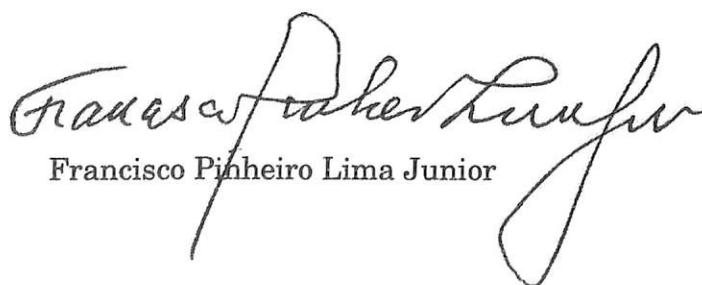
Undique scholas fida petit studiosa juvenus, Semper doctrinis perficienda sacris.

Heu, quam pervolat usque fugaci tempore vita: Ibimus ignoti, laetiti aequae sonus...

Tu genitrix et docta magistra fuisti, Cordibus ac anima, nunc, memoranda Domus!

Sim, priorizam os Bispos o cuidado com sementeira, onde crescem os loureiros do Senhor, e o juventuue, sequiosa do saber sagrado, confiante a ela acorre.

Muito embora passemos todos, na voragem do tempo, como as alegres sonoridades. Tu, que foste, na vida, mestra e mãe, és para a alma e coração, ainda, agora, sempre lembra a casa...



Francisco Pinheiro Lima Junior

DISCURSO DE RECEPÇÃO NO CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO PROF. DR. THALES DE AZEVEDO (homenagem pelo centenário de nascimento)

Leda Jesuíno

Dirigimo-nos, neste momento, ao Exmo. Sr. Presidente deste CEE, aliás, com mais calor humano, ao professor Raymundo Matta, nosso ilustre e caro amigo de sempre, acostumado aos louvores e às críticas do mundo educacional movido e incerto em que vivemos. Ao Egrégio CEE como um todo, organicamente constituído, a cada ilustre de seus membros, de per si, que o dignificam e consolidam as altas funções que o justificam; e, especialmente, voltamo-nos a quem honra a nossa reunião ordinária de hoje com a sua presença altamente significativa para esta casa, para receber dela não apenas uma modesta homenagem, mas também, e principalmente, o reconhecimento dos seus elevados méritos, revelados, muitos deles, pela sua forte atuação no panorama do Estado. Um mestre de mestres, cientista social consagrado e, indiscutivelmente, um dos últimos humanistas puros do nosso contexto científico-cultural, o emérito professor Thales Olimpio Góes de Azevedo, a cujo nome Almeida Gouveia¹, ao receber o nosso mestre na Academia Baiana de Medicina, acrescentou um *h* e um *y* por merecer, o mesmo, as honras gregas e olímpicas que essas letras confeririam à sua personalidade.

Se voltarmos á Grécia, precisamente em Mileto, seis séculos antes de Cristo, encontraremos um certo senhor acatado em todo o mundo intelectual do Ocidente, cujo nome encabeçou uma das mais honrosas listas da história do pensamento humano, aquela que engloba os que foram considerados como sendo os sete sábios da Grécia: Thales de Mileto tem estado presente nas primeiras páginas dos livros que nos ensinam os primórdios da evolução do espírito humano em sua desesperadora busca da verdade.

Se retrocedermos quarenta anos e nos situarmos na velha Cidade do Salvador, encontraremos um certo senhor também chamado Thales, sentado nos toscos bancos dos bondes que circulavam pelas nossas estreitas ruas, conduzindo-o para velhos casarões, levando consigo um especial e predileto amigo que discretamente o acompanhava e que, acredito, até hoje lhe faça companhia: o livro.

E assim, de mansinho, como se nada fosse acontecer, passo firme, em ritmo regular, discretamente, sua figura se destacava, pois dela emanava uma certa sabedoria que não advinha só da erudição ou mesmo dos conhecimentos hauridos nas bibliotecas. Vinha com a certeza de um *modus vivendi* fundamentado numa estruturada filosofia de vida que lhe permitia não só observar os fatos, mas atuar sobre eles dentro de uma ótica abrangente, globalizadora e, sobretudo, muito realista e, por isso mesmo, impregnada de uma certa sabedoria, tão rara quanto apreciada.

Não sabemos até que ponto – divagam assim os psicólogos – as relações onomásticas funcionam. Porém em algumas correntes psicológicas - como aquela que Erich Berne, condensando Freud para os operários, aplicou nos Estados Unidos e que se vem introduzindo em todo o mundo contemporâneo, o da Análise Transacional – é admitida a por demais ousada hipótese científica, mas não rejeitada, que não é assim tão por acaso que o nosso nome vai influenciando nossa personalidade, e mesmo nossa estrutura pessoal vai-se impregnando da essência do nome com que nos batizaram.

Aos sete sábios da Grécia, os famosos e lendários Solon, Periandro, Bias, Cleóbulo, Pitaco, Mison e Thales de Mileto, liderando-os, estão atribuídas máximas e assertivas que se tornam, na pessoa do nosso querido mestre, uma realidade, não por uma mera assimilação intelectual, mas por uma capta-

¹ Publicado em *Scientibus* – Revista da Universidade de Feira de Santana. Ano III, nº 5, janeiro-junho, 1986, págs. 121-9.

ção intuitiva e genética que se expressou ao longo de sua vida em atos de cada dia, que se enfeixam no seu comportamento global como cidadão, empenhado sempre, sem tergiversar, no cumprimento de seus múltiplos deveres.

Que tudo isso possa parecer estranho aos ilustres conselheiros que conjecturam neste momento que correlações possam ser estabelecidas entre o pensamento filosófico de 26 séculos atrás e a vida de um ilustre, porém modesto professor de antropologia de uma cidade do 3.º mundo, não nos surpreende, mas concitamos a considerá-las, levando-os, os que nos desejaram acompanhar, até os mais antigos fragmentos do século VI a.C. através de um dos mais indiscutíveis tratadistas do assunto: Rodolfo Mondolfo. E lá encontraremos os sábios da Grécia sob a batuta do maior deles, o nosso Thales de Mileto, assim pontificando com o amigo Solon: “A mais difícil entre todas as coisas é assimilar a invisível medida da sabedoria que traz consigo – e só ela – os limites de todas coisas.” E também se posicionando com as seguintes inscrições em Delfos: – ‘*Ne quid nimis*’ (Nada em excesso) e ‘*Gnothi se auton*’. (Conhece-te a ti mesmo)².”

E comenta Platão: “Esta era a forma da filosofia dos mais antigos, de uma concisão lacônica”, refletindo-se àquelas que abriram com Thales as páginas da filosofia ocidental.

Lá o encontraremos aconselhando com Cleóbulo – “Ótima coisa é a medida” e enunciando a máxima maior: “A igualdade não gera guerra” que, qualquer homem de hoje, empenhado num mundo melhor, pode subscrever, não sei, porém, se pode vivê-las, impregnando-as na sua quotidiana conduta.

Essas profundas advertências de moderação e medida, lançadas aos homens como trilho seguro para suas caminhadas pelas estradas da vida, seja no plano teórico da ciência pura, seja no plano axiológico, ético-religioso da ação, foram, afinal, pelos sete sábios da Grécia – conta-nos Platão, no seu famoso diálogo “Protágoras” – fixadas no templo de Delfos, como primícia de sua sabedoria.

Não era preciso dizer mais. Toda uma diretriz estava nelas contida, como todas as grandes verdades encerradas, quantas ve-

zes, em pequenas e singelas fábulas.

Naqueles velhos casarões de Salvador, hoje tombados como patrimônio histórico, alguns deles, onde a figura singular do nosso pesquisador ilustre ensaiava seus passos firmes, ora dirigindo e presidindo a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência, ora integrando a invejável equipe de Isaías Alves, que fundava, na década de 40, a Faculdade de Filosofia e Letras da Bahia, sempre um traço marcante caracterizou o seu *modus vivendi*, dando força à sua personalidade: o senso da justa medida, a exata noção da força de uma atuação moderada, serena, sem vaidade, conhecedora dos limites.

Não se trata aqui de louvar o cientista insigne, de pesquisas publicadas e analisadas na seara da Antropologia Social, da História e da Etimologia. Não nos atrevemos a tanto. Aprendemos com o mestre a respeitar os limites. Professores e cidadãos da nossa comunidade apresentam-se em enaltecer, num dever de justiça, os méritos do estudioso que hoje compartilha conosco a suprema virtude, aquela preconizada pelo seu homônimo há 26 séculos: “A invisível medida da sabedoria”. Apenas deseja descaracterizar um pouco a imagem do cientista (como se isso fosse possível) para – como fazem os arquitetos –, num corte em planta baixa, deixar em foco de visão o sábio que se incrustou no cientista, para manipular, sem os excessos da vaidade e da ambição tríplice – do poder, da riqueza e da glória –, os conhecimentos científicos.

Seria uma difícil tarefa esta a que nos propomos, não fora – e só por isso o fazemos – o testemunho público de seus conterrâneos, seus alunos, seus colegas, e das suas obras, e o testemunho existencial da nossa convivência pessoal com Dr. Thales de Azevedo. Não fora, sobretudo, a riqueza da sua própria personalidade permitindo análises angulares.

Ouçamos, então, nesta ordem de idéias, o testemunho de uma das suas mais brilhantes alunas, Consuelo Pondé de Sena: “Com termo de estreitas riscaduras cinzas e brancas, de camisas claras e insólidas, gravatas borboletas, destacava-se pelas simplicidade, junto aos seus colegas de magistério”³. Através dessa simplicidade, exteriorizava algo muito profundo e inerente ao seu

interior. Esta qualidade rara fez com que seu colega de turma, Raymundo Almeida Gouveia – também meu mestre de Medicina Social nos anos 50 – desse o seu testemunho. Ouçamo-lo como comprovação da nossa tese de onomástica correlação, nesta casa de educadores, onde é tão importante a formação moral do homem: “O homem revela-se no que escreve e na forma do que escreve [...]”. Em Thales de Azevedo isto é bem evidente. Sente-se a sua presença no que escreve. A mesma sabedoria no uso de idéias, no emprego de palavras, na tomada de atitude. A mesma serenidade, prudência, comedimento, sensatez, senso de oportunidade que o fazem ser um tipo humano organizado, equilibrado, controlado, que se anima, compensadamente, dos desejos de segurança e correspondência, para lembrar-me dos conceitos de William Thomas: “Não adota os excessos, nem cultiva os abusos; moderado, aparentemente frio, por dentro, queimam lavas”. E, com se tudo isto não bastasse, para reforçar a correlação que desejo evidenciar do nosso mestre com as máximas dos sábios gregos, o professor Gouveia v em ao nosso encontro e afirma: “Ele tem a moderação dos que conhecem as suas limitações, não é categórica nas afirmações, nem peremptório nas conclusões. Por vezes, não se define, lança os fatos e as idéias e deixa o leitor ou o ouvinte tirar as conclusões”. Testemunho de quem, numa convivência diária anos a fio, pode aquilatar a exata proporção das suas qualidades e o faz definindo a sabedoria de Thales de Azevedo numa frase tão curta quanto verdadeira: “Um homem certo que sempre se colocou em lugar certo”.

E o testemunho altamente confiável de José Silveira, o retrato em moldura adequada: “discreto, tímido, mais inclinado ao reconhecimento e à meditação”, como citado pelo Prof. Gouveia.

Como o famoso Thales de Mileto, pois transmitia, pela sua personalidade firme e bem estruturada, a sabedoria do “*Ne quid nimis*” e, como os jônicos de Mileto, sempre soube que “ótima coisa é a medida”. Como o sábio grego, apresenta-se perante a comunidade que aplaude e admira, exibindo duas características da época antropológica da filosofia grega: a preocupação com a Justiça Social (a famosa questão social) com a pro-

blemática do “*nosce te ipsum*”, que Thales inscreve em Delfos – e que depois se torna, com Sócrates, o tema central de suas aulas nas ágoras atenienses – e, sobretudo, com a igualdade de oportunidade.

“A igualdade não gera guerras”, simples fragmento milenar, aflora-nos como a ansiedade do **homo politikon**, que de Aristóteles chega até nós e toca o nosso homenageado de hoje, transformando-se na pedra angular de seu endereço científico: a Antropologia Social. Não permaneceu inerte no campo teórico da análise científica pura. Partiu para o campo d ação. Esta força de agir não foi possível sopitar nele.

Como seu homônimo grego, que, em Delfos, inscreveu suas corajosas afirmações, o nosso querido mestre foi à luta e a sua “preocupação com os problemas humanos, derivados de uma ordem econômica e social que afeta tanta gente e a leva a sofrer sem condições de fazer algo em si mesma”, como ele próprio declara textualmente em recente entrevista ao professor Raymundo Souza, consegue fundar a Escola de Serviço Social da Bahia, com um grupo de excelentes professores que com ele se congregam por um ideal: harmonizar o Amor e a Ciência no serviço ao próximo. Os ideais e as metas sempre estiveram claras nos seus planos de vida.

Talvez por isso, ao penetrar nos velhos casarões onde se instalavam as instituições *in fieri*, que iniciavam suas atividades entre os fios tênues das incertezas e das dúvidas, levasse consigo uma concepção filosófica aberta às inovações e à noção exata da dimensão do pioneirismo.

Creio que usamos, sem sombra de engano, a palavra correta, e aqui entra o nosso testemunho pessoal.

Muito iniciativas inovadoras deslancharam-se e, até hoje, permanecem com a sua ajuda e seu integral apoio. Mais uma vez, ambos os Thales, o novo e o antigo, como pioneiros, abrindo insuspeitáveis perspectivas ao seu próprio povo e figurando nas primeiras páginas nas histórias de suas cidades, colocam-se no campo aberto da sabedoria onde o discurso intelectual do homem serve apenas de ferramenta executiva, sob a batuta diretiva da intuição.

Quando, na novel Faculdade, teve de

assumir a responsabilidade de uma cátedra e complexa, compreendeu algo que era necessário congregar em volta de si um núcleo de recurso humano gerador de conhecimentos. E, como pioneiro, organizou os famosos seminários, atraindo os estudantes e professores para debates férteis e promissores.

Estivemos presentes algumas vezes, porque os horários não permitiam o acompanhamento assíduo; mesmo assim, limitado, o proveito foi haurido. “O mundo é um círculo estreito” afirma um dos maiores filósofos orientais do mundo contemporâneo – Swami Vivekananda: “Não temos paciência de olhar um pouco além e por isto nos tornamos perversos e imorais”.

Dr. Thales nunca se restringiu aos círculos estreitos e, por isso, na Escola de Serviço Social, preparou as primeiras assistentes sociais do Estado, assim como preparou, na Faculdade de Filosofia, os primeiros mestres com formação específica: os licenciados.

Desse seu pioneirismo nós participamos, contaminados pelo seu entusiasmo, com o amor no coração, a busca do conhecimento na mente e o altruísmo na alma, uma grande trilogia gravada a ferro e fogo nos corajosos que inovam e são surdos às críticas e aos vaticínios dos observadores à distância, que teorizam a educação jamais penetrando na seara prática do “que fazer educacional”. Estávamos entre os primeiros licenciados e os primeiros assistentes sociais, recebendo o diploma de suas mãos, fazendo parte da 1.^a turma de formandos da Faculdade de Filosofia e da Escola de Serviço Social da Bahia.

Na direção do Departamento Cultural da UFBA, mais uma vez, numa visão inovadora, debruçou-se o mestre sobre a problemática do vestibular, e, como isso era mera rotina do seu ofício, deu um passo adiante: interessou-se pelo Ensino Médio – o atual 2.^o Grau. Descia a Universidade da sua torre de marfim para realizar a tão sonhada articulação dos níveis: o 3.^o e o 2.^o Graus no grande encontro. Reuniões foram promovidas, levando o Reitor Albérico Fraga a convocar professores do Ensino Médio a discutir o problema. O que hoje vos possa parecer o óbvio representava, naquele momento, um gigantesco passo para sair e universidade do

seu círculo estreito onde, infelizmente, se encontra até hoje.

Seu pioneirismo o fazia prosseguir. A primeira comissão designada pelo magnífico Reitor Miguel Calmon – talvez o mais magnífico dos magníficos Reitores com quem tive a honra de trabalhar –, para proceder análises e estudos da Reforma Universitária, estava composta de eminentes professores como Jorge Calmon, Carlos Simas e Thales de Azevedo.

Foram dias de intensa produtividade, culminando no documento básico da Reforma.

Pelas suas mãos fomos conduzidas, muito jovem e apedeuta às tarefas que, sem duvidar da nossa competência, enfrentamos com seu estímulo, sua compreensão e seu pioneirismo, que carregamos sempre, em batalha com o ambiente conservador e resistente.

Ao ingressarmos no Hospital Santa Isabel, na década de 40, para organizar o Serviço Social daquele Hospital de 800 leitos, embora com o apoio de Aristides Novis, não se sabia que tipo de profissional era uma Assistente Social.

Os limites do serviço social em área médica, sobretudo, se tocam com a enfermeira, a nutricionista, o médico e o psicólogo, em delicadas interfaces, num trabalho interdisciplinar. Na década de 40, esta visão era distante e utópica. Justamente por isso, muitas vezes o pioneirismo de Dr. Thales levou-nos aos impactos sofridos e às lágrimas das primeiras lutas do profissional incompreendido. Esta foi a nossa missão porque, ao sairmos da Faculdade de Filosofia como licenciada e assumirmos o ensino de Filosofia no Colégio Sofia Costa Pinto, o velho e querido mestre de matemática Tenório de Albuquerque abraçou-nos apreensivo e desconfiado: parabéns, minha filha, é uma turma de rapazes muito inteligentes. Sente-se mesmo preparada? Coragem! E nos jogou na arena, da qual saímos vivos.

Do pioneirismo de Thales de Azevedo e de Isaías Alves, somos cobaia exemplar, daquelas a quem se inocula a dose máxima porque o entusiasmo anestesias o medo. Nosso entusiasmo era absorvido dos mestres.

Que algo mais havia naqueles mestres do passado, que de seus ensinamentos se

impregnava o discípulo incipiente e imaturo?

Que substância mágica traziam nos seus alforjes que espargiam entusiasmo e fé aos seus alunos, que se tornavam muitas vezes magnetizados pela sua imagem?

Saudosismo piegas, em conseqüências das mudanças subjetivas causadas pela velhice que chega e torna alvo os cabelos negros? Ou mudanças objetivas, reais, trazidas no bojo do materialismo inconseqüente que desenvolveu um intelectualismo vazio, conduzido por uma dialética estéril, quebrando elos da corrente férrea de valores consolidados?

A ciência não exorbitou, mas o cientista esqueceu seu humanismo e a manipulou sem ouvir os impulsos do seu coração. E os perigos do orgulho, da arrogância, da estreiteza, da ignorância o dominaram, jogando-o no campo da técnica ateleológica. Qualquer comportamento que esqueça o sentido teleológico da vida esgota-se no absurdo de sua aridez.

Apóio-me grande pensador dos nossos tempos, Paul Brunton, jornalista inglês, acostumado aos conflitos humanos de duas civilizações, tentando titanicamente, numa obra singular, unir o Ocidente e o Oriente. Ouçamos a sua voz clara e lúcida. “A atividade do nosso progresso externo e superficial cega os olhos dos homens para a verdade que nenhuma civilização incapaz de lograr o equilíbrio entre as forças materialistas e as forças espirituais pode suportar. O seu próprio materialismo pesado, finalmente, a faz vacilar. Este é o significado apocalíptico dos acontecimentos contemporâneos que abalam o mundo. Os expositores da ciência popular quedavam extáticos ao retratar o paraíso a que a ciência aplicada nos estava conduzindo [...] Não perceberam que o caráter ético do homem, os seus motivos atuantes, as suas atitudes para com os semelhantes e, acima de tudo, a sua compreensão dos fins supremos da vida ainda são a verdadeira força que move a maçonaria proporcionada pela ciência”⁴.

O nosso querido mestre, que se senta hoje entre nós, não se deixou enganar pelo intelecto que costuma dar a ilusão da verdade; a empáfia dos que se dizem gênio não o visitou nas suas noites elucubrativas; não se deixou tocar pela unilateralidade da Ci-

ência; não se envolveu demais na Torre de Babel que a Ciência e a Civilização, a Economia e a Política estão edificando.

Não advogou a Ciência que sai em campo a investigar o universo em todas as direções exceto uma — o próprio cientista. Suas preocupações foram além da superfície e, enfocando o Homem como ser integrado, guardou na sua ótica a concepção espiritualista cristã. Ao ser perguntado qual o seu ideal de felicidade terrestre, responde o nosso homenageado: a virtude cristã. O que gostaria de ser? um trabalhador desejoso do bem, sem interesses materiais.

Sofre com a prepotência, os orgulhos tolos, as desigualdades, a arrogância, e aprecia no homem a honestidade, a firmeza, a lealdade, a fortaleza no sofrimento.

Não esqueceu o caro mestre que a mesma Ciência que nos diz que só devemos buscar a verdade nos fatos aduzidos pelos sentidos, também nos diz que os próprios sentidos são limitados, indignos de confiança e imperfeitos. O homem de fé, tantas vezes criticado pelo cientista, bem poderá rir-se da ironia dessa situação.

Não se emaranhou o mestre nos abundantes conhecimentos, nos exaustivos exercícios dialéticos da razão, que produzem teses e mais teses em noites de vigília em pesquisas sofisticadas. Não se afastou o nosso mestre da compreensão moderadora, da experiência amadurecida, da habilidade no lidar com os homens e do amor a um ideal. Fundiu o teórico e o prático, o saber e a virtude, a razão impregnada da moral que o faz, como a serpente, “conhecer os caminhos para vencer pelo conhecimento do bem as cidades que os males opõem à existência do homem sobre a Terra”.

Como o Thales da Grécia antiga, em Mileto, Thales de Azevedo não só pregou essas verdades; “Ótima coisa é a medida; a igualdade não gera guerras; nada em excesso; e conhece-te a ti mesmo”, colocando a preocupação do homem como o objeto nobre da suprema ciência.

Como Thales de Mileto, o nosso homenageado de hoje figura nas primeiras páginas da história cultural e educacional da Bahia, não só como cientista social, mas, principalmente, como um sábio, porque sábio é no dicionário de filosofia de Ferrater

Mora “o único homem que desfruta de autêntica liberdade, porque a liberdade não é a possibilidade de mover-se livremente entre contingências diversas, mas a serena aceitação da fatalidade que o mundo revela. Por isso o sábio se vai retirando de si mesmo (rechaçando, portanto, o egoísmo) e vai transformando o bem, não o bem para si mesmo, mas para os outros. Aceita com serenidade o seu destino, com a devolução à natureza, no instante da sua morte, de tudo que legitimamente a ele pertencia”⁵.

Muitos os intelectuais, poucos os sábios, mas estamos diante de um deles, desses homens que, como Bergson, não endeuaria a razão e procuraram ouvir os impulsos intuitivos que lhe chegavam do infinito.

“A tremenda luta da razão contra a paixão da intuição contra a sugestão, da verdade contra o interesse pessoal, da individualidade contra a massa, da contemplação contra a convenção, é uma luta sem fim. Mas também é uma luta honrosa”. Estas palavras sábias de um pensador como Brunton nos chegam como um retrato da luta que trava o homem honesto dos nossos dias, para não ser tragado pela avalanche pragmatista e de um cientificismo árido, de que Dr. Thales é, sem dúvida, um lídimo representante.

Queridos pares deste colendo Conselho. Permite que vos fale agora na 1.^a pessoa do singular. Não trago só comigo a responsabilidade culposa de não ter dirigido ao nosso querido mestre de mestres as sábias palavras que deveriam representar a jóia, em estojo de esmeralda, como dádiva e homenagem concreta deste CEE ao ilustre visitante. Ela é dividida com o presidente desta casa que vos lidera e que me designou para esta missão honrosa. Aceitei a incumbência, acreditando apenas que todo o respeito, a admiração e a amizade dos senhores conselheiros pelo grande mestre pudessem transmitir-lhe, neste momento, em ondas vibratórias não visíveis ou palpáveis, mas nem por isso irreais —, toda a energia e o calor humano de que ele necessita para prosseguir trabalhando, produzindo na linha contínua da vida, jamais interrompida, e que certamente as nossas palavras, por si só, não poderiam fazê-lo.

Querido mestre, ao aceitar, com a hu-

mildade que até agora caracterizou a vossa conduta, esta homenagem, desejamos que o façais como aquele velho sábio da Grécia antiga, o famoso Diógenes que, desejando apenas o sol para aquecê-lo, pedia ao grande Alexandre que se retirasse da sua frente, porque o estava impedindo de ser aquecido. Retirai, mestre, todo o peso formal do órgão que hoje vos recebe e homenageia e permiti ser envolvido na amizade ensolarada e tépida que vos aquece e oferece, simbolicamente, a gratidão da Bahia, por tudo que contribuístes para o seu engrandecimento, muito mais doando-se do que simplesmente dando, não precisamente pelo que foi por vosso trabalho entregue à comunidade que vos aplaude, mas pela vossa maneira de amá-la e respeitá-la, dignificando-a sempre com as vossas acuradas análises, fruto de preocupações antropológicas, que vos tornaram um símbolo daquele homem que acredita na reforma interior da natureza humana, como básica condição de uma sociedade melhor. A ilusão do social não vos conturbou o eu espiritual que vos anima e faz acreditar que precisamos de homens melhores para uma sociedade melhor. Que o Real da Vida não perturbe o ideal do Sonho que, com vossas próprias palavras, foi assim definido: “Uma vida tranqüila e realizada”.

“*Macte animo, sic itur ad astra*”. Mantende o ânimo, querido mestre, assim ireis até os astros, porque não está terminada a vossa tarefa. Ela se prolongará em outras dimensões... **Ad aeternum...**

REFERÊNCIAS:

1. GOUVEIA, Raymundo de Almeida & AZEVEDO, Thales de. In: ANAIS da Academia de Medicina da Bahia, Salvador, jun., 1979. v. 2.
2. MONDOLFO, Rodolfo. **El pensamiento anti-guo**. Buenos Aires: Editora Losada, 1942.
3. SENNA, Consuelo Pondé de. Meu Convívio com dois mestres das Humanidades. **Diário Oficial [do] Estado da Bahia**, 26 ab., 1984.
4. BRUNTON, Paul. **A crise espiritual do homem**. São Paulo: Pensamento, 1973.
5. MORA, Ferrater. **Dicionário de Filosofia**.

DISCURSO PELA POSSE

do Professor Dr. Roberto Figueira Santos

na Academia Baiana de Educação

Leda Jesuíno dos Santos

“O desenvolvimento da sociedade e o progresso da Universidade costumam resultar em um círculo virtuoso, quando positivo e em um círculo vicioso, se negativo.”

Alceu Peixoto Pimentel (Membro do Conselho Federal de Medicina).

Não é sem razão que a Academia Baiana de Educação marca hoje, no seu calendário, uma data significativa. Muito ao contrário, há razões justas e relevantes para assinalar um momento especial na sua vida, que já conta mais de uma década de lutas, acertos e desacertos naturais às instituições culturais do nosso ambiente, provinciano ainda.

É um momento de júbilo especial porque diferenciado no tempo, porquanto esta Academia acolhe, no seu seio, um ilustre cidadão baiano – o Dr. Roberto Figueiras Santos – que, pelo seu perfil, se situa dentro de um novo paradigma científico e, pela sua trajetória existencial de mais de meio século, vem demonstrando uma constante e lúcida preocupação com a problemática educacional de seu país.

A educação constitui o tem preferencial das reflexões profundas e abrangentes emitidas nos seus discursos, palestras, trabalhos, pronunciamentos, que refletem a prioridade que se estabelece na sua tela mental, pelo anseio de ver a melhoria da qualidade de vida de seu povo através da educação que lhe deve ser propiciada.

Seu ideal transparece nesta suas palavras: “No intenso ritmo que imprimida as minhas tarefas hospitalares, sentia-me cada vez mais comprometido com os propósitos de melhoria da qualidade de vida dos mais carentes da nossa população¹.”

Estas elucubrações foram-se fortalecendo e levaram-no à militância política: “Fui acumulando impulsos que, alguns anos mais tarde, me levaram à atividade política. É por isto – confessa – que, na minha vida pública, facilmente se identifica a constante preocupação com os que nunca tiveram acesso aos benefícios da vida moderna e se têm mantido à margem do processo de desenvolvimento econômico e social”².

Considera a Educação “como a maior prioridade dentre as iniciativas capazes de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das futuras gerações”. Reconhece-a “como componente essencial à maior criação de riqueza e à sua melhor distribuição” e, ainda, como “fator decisivo para o crescimento econômico de um país como o nosso”³.

Estas considerações tornam-se motivos de seus pronunciamentos como Deputado Federal no seu quadriênio de atuação (1995 a 1999), e temas de grande relevância no panorama educacional do País são trazidos à baila pela sua argumentação lógica, seu empenho de cientista e, sobretudo, sua experiência de educador. Estava convicto de que o processo legislativo no qual estava inserido, não podia prescindir do saber para o adequado desempenho de suas funções. Tinha plena consciência de que se preparara, ao longo do tempo, para o tratamento de assuntos de maior relevância no âmbito científico-cultural.

² Id., loc. cit.

¹ SANTOS, Roberto Figueira. **Vidas paralelas**. Salvador: EDUFBA, 1997. v. 1, pág. 127.

³ SANTOS, Roberto Figueira. Deputado Federal. Um mandato parlamentar a serviço das causas sociais. Brasília: Centro de Documentação e Informação/Coordenação de Publicações, 1998.

Certa vez, um mendigo, sentado há anos num velho baú, pedia uma esmola a um sábio transeunte, para quem ele estendia as mãos. O sábio perguntou-lhe o que havia dentro daquele baú no qual estava sentado. Nada, redargüiu o mendigo. Abra-o, disse o sábio. Ao abrir, o mendigo ficou estarrecido com as muitas moedas de ouro contidas naquele velho baú que lhe servia apenas de banco. Não sabia que possuía um tesouro.

O jovem, inquieto e muito aplicado estudante de Medicina, aluno de Cezar de Araújo e discípulo de Adriano Ponde, que adorava o desafio dos diagnósticos difíceis, mais do que as indicações terapêuticas, sabia que, dentro de si mesmo, tinha um raro tesouro: determinação, força de vontade, coragem, autodisciplina, dedicação, capacidade de trabalho e de liderança, bagagem científica, experiência administrativa de magistério e, sobretudo, a certeza da importância da educação e da ciência no processo de desenvolvimento do Brasil.

Soube, indiscutivelmente, como utilizar este tesouro ao longo de sua vida, seja na sala de aula como professor de Medicina na UFBA, seja nos laboratórios de pesquisas, nos ambulatórios ou nas enfermarias do Hospital das Clínicas, hoje Hospital Universitário Professor Edgard Santos, com os “indigentes” que muito lhe ensinaram, segundo reconhece, seja nos altos cargos que assumiu na administração pública do País:

- Secretário de Saúde Pública do Governo do Estado da Bahia em 1967, na gestão de Luiz Vianna Filho;
- Reitor da Universidade Federal da Bahia, nomeado pelo Presidente da República, para o período 1967/1971;
- Presidente do Conselho Federal de Educação, de 1972 a 1974, eleito e reeleito;
- Governador eleito do Estado da Bahia, de 1975 a 1979;
- Presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Técnico e Científico – CNPq, nomeado pelo Presidente da República, de 1985 a 1986;
- Ministro da Saúde, nomeado pelo Presidente da República de 1986 a 1987;

– Deputado Federal pelo Estado da Bahia, de 1995 a 1999.

Para alcançar este elevado patamar, havia galgado só lidos degraus, que representam a base significativa do êxito de seu desempenho.

Sua permanência de três anos no exterior, em Nova Iorque, Michigan e Boston, no início de sua carreira, dedicando-se à pesquisa, fortaleceu-lhe a vocação inata de cientista, com características que foram despertadas na convivência do seu pai, num lar diferenciado pela figura paterna, de incontestável valor, o inesquecível Dr. Edgard Santos, de agradável companhia, com quem convivi um pouco no bairro da Barra onde morava, quando ele brincava com a neta Maria Caetana e minha filha Leda Maria, ambas muito crianças ainda, acolhida no seu colo de avô carinhoso e meigo.

Sua convivência com renomados médicos, chefes de serviço como o Professor Leaf em Boston, no Massachusetts General Hospital e com autoridades no campo científico; os contatos com fundações como a Kellogg, Rockefeller e com Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos; seu fascínio pela literatura periódica que o levou, conforme declara, a ter 30 revistas médicas assinadas, com recursos pessoais, como forma de suprir a irregularidade do acervo das nossas bibliotecas institucionais; suas viagens à Europa onde, em Cambridge, permaneceu como bolsista de pesquisa no Departamento de Medicina Experimental, por indicação do Professor Carlos Chagas, tudo isso propiciou-lhe abertura de horizontes culturais, ensejada pelo convívio com cientistas e professores desses grandes centros de pesquisa, como afirma no seu livro **Vidas Paralelas**.

Na Holanda, Bélgica, Alemanha, França, Suécia, Noruega, Dinamarca, etc., sempre visitou museus, ouviu as melhores orquestras, assistiu a peças teatrais da melhor qualidade e lhe foi possível, principalmente, usufruir as delícias culturais de Paris, o que não impediu, contudo, que aflorasse a sua veia de pesquisador, visitando os institutos, os hospitais, as cidades universitárias, como a de Uppsala, os laboratórios científicos, trocando idéias com insígnies professores pesquisadores.

As três teses defendidas com êxito, versando sobre assuntos de grande atualidade internacional, representaram mais um passo na sua vitoriosa carreira universitária para a qual estava voltado: "Foi enquanto vivia o sonho de vida universitária, que escrevi as minhas teses, a de doutoramento, a de docência e a de cátedra"⁴. O entusiasmo com que escreve sobre este período de sua etapa existencial, demonstra claramente a sua vocação para a pesquisa, a sua grande esperança de dedicação integral à Medicina Clínica de cunho acadêmico.

A tese de doutoramento, intitulada **da ação de receptores de volume na excreção urinária de sódio e água no homem**, seguiu-se uma outra intitulada **a prova de tolerância à água nas hepatopatias crônicas**, com a qual se submeteu ao concurso de docência-livre de Clínica Propedêutica Médica da UFBA. Com a terceira tese, que tratava da **Regulação renal e tecidual do equilíbrio ácido-básico**, alcançou aos 10 anos, a cátedra de Clínica Propedêutica Médica da UFBA e, com ela, a sensação de ter chegado ao lugar que havia aspirado, experimentando neste momento, como afirma, "o mais forte sentimento de alegria da minha vida"⁵, assumindo, então, a 2.^a Cadeira de Clínica Médica da Universidade.

Quando conseguiu realizar, em 1961, com o apoio da Fundação Kellog, a 1.^a Conferência sobre o Ensino de Clínica Médica, congregando grandes professores e faculdades do País, sabia que tinha subido mais um degrau decisivo para a nova organização do ensino médico, estimulando a preocupação com métodos de ensino e participação mais ativa do aluno no processo de aprendizagem e comenta sobre o evento:

"As conclusões e recomendações resultantes dos debates tiveram influência decisiva sobre a conduta da maioria das faculdades, que se mostravam ávidas de modernizar o processo da formação dos futuros médicos"⁶.

⁴ SANTOS, Roberto Figueira. **Vidas Paralelas**, op. cit., pág. 114.

⁵ Id., *ibid.*, pág. 129.

⁶ Id., *ibid.*, pág. 131.

Quando foi nomeado reitor da UFBA, já havia galgado todos estes degraus com denodado esforço e incontestável sucesso. Chegara, então, ao topo de sua carreira acadêmica com duas grandes vertentes na linha do seu pensamento: a formação dos professores e a formação dos médicos, devendo estar muito valorizados nelas a pesquisa, o interesse científico e a dimensão exata do sentido que deve ter a educação e a ciência para o desenvolvimento do País.

Iniciada sua carreira na administração pública como Secretário de Saúde e Assistência Social do Governo Luiz Vianna Filho, assume, logo depois, a Reitoria da UFBA, deparando-se com a implantação da Reforma Universitária.

Neste momento, eu vivenciei a sua performance, acompanhando as suas ações e debatendo as suas idéias como participante direta de um processo educacional dos mais dinâmicos de que já tive notícia. Senti-me diante de um líder cuja presença era marcante, pela intensidade de sua concentração e a dignidade de sua postura profissional, comandando uma revolução. Suas ações eram firmes porque fundamentadas nas convicções de suas certezas que estavam todas enfeixadas na compreensão que tinha de uma universidade que deveria atuar diante do momento histórico-social do País, com uma estrutura organizacional capaz de atender às particulares dos estudantes, sem a rigidez dos currículos, aos professores, com oportunidades de ampliar conhecimentos, e à comunidade, com programas de extensão que lhe favorecessem.

A reforma universitária estribava-se nas idéias renovadoras de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, operacionalizadas na Universidade de Brasília, onde, aliás, o Dr. Roberto pensou trabalhar e onde o Dr. Edgar encontrou inspirações para iniciar a implantação dos Institutos Básicos. Vale ressaltar que, da experiência de Brasília, se valeu o Conselho Federal de Educação para elaborar textos de decretos-leis que influenciaram na atuação da estrutura da rede universitária do País. Dessa forma, a reforma fundamentava-se em princípios que o novo reitor abraçava fervorosamente, agindo de modo a efetivá-los em condições de trabalho as mais adequadas possíveis ao momento.

Para esse intento, desencadeou um processo de reorganização da universidade, baseado na legislação vigente sobre a qual se debruçou para legitimar seus procedimentos administrativos. E, desse modo, a Lei 5.540 dominou a UFBA, e o Magnífico Reitor emitiu suas famosas circulares onde definia as tarefas, marcava os prazos, orientava os diretores e coordenadores, explicava os artigos do Estatuto e do Regimento da UFBA, ao mesmo tempo em que realizava múltiplas e exaustivas reuniões para fortalecer a conscientização de uma reorganização estrutural. No Conselho Universitário, suas reuniões duravam às vezes seis horas ininterruptas entre a sapiência protetora de Orlando Gomes, à esquerda, e a de Lafayette Ponde, à direita.

Sobre as circulares do Magnífico Reitor, peça básica desse momento de efervescência e dinamismo acadêmico, tive oportunidade de escrever uma crônica publicada no jornal *A Tarde*, na qual dei o meu testemunho.

Elas, “as circulares, desencadeiam a Reforma e, por força delas, em plenas férias de verão, se pensa, se planeja, se conta, se reconta, se telefona, se marcam encontros, se vai e se vem, se dinamiza a Universidade! Há uma inegável e singular vitalidade feita de ansiedade, de dúvidas, de esperanças, de louvores, de xingamentos, de raivas e de exaltações que envolve o professor no processo de aprendizagem que vitaliza a Universidade”⁷.

Inúmeros foram os pronunciamentos, discursos, palestras do Dr. Roberto Santos, realizados na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no II Encontro de Reitores das Universidades Públicas e Reitores de Estabelecimentos Públicos isolados de Ensino Superior, na ABEM – Associação Brasileira de Escolas Médicas e em vários órgãos e associações, sempre na tentativa de dirimir as dificuldades para implantação da Reforma, de demonstrar a logicidade dos princípios básicos que a norteavam.

Embora grande parte desses princípios, como o da não duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes e o da in-

dissociabilidade do ensino e da pesquisa, guardasse uma clareza meridiana, a sua aplicação, atingindo mais diretamente os departamentos de ciências básicas do que os setores profissionalizantes, não foi uma tarefa simples e tranqüila.

As inúmeras ações inovadoras da Reforma, tais como maior flexibilidade dos currículos, centralização dos concursos vestibulares, o 1.º ciclo de estudos, a expansão da pós-graduação, a implantação do regime de dedicação exclusiva, a valorização da extensão, a departamentalização, os colegiados de cursos, o Conselho de Coordenação e Pesquisa, a Biblioteca Central, foram avaliados pela análise crítica do Dr. Roberto Santos em 1973, em Brasília, em magnífica conferência, já como ex-reitor, quando foi designado pelo Ministro da Educação para coordenar a Comissão Brasileira encarregada de estudar as experiências pedagógicas e as reformas em curso, tanto em Portugal como no Brasil, juntamente com uma Comissão de Educadores portugueses, e também atuou como membro da Comissão Organizada pelo MEC para traçar a Política Nacional de Pós-Graduação.

Impossível para mim reviver o período tão tumultuoso quanto produtivo da Reforma sem que se faça presente, na memória, aqueles dias na Reitoria, quando Dr. Roberto podia, com eficácia, coordenar duas, às vezes três, reuniões simultâneas, com uma agilidade de raciocínio que me impressionava, com uma objetividade insuperável. Reservava os dias marcados para despacho com os diretores, para os quais se preparava não só para ouvir, mas para escutar, o que significa ultrapassar a mera comunicação verbal para que se processe a compreensão real. Ele estava atento, pronto para ir além, e chegar a perceber as coisas existentes entre as palavras, no espaço, no intervalo entre os pensamentos. Obtinha, assim, a confiança da sua equipe de trabalho na qual os diretores ocupavam lugares de destaque e, ao mesmo tempo, exigia objetividade e criatividade para a solução dos problemas que surgiam em dias tão difíceis, fidelidade e dedicação.

Aquele momento do encontro com o Magnífico Reitor era decisivo porque saíamos da Reitoria com novas perspectivas e

⁷ JESUÍNO, Leda. *Caminhando em sol de outono*. Salvador: Ianama: FAGED/UFBA, 2003. pág. 172.

um novo ânimo. Indiscutivelmente estávamos todos diante de um líder que se liberta um pouco do conhecido para ir em frente, “aprendendo a desaparecer”, como um bom educador. A Universidade não precisava de mudanças externas na sua periferia, precisava de uma revolução interna, algo que atingisse o cerne da Instituição. É possível, então, entender as revoltas, as incompreensões, a não aceitação inicial, os interesses contrariados e as resistências naturais às mudanças.

A firmeza com que conduzia esse processo era impressionante e, por que não dizê-lo, chocante às vezes. Mas ele sabia que aquela era “a vez e a hora” de fazer o que tinha de ser feito, o que requer liderança conhecimento e sabedoria. No seu discurso, pronunciado ao receber o cargo de Reitor, em 1967, declara enfaticamente: “Deve-se, sim, criar ambientes adequados para o ensino das ciências por pessoal especialmente treinado e vincular todo esse processo a questões concretas que interessem diretamente ao nosso desenvolvimento social e econômico. Por tudo isto é que a reestruturação das Universidades Federais prevê a implantação de unidades onde se ensinem as ciências e se realizem pesquisas sem a restrita motivação do atendimento às exigências de uma só profissão, como vinha ocorrendo nas unidades universitárias até agora existentes”⁸.

O fortalecimento das ciências básicas e a integração da Universidade ao meio ambiente são idéias centrais quando o tema é universidade. Preocupado com o Ensino Fundamental, refere-se à importância da formação do professor, portanto volta-se para as licenciaturas, sobretudo a licenciatura de ciências do 1.º ciclo. Ao deixar a Reitoria, os Institutos estavam consolidados, a Faculdade de educação estruturada e os colegiados de cursos iniciando a sua estruturação. Guardo comigo a convicção de que, se tivesse mais tempo para continuar os trabalhos da Reforma, muitas incompreensões, revoltas e queixas seriam evitadas.

⁸ SANTOS, Roberto. Discurso pronunciado ao receber o cargo de Reitor da Universidade Federal da Bahia, em 3 de julho de 1967. *Boletim Informativo*, ano II, número especial, jul., 1967, pág. 12.

Quando, em 1972, assumiu a presidência do Conselho Federal de Educação, cargo para o qual foi reeleito em 1974, integrou o Quadro de Peritos da Organização Mundial da Saúde para a Formação Profissional e Técnica de Pessoal Médico e Auxiliar, e foi membro da Delegação Brasileira à XVII Assembléia Geral da UNESCO. Os cargos importantes que passou a assumir deste período em diante, anteriormente mencionados, assim como os honrosos encargos que lhe foram colocados na sua escalada, tais como a chefia da Delegação brasileira à 32.ª Conferência Sanitária Pan-Americana, a chefia de Delegação brasileira à 39.ª Assembléia Mundial de Saúde e muitos outros, lhe possibilitaram pronunciamentos expressivos sobre os mais variados temas relativos à problemática educacional do País e ao seu desenvolvimento tecnológico e científico. Seja no CNPq, na ABEM, no Ministério da Saúde, na Câmara dos Deputados, sempre no percurso de suas idéias, destacaram-se as suas preocupações com o ensino médio, a pesquisa, o desenvolvimento científico e tecnológico do País, a formação de professores, os planejamentos de saúde, o papel das Universidades, o rumo da Pós-Graduação no Brasil, as prioridades relativas à medicina preventiva, a regionalização dos serviços de saúde, as ações integradas de saúde, as dificuldades da operacionalização do princípio de regionalização e, sobretudo, o ensino médico, haja vista a sua dedicação à ABEM – Associação Brasileira de Escolas Médicas onde atuou de 1968 até 1970, com o mesmo entusiasmo de sua juventude quando, no Hospital das Clínicas, instalou a residência médica ainda incipiente no Brasil e estava transformando-se, conforme declara, num especialista na organização do sistema de formação de médicos para o Brasil. Estava profundamente influenciado pelo que apresentou nas Universidades e nos hospitais estrangeiros onde trabalhou e estudou, dando o máximo de si mesmo para seu aperfeiçoamento profissional e cultural.

Considerava a ABEM como o ambiente mais adequado para o complexo trabalho de elaboração do plano para a expansão da rede de ensino médico no País, baseado no zoneamento nacional. A ABEM exercia

grande influência sobre as profundas transformações do ensino da medicina em 1960 e 1970, quando iniciava a transformação dos métodos tradicionais para a modernização. Era o fórum mais adequado para o debate das aspirações, das inquietações, dos progressos e das frustrações dos responsáveis pela educação médica no País⁹.

Já criativa, naquela ocasião, os critérios adotados para o exercício da alta responsabilidade de autorizar e reconhecer as Faculdades de Medicina que considerava muito passíveis de aprimoramento.

Em 1985, aquele jovem irrequeto, que adorava pesquisa, aluno do padre Camilo Torrend, e deslumbrava-se perante a Ciência, chegava à presidência do CNPq – Conselho Nacional de Pesquisas, após vários trabalhos científicos sobre temas médicos publicados em revistas internacionais de maior reputação, colaborando com renomados médicos pesquisadores. Fase áurea de sua vida científica, que faz lembrar Krishnamurti, com sua célebre frase arrebatadora: *“J’adore la science. C’est merveilleux!”*¹⁰ – enunciada num diálogo com o grande Fritjof Kapra.

No CNPq, considerou o desenvolvimento dos setores básicos do conhecimento em bloco como a mais alta das prioridades no cumprimento das finalidades da instituição e cuidou de evitar a fragmentação dos recursos sob a justificativa de atender o maior número de solicitações. Foram, então, adotadas prioridades, ajustadas às diretrizes do Governo. Incrementou a pesquisa com base científica, para o aperfeiçoamento das tecnologias empregadas, seja na produção, no transporte, no armazenamento e na distribuição e controle da qualidade dos alimentos básicos.

Outra prioridade foi a recuperação da auto-suficiência do Brasil na fabricação de imunobiológicos, atualmente importados além do que seria razoável, pela fabricação de insumos para medicamentos. Em relação ao meio ambiente, cogitou estimular inova-

ções tecnológicas na construção da moradia popular, de habitações populares que assegurem melhor qualidade de vida. Também as bolsas para pesquisadores tiveram seu valor dobrado, uma vez que elas haviam atingido valores irrisórios desestimuladores.

Mas antes, no ano de 1974, estava pronto para assumir o Governo de seu Estado. Tinha, na sua bagagem, vasta experiência, através de longas permanências no exterior, e sua mente estava presente de reflexões sobre os problemas nacionais. Continuava irrequeto e perquiridor, ouvindo Haydn, Beethoven e Mozart, apreciando as obras de artes, mas já estava muito longe daquele desejo juvenil de ser diplomata. Guardava consigo, porém, o sonho de ver a ciência e a tecnologia contribuindo para o desenvolvimento do País e ofereceu o melhor de si mesmo.

Nos diversos cargos que ocupou e nas múltiplas atividades que desenvolveu, as suas reflexões, os seus pronunciamentos, artigos, discursos, conferências, aulas inaugurais guardam, entre si, uma idéia central que permeia sempre nos seus textos, como um fio condutor do seu raciocínio a ela endereçado. É a idéia de interação, união, integração, sentido do todo, da interdisciplinaridade, uma vez que o incomodou, desde jovem, ver desintegrado o que, na sua ótica, devia estar interagindo com uma total integração!

Já na juventude, preocupava-se com a dissociação entre ensino e pesquisa, o quanto esta falta de integração prejudicava a formação do médico pautada num **currículo desintegrado**. Sempre constatou, com tristeza, a dissociação entre os setores básicos e os setores profissionalizantes como fator desestimulador da pesquisa.

“Era generalizada a falta de coordenação entre qualquer das disciplinas do currículo com todas as demais. O sentido de autonomia no funcionamento das cátedras era hipertrofiado a ponto de considerar-se intocável o programa do respectivo professor, desde que não entrasse no domínio de outra cátedra. O próprio conceito de cátedra reforçava esta atitude: o campo de saber, de responsabilidade exclusiva do catedrático vitalício, era objeto de um programa de ensino tão autônomo quanto os demais. O currículo

⁹ Cf. discurso proferido como Presidente da ABEM para o biênio 68/70, em Fortaleza, por ocasião da VII Reunião da ABEM, 1968. pág. 95.

¹⁰ KRISHNAMURTI. *O libertador da mente*. São Paulo: Martin Claret, 1997. pág. 31.

se tornava, então, um amontoado de programas inteiramente desconexos, tanto na parte teórica como prática”¹¹.

Não concordava principalmente com a falta de integração entre as disciplinas de Clínica Propedêutica Médica e Terapêutica. Conseguiu a integração entre os programas de ensino da Clínica Médica graças ao bom entendimento entre os titulares das cátedras.

A temática da 1.^a Conferência sobre Ensino da Clínica Médica no Brasil, da qual foi o Coordenador, é toda ela uma aplicação da Pedagogia à Medicina onde se trata de avaliação de aprendizagem, de horário em bloco, de internato, residência médica, carga horária, estágio, o aperfeiçoamento de pessoal docente, sempre com a finalidade de integração entre o aluno e o professor.

“Discute-se, conversando e dissipando as dúvidas, efetivando-se assim a integração aluno-professor”, afirma categoricamente e critica o distanciamento existente entre a teoria e a prática, pugnando sempre pelo estágio, pelo internato, pela residência médica.

A integração das Faculdades de Medicina nos programas de Saúde Pública das regiões onde se situam, foi defendida por Dr. Roberto Santos na IV Conferência Nacional de Saúde, em agosto de 1967, no Rio de Janeiro: “No âmbito das Universidades devem ser buscados em teses, estudos, pronunciamentos, material necessário ao planejamento de saúde e até encomendados pelo Estado às Universidades trabalhos a serem realizados integrando os estudantes e os corpos docentes de vários recursos, todos empenhados num Plano de Saúde co-participado”¹².

A integração da Universidade com a comunidade está bem presente nas suas reflexões:

“As Faculdades de Medicina se mantêm à margem da apreciação global das necessidades de saúde da comunidade a que servem, orientando-se mais para o preparo de professores destinados a um limitado mer-

cado de trabalho, o qual abrange somente uma pequena fração dos problemas que são da responsabilidade da nossa profissão.”¹³

Seu pensamento está reafirmado por uma declaração recente, de um membro do Conselho Federal de Medicina, Dr. Alceu José Peixoto Pimentel:

“É uma inverdade que o processo de formação só é ideal se acontecer intramuros mediante uma discussão sempre teórica e baseada no suposto saber de uns poucos em detrimento da imensidão de conhecimentos e experiências que sabidamente existem na cultura popular em um processo de acúmulo secular.”¹⁴

Esteve sempre entre o Regime Tradicional e as mais novas tendências, dentro da evolução do ensino médio no Brasil. Preocupado com as desigualdades regionais, buscou alternativas para estes desníveis com o projeto de lei 1.515, quando Deputado Federal.

“Regionalizar já e o resto virá depois, mais rápida, segura e tranqüilamente”. Considerou a **Unificação dos Serviços de Saúde** como prioridade máxima e, também, a municipalização desses serviços.

Considerou, ainda, a integração da pré-escola com o ensino fundamental, valorizando a educação inicial.

A articulação das técnicas de atuação comunitária com os educadores é mais uma de suas idéias integradoras.

Ao detectar, no CNPq, um clima de contraposição da comunidade científica de um lado, e os órgãos gestores da ciência e tecnologia do outro, promoveu meios de interação.

Nota-se, com clareza e objetividade, que o cientista, o professor, o educador, estão presentes no cenário multifacetado da sua trajetória existencial.

Em muitos aspectos, tem a satisfação de observar que algumas de suas idéias se concretizaram, suas lutas foram bem-sucedidas. Em fevereiro do ano em curso, por

¹³ Id., loc., cit.

¹⁴ PIMENTEL, Alceu J. P. A universidade e sua relação com a comunidade. **Medicina CFM**, Brasília, Conselho Federal de Medicina, ano 18, n.º 145, pág. 12, ago./set./out. 2003.

¹¹ SANTOS, Roberto. **Vidas paralelas**, op. cit., pág. 112.

¹² SANTOS, Roberto F. Pronunciamento na IV Conferência Nacional de Saúde, Rio de Janeiro, ago, 1967.

exemplo 61,67% dos programas de residência médica estão concentrados no Sudeste. Infelizmente, no Nordeste, apenas 2,9%. São declarações do Secretário do Trabalho e da Educação da Saúde do Ministério da Saúde, insatisfatório mas significativo para um jovem que há 48 anos criou o 1.º Programa de Resistência Médica no Hospital das Clínicas da UFBA¹⁵. Atualmente, estima-se que são 17.000 residentes em todo o Brasil, abrangendo cerca de 45% das turmas graduadas mais recentemente, notícia que lhe deve chegar ao coração com muita alegria.

Com alguns livros publicados, 17 condecorações recebidas, de 1971 a 1988, com inúmeras atividades parlamentares enquanto Deputado Federal (de 1995 a 1999), tais como presidente de comissões, representações, participação em comissões de relevante importância no País e no exterior, Dr. Roberto Santos entra no século XXI com **Reflexões sobre temas da atualidade**, título de seu próximo livro a ser publicado, em que, mais uma vez, estão presentes as suas preocupações com temas educacionais, como qualidade e quantidade no ensino, desigualdades regionais e, mais uma vez reverenciando a UFBA, dedicando-lhe alguns capítulos.

Já tendo percorrido uma longa caminhada, transita facilmente pelas Academias, tendo sido recebido, em 2000, pelo Dr. Almério Machado na Academia de Medicina da Bahia, ocupando a cadeira de número 9 cujo patrono é o Dr. Antônio Luiz Cavalcante de Albuquerque de Barros Barreto e o último ocupante, o Dr. Fábio de Carvalho Nunes; e, antes, na Academia de Letras da Bahia, em 1971, onde foi recebido pelo Dr. Adriano Ponde, ocupando a cadeira de número 27, cujo patrono é o Dr. Antônio de Macedo Costa e 4.º titular, o Dr. César Augusto de Araújo. Todo este **élan** que o impulsionou a uma trajetória tão exuberante, esteve sempre fortalecido por um lar harmonioso, no qual Maria Amélia sabiamente imprimiu suas diretrizes e que certamente o alimenta porquanto o amor que existe na sua

família feliz permeia as suas ações, as suas atitudes, idéias e sentimentos que o levam a ser o que na verdade é: um homem ético.

O privilégio de usar da palavra, neste momento, ao recebê-lo nesta Academia, se me afigura como honrosa incumbência que me foi dada pelo generoso equívoco do Dr. Roberto Santos, acreditando que eu poderia saudá-lo à altura de seus méritos.

Esforcei-me apenas para evidenciar como tem sido dispendido o tempo existencial de um notável homem público o tempo existencial de um notável homem público em benefício de seu país e como é possível a coerência interna de um cidadão quando “o verbo se faz carne”, ou seja, quando a palavra e a ação se encontram no plano da lógica e de uma realização ética.

¹⁵ SANTOS, Roberto. Discurso de Posse na Academia de Medicina da Bahia. In: ANAIS da Academia... Salvador. AMB, jul, 2003. v. 12, pág. 265.

DISCURSO DE POSSE

do Professor Dr. Roberto Figueira Santos

na Academia Baiana de Educação

Leda Jesuíno dos Santos

I - Introdução

Ao ser acolhido pela Academia Baiana de Educação, graças à generosidade dos que em breve poderei chamar de confrades e confradeiras, quero expressar o meu profundo agradecimento aos colegas de magistério que me elegeram para a cadeira número 26, cujo patrono é Júlio Afrânio Peixoto e que foi, até recentemente, ocupada por Oldegar Franco Vieira. Devo, igualmente, expressar a minha gratidão à minha esposa, Maria Amélia, aos nossos filhos, filhas e genros, pelo apoio e pela solidariedade que sempre me proporcionaram, quando de bom grado me estimularam a adotar opções de vida compatíveis com minha irreprimível vocação para o magistério público.

II - O Patrono da Cadeira 26

Júlio Afrânio Peixoto, além de destacar-se na Medicina e nas Letras, exerceu com brilho múltiplas atividades como professor. Ao longo de várias décadas, acumulou títulos docentes que sobejamente justificaram a sua escolha para patrono da cadeira 26 desta Academia. Cito, entre eles: catedrático de Higiene e de Medicina Legal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com vultosa obra internacionalmente reconhecida; Diretor da Instrução Pública, professor do Instituto de Educação e Reitor da Universidade do Distrito Federal; presidente da Associação Brasileira de Educação; e outros.

Assim resumiu Deolindo Couto, autor de celebrada biografia de Afrânio, as múltiplas realizações do nosso patrono: "escreveu romances, ensaios, contos, crônicas, peças teatrais, artigos de crítica e de doutrina, monografias e tratados, exerceu na oratória acadêmica e parlamentar e na epistolografia, empenhou-se na polêmica. Foi historiador, memorialista, filólogo, estudioso do folclore,

educador, sociólogo, moralista, higienista, psicólogo, psiquiatra, legista, percorrendo amiúde e cinzelando páginas sobre todos os correspondentes distritos do conhecimento". Espírito irrequieto, Afrânio fundou o Instituto de Estudos Portugueses, no Rio de Janeiro, propôs a criação da cadeira de Estudos Camonianos na Universidade de Lisboa, participou da inauguração do Instituto de Alta Cultura Luso-Brasileira, também em Lisboa. No campo da política, foi Deputado Federal pela Bahia, oportunidade em que apresentou projetos de lei pioneiros sobre a atenção a ser dispensada aos alienados mentais e sobre os acidentes de trabalho.

Relatam os contemporâneos haver sido ele um dos mais apreciados "causeurs" do seu tempo, no ambiente do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, no qual a arte de conversar era cuidadosamente cultivada. Em convívio nada provinciano, era essa arte enriquecida pelo fecundo intercâmbio intelectual, não apenas nos círculos da própria terra como em âmbito internacional. Vários dos seus livros de ficção registram conversas entre os personagens representativos do ambiente social descrito, em animados diálogos, construídos com enorme graça e agilidade.

Nasceu Afrânio na belíssima cidade de Lençóis, orgulho da Chapada Diamantina, à qual me prezo de haver dedicado toda atenção e carinho, enquanto governei a Bahia. Obteve o título de doutor pela nossa tradicional Faculdade de Medicina em 1897, ao defender tese sob o título "Epilepsia e crime", trabalho que despertou grande interesse nos meios científicos do país e teve seu mérito reconhecido por especialistas internacionais. Poucos anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu a direção do Hospício Nacional de Alienados em substituição a Juliano Moreira, a cuja obra renovadora deu continuidade. Ávido por aprofundar-se nos estudos de Medicina, via-

jou para a Europa. Em cerca de dois anos visitou dez países e trabalhou ao lado de cientistas dos mais ilustres. Entre as honrarias recebidas na área médica, mereceu a eleição para a Academia Nacional de Medicina. E, em meio a várias atividades administrativas, dirigiu o Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro, ao qual, por justiça, deram o seu nome.

Tive o privilégio de conviver com muitos dos amigos do meu Pai, mesmo entre os nascidos várias décadas antes de mim. Infelizmente, não foi assim com Afrânio, a quem jamais tive ocasião de conhecer. Na minha adolescência, já me havia deliciado com alguns dos seus livros, a exemplo de "Fruta do Mato" e "Maria Bonita". Mais tarde, saboreei a leitura de muitos outros, inclusive dos elaborados nos últimos anos da sua existência, como o "Breviário da Bahia" e o "Livro de Horas", verdadeiros hinos à nossa terra. Mesmo após viver fora da Bahia durante tantos anos, a nitidez das suas descrições do ambiente físico e do clima social que o envolveram na juventude, estão entre as características que agradam, especialmente, aos leitores baianos.

Faleceu Afrânio no Rio de Janeiro, a 12 de Janeiro de 1947, após deixar mais de cem publicações, referentes aos mais variados campos do saber.

III - O meu antecessor na Cadeira 26

Pela primeira vez tomei conhecimento da atividade intelectual de Oldegar Vieira quando tinha treze ou quatorze anos de idade e cursava o antigo "ginásio". Era eu, então, leitor assíduo da revista "América" fundada por um dos meus professores, o médico João de Souza Pitangueira, e que circulou em Salvador entre 1939 e 1943. Nela se incluía uma seção de poesia, na qual se encontravam, com frequência, versos inspirados na arte japonesa, os famosos "haikai", em grande voga nos nossos meios literários, e dos quais muitos eram da autoria de Oldegar. Vim a conhecê-lo em pessoa muitos anos mais tarde, no gabinete do Reitor Edgard Santos, de quem foi um dos mais competentes e leais colaboradores.

A cadeira número 26 desta Academia, ocupada pelo Professor Oldegar desde 1983, foi

declarada vaga devido à promoção do seu titular a emérito, em Agosto de 2.003. Na cerimônia em que se comemorou a sua ascensão ao novo "status", o confrade João Eurico Mata pronunciou brilhante oração, explicitando perante a comunidade baiana as razões daquele ato de justiça. As origens familiares do homenageado foram, então, comentadas com o apoio do livro intitulado "...Simplesmente recordando", de autoria da Senhora Joanna Angélica Vieira Ribeiro, irmã de Oldegar. No mesmo discurso, o "*curriculum vitae*" do meu antecessor foi criteriosamente analisado. Mas, a riqueza da vida e da obra de Oldegar permite que registremos aqui alguns aspectos, entre os mais relevantes, da sua personalidade.

Em face dos objetivos desta Academia, devo mencionar com prioridade, embora de forma resumida, as atividades de Oldegar relacionadas à Educação. Formado pela Faculdade de Direito da Bahia e, posteriormente, em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia da UFRJ, foi nomeado Técnico em Educação do Governo Federal, em 1942. Mais tarde, assumiu o cargo de Diretor de Educação do Território do Guaporé, (atual Estado de Rondônia). Conheceu, então, a Senhora Edith Tolentino de Souza, natural de Santa Catarina, com quem veio a casar-se e de quem teve dois filhos, Paulo e Fernando, ambos profissionalmente muito bem sucedidos. De volta à Bahia, depois ao Rio de Janeiro e, definitivamente, mais uma vez a Salvador, exerceu várias funções docentes na UCSal., no sistema SENAI e na UFBA. Entre tantas tarefas que estiveram a seu cargo, talvez a mais importante haja sido a organização da Escola de Administração, na qual colaborou com o ex-Reitor Lafayette Pondé. Competentemente planejada, valendo-se de moderna metodologia de ensino desde a sua implantação, contando com professores muito bem preparados, essa nova unidade universitária ofereceu curso profissional até então inexistente em nosso meio e que teve pronta aceitação na comunidade baiana. Em poucos anos, tornou-se essa Escola uma das mais dinâmicas do nosso "campus", condição até agora preservada. Datam do período em que exerceu a diretoria da Escola de Administração, várias via-

gens de caráter cultural, tanto à Europa como aos Estados Unidos e ao México.

A intensa atividade literária de Oldegar, valeu-lhe a escolha para a Academia de Letras da Bahia, onde ocupa, desde 1964, a cadeira número 11, da qual é patrono o visconde de Jequitinhonha. Além de publicar interessante ensaio sobre a natureza e a história dos "haikai", preencheu dois dos seus livros mais aplaudidos - "Folhas de chá" e "Gravuras ao vento" - com exemplos dessa "antiga forma popular-erudita de poesia japonesa". Não resisto ao impulso de ler alguns deles, publicados na Revista da Academia de Letras da Bahia:

*Vai tudo escondido.
Mas há dois bicos-punhais
Furando o vestido.*

*Janela ou moldura?
Enquadrando o seu sorriso
- há melhor pintura?*

*Vai-se o dia-a-dia
No esforço de não viver-se
A vida vazia.*

*O dedo do antúrio
Na boca-da-flor. Pedindo...
Silêncio ou segredo?*

A dedicação de vida inteira à poesia japonesa levou-o a desenvolver numerosas atividades de intercâmbio cultural daquele país com o nosso. Em 1995 foi Oldegar mercedamente agraciado por Sua Majestade, o Imperador do Japão, com a comenda da Ordem do Tesouro Sagrado.

Assim como Afrânio Peixoto, Oldegar exerceu múltiplas atividades na vida pública, além da de professor. Durante muitos anos ocupou o cargo de procurador do Estado da Bahia. Várias das suas publicações versam temas do campo do Direito e lhe valeram a escolha para a Academia de Letras Jurídicas da Bahia. Dentre elas, citarei, para começar, as que se relacionam, simultaneamente, ao direito e ao magistério: "O Estado e a Ordem Econômica", texto destinado aos alunos de disciplina que lecionou no curso de Ciências Econômicas; "A Educação como Instituição Pública", aula inaugu-

ral da Faculdade Católica de Filosofia da Bahia; "A instituição corporativa da Educação Nacional", tese apresentada ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, realizado em Lisboa, em 1957. Sob o título de "A Constituição de um Estado de Direito e Cultura", publicou profundo estudo que gerou comentários altamente favoráveis de personalidades do mundo intelectual brasileiro.

São, ainda, trabalhos seus publicados sob a forma de livros: "A propósito do Direito Agrário no Brasil", assunto no qual a sua competência é internacionalmente reconhecida; "Estado de Direito e Estado de Cultura"; "Federalismo e Unidade Judiciária"; uma coletânea da "Bibliografia brasileira do Direito do Trabalho"; e "Vocações da Bahia", volume no qual traça o perfil de sete baianos eminentes "cujas vidas e obras contribuíram, com significativa diversidade, para afirmação ainda mais decisiva do que se poderia chamar 'civilização baiana' ". Entre os sete biografados, incluiu Edgard Santos, a respeito de quem Oldegar assim se pronunciou: "Distante, pela inteligência e pela formação, de certos padrões bacharelescos que lamentavelmente nos dominam, mas, em vez disso, intuitivo e penetrante, Edgard apossava-se rapidamente do sentido real das coisas. Orientava-se em coerência com o modo essencial do mundo em que vivia..."

IV - O meu maior desafio como professor: a necessária reestruturação das Universidades brasileiras

Dos múltiplos e variados encargos que assumi no exercício do magistério público, nenhum representou desafio maior que o de participar do processo de atualização da estrutura das nossas Universidades, iniciado na década de 1960 e resultante das profundas transformações da sociedade brasileira ocorridas desde o final da década anterior.

Baseou-se essa evolução no modelo adotado pela Universidade de Brasília (UnB), quando da sua criação, e que foi profundamente deturpado, ao fim de pouco tempo, devido a problemas alheios à área da Educação.

Daquela esplêndida experiência se serviu, poucos anos mais tarde, o Conselho Federal de Educação, quando chamou a si a responsabilidade de propor a alteração da estrutura que prevalecera anteriormente na rede universitária do país. Assim nasceram os textos dos decretos-leis de números 53, de 18 de Novembro de 1966 e 252, de 28 de Fevereiro de 1967. Por meio do Parecer 977 de 1965, já o mesmo Conselho havia criado verdadeiro marco na história do nosso ensino superior ao regulamentar a pós-graduação, em atendimento a solicitações de lideranças do mundo acadêmico. Ainda no âmbito do Conselho e, mais precisamente, da sua Câmara de Ensino Superior, a estrutura das Universidades vinha sendo cuidadosamente examinada, entre outros, pelos Conselheiros Anísio Teixeira, Newton Sucupira, Walnir Chagas, Esther de Figueiredo Ferraz, Deolindo Couto, Raimundo Moniz de Aragão. Tive o privilégio de juntar-me a eles, levando a contribuição da vivência da alta administração universitária. Simultaneamente ao exercício do cargo de membro desse Conselho, coube-me a tarefa de presidir à implantação dos novos princípios na Universidade Federal da Bahia, em continuidade às idéias e propósitos desencadeados pelos ex-reitores Edgard Santos, Albérico Fraga e Miguel Calmon.

Passado algum tempo, ocorreu algo que muito nos surpreendeu: a fase inicial e decisiva da reestruturação, consubstanciada nos citados decretos-leis, verdadeiros modelos de elaboração legislativa, passou a ser raramente citada e parece quase esquecida. Os comentários orais e os textos escritos sobre o assunto, em tempos mais recentes, se têm referido com muito maior frequência à chamada "Reforma Universitária", como decorrência de documentos legais editados de 1968 em diante, dos quais o mais importante foi a lei 5.540, promulgada a 28 de Novembro de 1968. No entanto, a atualização da estrutura das Universidades já vinha sendo implantada em moldes profundamente inovadores, desde que entraram em vigor os dois decretos-leis citados, os quais datam, respectivamente, dos anos de 1966 e 1967. Na presente alocução concentrar-me-ei, por isso, em comentários sobre o conteúdo desses decretos-leis, que tiveram precedência

no tempo, pois os documentos subsequentes se ocuparam, predominantemente, de aspectos da atividade universitária não relacionados diretamente à estrutura das instituições. Sobre essa matéria, que acumula controvérsias, julgo do meu dever prestar o presente depoimento, uma vez que, pessoalmente, testemunhei todos os fatos relatados.

O principal objetivo da reestruturação foi exposto com a devida clareza em muitos documentos da época: havia urgência em valorizar os departamentos encarregados dos setores básicos do conhecimento (Filosofia, Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências, Letras e Ciências Humanas), como providência necessária à maior ênfase que as nossas Universidades precisavam imprimir às atividades de **pesquisa técnico-científica**. Era essa a resposta de importantes lideranças do corpo docente às pressões que a sociedade, então em ritmo acelerado de transformação, passara a exercer. Outras medidas vieram logo a seguir, a exemplo da extinção das cátedras, da matrícula por disciplina, da flexibilização dos currículos, todas tendentes a tornar mais ágil o funcionamento dessas organizações. Além da graduação em cursos superiores, da investigação científica e da prestação de serviços à comunidade pelos programas de extensão, ganhava importância, entre as missões universitárias, a oferta de oportunidades para a constante atualização profissional pela educação continuada, diante da rapidez com que se vinham renovando os conhecimentos especializados.

No Brasil da década anterior à atualização da estrutura das nossas Universidades, do final da década de 1950 ao início dos anos 1960, tínhamos vivido os tempos que passaram à história sob a designação de "era do desenvolvimentismo". Foram esses marcados por forte mobilização política em favor de novas diretrizes econômicas, voltadas, essencialmente, para a substituição por produtos nacionais, dos bens manufaturados com maior valor agregado, até então importados. Assim, sofisticou-se o nosso parque industrial pela implantação das fábricas de peças e de veículos automotores. Atribuiu-se, também, atenção especial à economia das regiões menos desenvolvidas. Impunha-se, naquele momento, complementar o pro-

cesso original de criação das nossas Universidades, *ocorrido em época na qual era ainda muito reduzida a demanda pela pesquisa como obrigação institucional*.

Até então, a missão precípua, e muitas vezes, exclusiva, da nossa rede de ensino superior, havia sido a de preparar recursos humanos indispensáveis à vida comunitária, responsabilidade que vinha sendo exercida com proficiência. A investigação científica, ainda muito escassa até aquela época, e realizada, apenas, em poucas Escolas superiores, originava-se, sobretudo, de iniciativas individuais de candidatos à carreira do magistério. Muito escassos eram os programas institucionais cuja continuidade pudesse assegurar resultados expressivos. Importava-se de países mais desenvolvidos a quase totalidade dos conhecimentos e das técnicas transmitidas na formação de profissionais de nível superior. O padrão tradicional do estudante que acumulava informações transmitidas pelo professor como se fossem verdades prontas e definitivas, foi sendo abolido. Em substituição, esperava-se do mesmo professor que estimulasse no aluno, a iniciativa, a aptidão e a disciplina para a busca independente do conhecimento, a avaliação do seu mérito e a sua aplicação de forma criativa e responsável.

Curiosamente, grande parte das pesquisas mais relevantes até então realizadas no Brasil, nascera em ambientes não-universitários, sobretudo nos dedicados à Saúde e à Agricultura. Digna de registro permanece a circunstância de não haver sido nenhum cientista ou literato brasileiro, até hoje, agraciado com o prêmio Nobel, em qualquer dos ramos do saber, enquanto vários países latino-americanos e asiáticos, para não falar dos europeus e dos norte-americanos, têm merecido repetidas homenagens desse símbolo moderno da capacidade intelectual das nações.

Como é sobejamente conhecido, todas as Universidades brasileiras que entraram em funcionamento entre as décadas de 1930 e 1960, haviam sido criadas pela aglomeração de Faculdades ou Escolas superiores isoladas. Cada qual delas, ao incorporar-se à recém-formada Universidade, manteve no seu próprio âmbito o ensino de todas as disciplinas necessárias à obtenção de determi-

nado diploma, nelas se incluindo as matérias básicas assim como as de cunho profissionalizante.

As Universidades assim criadas, em muito se beneficiaram da **integração administrativa e financeira** das Faculdades que as constituíram. Passado algum tempo, o processo mostrou-se incompleto, uma vez que não ensejou entre elas a **integração acadêmica** necessária para que os departamentos de ciências básicas, ressaltadas umas poucas exceções, adquirissem massa crítica compatível com a realização de bons projetos de pesquisa e de pós-graduação. Mantiveram esses departamentos, em cada qual das Faculdades, a sua função propedêutica, o seu papel ancilar, de simples apoio às disciplinas que representavam a fase decisiva dos respectivos currículos, a que consistia na aprendizagem das **matérias profissionalizantes**. Nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, é verdade, criaram-se departamentos dedicados aos setores básicos do conhecimento, que não eram limitados pelo viés da aplicação a determinada profissão. Esses departamentos, porém, não estenderam seus serviços às demais unidades da Universidade a que pertenciam. E, com pouquíssimas exceções, não adquiriram dimensão que lhes permitisse o pleno cumprimento das missões institucionais, que incluem, sabidamente, além do ensino, a pesquisa técnico-científica e a extensão. No Brasil, muitos aspectos da realidade nacional continuavam desconhecidos, devido à carência de pesquisadores que os investigassem cientificamente.

A realização de significativos projetos de pesquisa pressupõe a mobilização de pessoal docente em regime de dedicação exclusiva. E esse recrutamento é muito mais fácil para os departamentos básicos do que para os dedicados às atividades profissionais. A formação de pesquisadores, por sua vez, encontra terreno mais propício junto aos setores básicos, uma vez que neles se convive mais constantemente e em maior intimidade com o método científico.

Decorridas as primeiras décadas após a implantação da nova estrutura, cabe indagar: valeu a pena o grande esforço empregado na superação de antigas tradições, para o que foi necessário enfrentar a resistência de

muitas vontades contrárias à modificação dos anteriores hábitos de trabalho?

A resposta é **sim** e sem qualquer hesitação. Logo direi por que. Na segunda metade da década de 1960 havia começado a implantação da nova estrutura; a década de 1970 serviu para o amadurecimento do sempre lento processo de formação de pessoal em nível de pós-graduação; da década de 1980 em diante, começaram a aparecer os primeiros resultados, **sobretudo nas regiões do Brasil onde a economia manifesta maior dinamismo.**

Em meio às enormes dificuldades que as instituições federais de ensino superior têm atravessado nos últimos tempos, cresceu expressivamente a rede nacional de programas de pesquisa e de cursos de mestrado e doutorado. E assim se veio modificando o papel das Universidades perante as comunidades a que servem ou, dito de outra forma, se veio alterando o relacionamento entre as instituições oficiais de ensino superior e os usuários do labor universitário. Com o apoio de algumas estatísticas, registremos o que têm realizado as Universidades brasileiras a esse respeito, nos anos mais recentes.

Ao longo da década de 1990, o número aproximado de mestres diplomados anualmente, no Brasil, cresceu de menos de 7.000 para quase 20.000, enquanto o de doutores passou de cerca de 1.200 para mais de 6.000. Mesmo entre nações de desenvolvimento técnico-científico relativamente recente, como a Coreia do Sul e o Japão, formam-se, em relação às respectivas populações, cerca de 4 vezes mais doutores que no Brasil, o que evidencia o grande atraso em que nos encontrávamos até bem pouco tempo.

A extraordinária expansão dos recursos humanos com treinamento avançado logo se refletiu na produção de trabalhos de bom nível. A elaboração de artigos científicos e técnicos originados no Brasil e publicados em periódicos categorizados nacionais e estrangeiros, **quintuplicou** entre o ano de 1981, quando não atingiu 2.000 publicações, e o ano de 2.001, quando alcançou mais de 10.500. Sem dúvida alguma, a nova estrutura das Universidades contribuiu, decisivamente, para a formação de pesquisadores

capazes de promover essa extraordinária evolução.

O "folder" intitulado "A UFBA em números", em que a nossa instituição se auto-apresenta de forma resumida, assinala que, em 2.002, de um total de cerca de 1.700 docentes de todas as categorias, mais de 1.100 trabalhavam em regime de dedicação exclusiva. Desses, quase 600 eram doutores e mais de 430 tinham o título de mestres. No mesmo ano, a nossa Universidade oferecia 41 cursos de mestrado e 17 de doutorado e havia recebido nada menos que 488 bolsas de pós-graduação e pesquisa, originárias da CAPES e do CNPq.

As dissertações de mestrado, no mesmo ano, atingiram número superior a 400 e foram 50 as teses de doutorado. Somente por essa amostra, pode-se ter idéia da extraordinária expansão das pesquisas na UFBA, realizadas, predominantemente, com apoio do CNPq, da CAPES, da FINEP e de outras entidades nacionais e estrangeiras. Em grande parte, portanto, foram esses trabalhos financiados com recursos nem sempre incluídos no orçamento federal da Educação.

Muitos desses fatos são conhecidos apenas por pequena minoria dos professores, alunos, ex-alunos e funcionários da própria UFBA. É, reconhecidamente, muito escassa a circulação interna de informações sobre a nossa instituição. O desconhecimento dessa realidade se manifesta, especialmente, entre os alunos e os ex-alunos das Escolas mais tradicionais e entre muitos dos praticantes de profissões das que a nossa sociedade e mais prestigia.

Em verdade, quanto mais dinâmica a economia e mais progressista o ambiente das diferentes regiões do país, maior tem sido a expansão dos departamentos de ciências básicas, assim como o impulso por esses proporcionado à pesquisa científica. Mas, ao apontar o lado positivo das relevantes transformações verificadas na nossa Universidade Federal da Bahia, não quero com isso significar a aceitação dos padrões de qualidade de todos os serviços por ela prestados. Ao fim de quase quarenta anos desde a implantação da nova estrutura, é tempo de proceder à avaliação do que está acontecendo, em busca de novos pontos de equilíbrio entre as várias missões institucionais e

à procura de caminhos mais compatíveis com as atuais exigências da sociedade. Tentativas nesta direção têm resultado, até agora, em totais frustrações.

Desde o início da implantação do atual modelo, não faltaram incompreensões e resistências. Foi necessária muita firmeza e muita fé no trabalho em que estávamos empenhados, para perseverarmos em aspectos que ainda hoje continuam sendo motivos de críticas, sobretudo oriundas dos segmentos mais conservadores da nossa instituição. Vez por outra, equivocadamente, e em escala cada dia menor, as dificuldades que as Universidades federais atravessam, vêm sendo, equivocadamente atribuídas às mudanças ocorridas na década de 1960. Tais dificuldades, entretanto, são devidas a uma injusta apreciação do que têm produzido as Universidades públicas por parte dos responsáveis pela distribuição dos recursos públicos. Isto é: tornaram-se de todo insuficientes, as verbas destinadas no orçamento federal da Educação, à manutenção básica dessas instituições e ao ensino de graduação na rede de ensino superior. É isso particularmente grave, porquanto a formação profissional ao nível da graduação continua sendo o núcleo central da idéia de Universidade. É como se tivesse havido um certo exagero por parte dos que elaboram o orçamento federal: sensíveis às saudáveis pressões sociais no sentido de fomentar a realização de pesquisas técnico-científicas, aumentaram substancialmente os recursos para esse fim, enquanto diminuíram excessivamente o financiamento da graduação, como se tivesse havido uma inversão de prioridades, quando não se podem considerar competitivas entre si essas duas missões universitárias. De outra parte, lamentavelmente, escassearam, quando não desapareceram de todo, as verbas que custearam anteriormente iniciativas de caráter cultural nos domínios das artes e das letras.

Muito recentemente, vem se empreendendo, no Brasil, um grande esforço no sentido de expandir as pesquisas técnico-científicas dentro das empresas dedicadas a tecnologias avançadas. A economia nacional já não se satisfaz, como ocorria há quatro ou cinco décadas, com o crescimento das indústrias destinadas à substituição das importa-

ções. Além de aumentar consideravelmente a exportação de matérias primas, o Brasil passou a competir com firmeza no comércio internacional de produtos manufaturados. Simultaneamente à expansão da pesquisa científica, tem-se estimulado vigorosamente a pesquisa tecnológica, afim de apoiar a fabricação de produtos que tragam em si inovações capazes de favorecer a posição brasileira nos mercados interno e externo. Espera-se, também, ver crescer o número de pedidos de patentes resultantes de pesquisas inovadoras feitas no Brasil, o que tem sido, até agora, quase insignificante, quando relacionado à nossa produção científica.

Cresce, pois, visivelmente, a responsabilidade das Universidades na medida em que, além de preparar pessoal para as suas próprias pesquisas, vêm incrementando a formação de pesquisadores que irão trabalhar nas empresas do setor produtivo. Dentre as inúmeras conquistas que o Brasil tem alcançado nesse campo, com relevantes conseqüências econômicas, cabe citar, pelo menos, dois exemplos, dentre os mais notórios: as que resultaram no grande aumento da exploração do petróleo em águas profundas e as que deram enorme impulso ao agronegócio de exportação, graças ao melhor conhecimento da agricultura nos solos do "cerrado" e a conseqüente expansão espetacular da produção da soja.

Em 1972, alguns anos depois, portanto, de desencadeada a reestruturação das Universidades brasileiras, em conferência que proferi na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, assim me pronunciei:

"Se há, no espírito dos que me ouvem, alguma dúvida sobre o rápido desenvolvimento dos departamentos que se ocupam dos setores fundamentais do saber humano, conseqüente à reforma das nossas Universidades, eu sugiro que visitem os "campi" situados desde o Norte até o Sul, desde o Leste até o Oeste do Brasil. Não há negar que estamos vivendo "a vez e a hora" das ciências básicas. É o que se verifica no que é mais visível ... dos trabalhos das nossas instituições, que é a notória ampliação do espaço físico e do equipamento à disposição desses setores. Analisemos os currículos, amplamente revisitos na generalidade das Universidades, por

ocasião da reforma. Apreciemos as recentes admissões para o corpo docente. Observemos os programas que justificaram a adoção do regime de dedicação exclusiva para o pessoal do magistério. Comparemos a intensidade dos trabalhos de pesquisa científica hoje, com os que existiam há poucos anos. Apreciemos as áreas de concentração dos numerosos cursos de pós-graduação que se vêm instalando. É, de fato, admirável observar a rapidez com que se afirmaram as novas unidades universitárias, destinadas ao ensino e à pesquisa básicos...”

Que foi feito, nos planos nacional e local, para que se alcançassem tais resultados? Conforme já assinalamos, em decorrência do modelo adotado nas nossas primeiras Universidades, persistira, na sua origem, a pulverização dos meios materiais e do pessoal dedicados aos ramos básicos do saber. Essa circunstância gerou um dos dois princípios adotados na atualização da estrutura universitária: **“É proibida a duplicação de meios para fins idênticos”**. Isto é: Para cada ramo dos conhecimentos básicos, em vez de várias cátedras, passou a existir apenas uma unidade em cada Universidade, reunindo todos os recursos humanos, materiais e financeiros pertinentes àquela disciplina.

“A integração do ensino com a pesquisa”, o outro princípio em que se baseou a nova estrutura, resultante, igualmente, de circunstâncias históricas, permitiu a aproximação do sistema universitário brasileiro do chamado “modelo humboldtiano”, originado na Alemanha do princípio do século XIX e tão bem sucedido em vários países do mundo.

Refletiram-se as transformações que vimos comentando na adoção de critérios novos para a seleção do pessoal docente. Dava-se grande peso, no passado, à avaliação dos candidatos pelas provas que revelassem sua capacidade de memorizar informações. Coincidindo com a ampliação dos programas de mestrado e doutorado, passou-se a valorizar muito mais a qualidade do trabalho criativo e a habilidade em liderar grupos de colaboradores. Julgam-se agora os candidatos aos cargos mais elevados da carreira do magistério, predominantemente, em fun-

ção do mérito da sua produção científica, literária ou artística, ao longo de toda a sua vida acadêmica e profissional. Nas decisões dos examinadores, além da continuada preocupação em valorizar a capacidade didática, vem pesando a avaliação do *curriculum vitae* dos candidatos, muito mais do que o desempenho em provas de concurso dependentes do acaso das situações de momento.

A noção da importância da ciência e da tecnologia para o bem estar das populações vem se difundindo rapidamente entre nós. Exemplo ilustrativo desta assertiva foi a escolha do tema que serviu de enredo para o desfile de uma das Escolas de samba, no Carnaval do Rio de Janeiro, em 2.004. A Escola Unidos da Tijuca optou por traduzir em linguagem popular e imprimir sentido estético segundo o paladar das maiorias, a princípios dos mais significativos da ciência moderna. Recorreu, para isso, à assessoria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E soube fazê-lo com tanta propriedade que mereceu o segundo lugar no julgamento da Comissão encarregada de dar notas às Escolas que participam de acirrada competição.

Enquanto existem lideranças que só lentamente se têm apercebido do que representa para o nosso povo o estímulo à ciência e à tecnologia, as camadas mais modestas desse mesmo povo rompem barreiras e mostram entender o que se está passando no mundo moderno. É este um sinal bem claro de que o Brasil está em franco processo de mudança, que esperamos seja na melhor direção possível.

A reestruturação da Universidade Federal da Bahia exigiu enorme soma de esforços de uma equipe intensamente motivada. Como parte da implantação da nova estrutura, cuidou a instituição de elaborar e pôr em prática importantes medidas de apoio aos Institutos recém-criados. Mediante financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento, foram projetados e construídos, durante a minha gestão á frente da Reitoria, os edifícios que alojam os Institutos de Matemática, Física, Química e Geo-Ciências. Para esses foi adquirida e instalada a mais moderna aparelhagem de laboratório destinada aos programas de graduação, de pós-graduação e de pesquisa. A grande maioria dos equipamentos destina-

dos, até então, às ciências básicas na nossa Universidade era rudimentar e já obsoleta. A criação dos Institutos e a reunião dos laboratórios de cada disciplina em uma só unidade, permitiu a ampliação, a atualização e o melhor aproveitamento do instrumental disponível.

A outra vertente desses projetos, orientada para a contratação de professores, se havia tornado absolutamente essencial às modificações que se estavam processando. Tornara-se necessária a admissão, em grandes números, de professores em regime de tempo integral e dedicação exclusiva afim de atender à expansão das tarefas das novas unidades. Essa demanda ultrapassava a existência de candidatos, tanto em nosso meio como nas demais Universidades brasileiras, nas quais também se verificava idêntico problema. Convidamos, então, professores estrangeiros, remunerados pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), após recrutamento e seleção com a ajuda da UNESCO. Esta última instituição ofereceu à escolha da nossa Universidade três ou quatro nomes para cada posição, com os respectivos currículos. Foram, assim, por nós selecionados cerca de vinte professores que, durante muitos anos, prestaram relevantes serviços à Universidade e à Bahia. A eles se juntaram muitos outros professores estrangeiros de várias nacionalidades, financiados por programas bilaterais de assistência técnica. Vários desses se fixaram em nossa terra e continuaram servindo à Universidade por longo tempo.

VII - A saudação ao novo acadêmico

Para grande honra minha, a Professora Leda Jesuíno aceitou saudar o recipiendário na presente cerimônia. Com o maior entusiasmo tenho me referido, em inúmeras ocasiões, à equipe fortemente motivada que conosco se dedicou à reestruturação da UFBA, na década de 1960. Enquanto enfrentava esse enorme desafio, convidei a Professora Leda para assumir a Diretoria da nova Faculdade de Educação, tarefa das mais difíceis dentro de processo tão complexo. Modificou-se, então, a organização dos currículos dos cursos de licenciatura. As "matérias de conteúdo", em cada Universidade, passaram

a ser lecionadas nas unidades encarregadas das disciplinas básicas, enquanto as ciências pedagógicas e a coordenação desses cursos ficaram a cargo da recém-constituída Faculdade de Educação.

Tratava-se de alteração profunda, relativa a uma das mais importantes atribuições da Universidade. Resumindo-a, assim, em poucas palavras, não chegamos a oferecer idéia adequada do conjunto de providências indispensáveis à efetivação da norma citada, nem da competência e da habilidade exigidas de quem assumisse tal responsabilidade. Criou-se um mestrado em Educação, dos primeiros da nossa Universidade a observar os critérios recém-criados pelo Conselho Federal de Educação. Organizaram-se programas novos, alguns envolvendo convênios com diferentes entidades. Guardo lembrança muito especial do CECIBA (Centro de Ensino de Ciências da Bahia), pela importância que sempre atribui, para o futuro do Brasil, ao ensino das ciências, voltado para crianças desde a mais tenra idade e abrangendo os alunos dos níveis primário, secundário e superior. Foi com esse propósito que, enquanto governei a Bahia, promovi a implantação do Museu de Ciência e Tecnologia de Salvador, iniciativa pioneira que teria desempenhado papel da máxima importância no preparo dos nossos jovens para dar a sua contribuição às transformações da nossa terra, que passava então de uma economia eminentemente agrícola para uma cultura em que pesava cada vez mais a tecnologia industrial das de mais alta complexidade.

Graças ao desempenho do seu corpo docente, constituiu-se a Faculdade de Educação num dos motivos maiores de orgulho no conjunto de providências destinadas à modernização da nossa Universidade. A tudo isso presidia a professora Leda Jesuíno. Pelo seu passado, nela se reconhecia a personalidade indicada para contornar as imensas dificuldades inerentes às suas atribuições. Pude, então, conhecer de perto as suas qualidades de liderança, alicerçadas em sólido preparo intelectual.

A respeito do que então ocorreu no "campus" da UFBA, assim se pronunciou a Professora Leda: "O que significou implantar uma Faculdade de Educação num tumultuoso tempo de reforma, reformulações,

decretos, leis, normas, instruções e diretrizes inovadoras, não é passível de uma tradução fiel, pois implica hesitações, incertezas, avanços e retrocessos, discussões, polêmicas, explicitações, técnicas de sensibilização, com coragem, liderança e, sobretudo, amor". Conservo em mente essa frase com especial carinho, porque não faltou quem dissesse, mais tarde, que a reestruturação não havia sido suficientemente debatida no âmbito do professorado.

No seu livro intitulado "Caminhando em sol de outono", a professora Leda incluiu verdadeiro desabafo. Ao referir-se às suas reminiscências do verão de 1970 na UFBA, menciona as circulares enviadas pela Reitoria em plenas férias escolares, quando os professores deveriam estar refazendo suas energias para o próximo cumprimento de novas e extenuantes tarefas. Essas circulares foram dirigidas aos 45 colegiados de cursos de graduação, os quais abrangiam cerca de 500 professores cuidando de reorganizar os programas da instituição. Diz a professora Leda: "Creio que não há um só professor da Universidade ainda não atingido por um desses simpaticíssimos papelzinho brancos, muito sumários, com tarefas pré-marcadas e prazos fatais. Benfazejas e salutares, elas (as circulares) se sucedem"... "Elas desencadeiam a Reforma e, por força dela, se planeja, se conta, se reconta, se consulta, se telefona, se marcam encontros, se vai e se vem, se dinamiza a Universidade... Por força delas se discute em bases francas, se pensa nos alunos, se fortificam opiniões, se conscientiza o professor das suas responsabilidades diretas".

Enquanto faço referência às qualidades humanas da Professora Leda, devo louvar o modo como conseguiu realizar tanto, em relação aos seus compromissos profissionais e, simultaneamente, conduzir exemplar vida

de família, juntamente com o esposo, o nosso confrade Antonio Jesuino Neto, por sua vez vitorioso na dedicação aos pacientes que confiaram a recuperação da saúde abalada à competência do cirurgião de larga experiência.

Percebe-se, invariavelmente, nos pronunciamentos da professora Leda, a solidez da sua formação filosófica. Numa das mais belas orações ouvidas na Reitoria da UFBA, proferida pela ilustre professora quando lhe foi outorgado o título de Professor Emérito, encontrei, entre tantas, a seguinte frase representativa dos conceitos filosóficos por ela expressos: "Entendemos que numa academia onde o fato educacional em si mesmo é essência e razão de ser da sua própria existência, a visão crítica deve estar aguçada, desenvolvida numa linha filosófica autêntica de contínua busca, com a serenidade da sabedoria, não com a arrogância do saber".

Não haveria de surpreender que, levada pelas mais íntimas cogitações filosóficas, viesse a Professora Leda a encontrar-se no pleno misticismo da poética dos povos orientais, tal como revela na sequência admirável de livros intitulados "Luzes da Índia", "Pela voz do vento" e "A solidão de uma estrela". A formação filosófica, associada ao coração sensível às dificuldades de vida a que estão expostos os nossos semelhantes, fê-la emprestar desprendida colaboração à extraordinária obra da "Mansão do Caminho", idealizada e liderada por Divaldo Franco, e que é, também, objeto de irrestrita admiração, tanto da minha esposa, Maria Amélia, quanto minha.

Mais uma vez, quero publicamente expressar o meu aplauso e a minha gratidão à Professora Leda Jesuino e saudar todos os confrades desta colenda Academia na pessoa do professor Alírio de Souza, seu digno Presidente.

DISCURSO DE POSSE

do Professor Dr. Roberto Figueira Santos

na Presidência da Academia Baiana de Educação

Leda Jesuíno dos Santos

Ao longo dos séculos e em muitos países situados em vários continentes, as Academias têm prestado o inestimável serviço de aproximar os intelectuais mais experientes em diferentes campos de atividade - educadores, cientistas, literatos, juristas, médicos - afim de, em convívio geralmente sereno e isento de grandes paixões pessoais, debaterem os conhecimentos sedimentados ao longo de décadas, trocarem idéias sobre as suas realizações e sobre os assuntos da atualidade nos respectivos ramos do saber, compararem o passado com o presente e procurarem antever o futuro. Não é sem motivo que as Academias adquiriram merecido conceito nas comunidades a que servem, uma vez que conseguiram ajustar-se às sucessivas épocas e às diferentes sociedades e culturas onde floresceram, conservando-se como instituições das mais respeitadas dentre as que agregam intelectuais.

No campo especial da Educação, mais do que nunca, têm sido as Academias de reconhecida utilidade, diante do ritmo acelerado e da profundidade das recentes mudanças sociais. Como as práticas dos educadores estão sempre ligadas intimamente ao ambiente onde se inserem, tornou-se indispensável a análise amadurecida do papel das instituições educativas no desempenho das suas responsabilidades. Em atividades de grande dinamismo como são as da Educação, surgem com frequência novas propostas e instrumentos de ação que requerem a devida avaliação pelas instituições mais confiáveis. Na era da informática, inúmeras têm sido as sugestões para o uso de processos que aparecem como altamente recomendáveis tendo em vista a extensão do território nacional, os grandes números de alunos potenciais nos diferentes níveis de ensino e as grandes desigualdades sociais e regionais que caracterizam a presente fase do nosso desenvolvimento socioeconômico. A Educação à distância, por exemplo, está sendo uma das fórmulas mais promissoras de aplicação dessas tecnologias, na tentativa de solução de alguns dos magnos problemas que entre nós se verificam. Afim de enfrentar desafios de tal porte, as impressões decorrentes dos debates dos acadêmicos pode oferecer contribuição valiosa, a ser acatada pelos formuladores de decisões.

Algumas das Academias são mais ricas: estão alojadas em sede própria, dispõem de funcionários para tarefas burocráticas, contratam assessores para assuntos técnicos e passam bem quando se reúnem para comemorar eventos de especial relevo; outras, contudo, mais pobres quanto ao seu patrimônio material, contam, essencialmente, com o cabedal da experiência dos confrades e com o seu espírito de cooperação desinteressada. E assim realizam, igualmente, trabalho que repercute de modo favorável na comunidade a que servem.

Entre os fatores essenciais à boa qualidade das atividades educacionais, além do papel fundamental da família do educando, destaca-se a formação de bons professores, de todos, talvez, o mais importante no âmbito da escola. Perplexidades geradas pela legislação recente, limitações ligadas à questão salarial, além de outros fatores, tornam obrigatória a busca de soluções para dificuldades na implantação de diretrizes destinadas à formação de bons professores, ainda mais diante dos enormes números necessários para suprir a demanda nacional.

Em meio às características que marcam o período recente da história do Brasil, incluem-se as peculiaridades da estrutura e da dinâmica da população. Revelam as estatísticas demográficas que já não vem crescendo, relativamente, o número de brasileiros, no ritmo verificado até há pouco tempo. Em contrapartida, tem aumentado a necessidade de proporcionar escolaridade mais demorada e mais sofisticada a um número muito maior de conterrâneos nossos, devido às mudanças na economia nacional. A rapidez com que têm evoluído os processos de produção e de distribuição de bens e serviços, vem exigindo a **constante atualização** de contingentes maiores dos que integram a força de trabalho. Os aspectos **regionais** do complexo processo de desenvolvimento social e econômico, por sua vez, têm tido importantes reflexos nas práticas educacionais em seus diferentes níveis, a que os futuros agentes da educação não poderão estar alheios.

De outra parte, a maior complexidade das relações interpessoais no mundo moderno; a legítima aspiração da generalidade dos cidadãos e cidadãs, de exercerem influência, de forma democrática, sobre as decisões da sociedade a que pertencem; os esforços em favor da proteção do meio-ambiente; são exemplos de como a participação nas atividades comunitárias precisa ser cultivada com o máximo empenho, desde os tempos da educação infantil, tanto no seio da família como na escola. Dito de outra forma, merece um grande impulso junto a todos os que integram as gerações presentes e vindouras, o melhor preparo das crianças e dos adultos para o exercício dos direitos e dos deveres do cidadão.

Presta-se o campo da Educação, tanto do indivíduo como da coletividade, a enorme variedade de pesquisas sob os mais diversos ângulos. Também a esse respeito, cumpre às Academias desempenhar função da maior importância, como incentivadoras da busca de novos conhecimentos, na identificação dos temas de maior relevância para as pesquisas e ainda na avaliação dos resultados a serem divulgados junto aos especialistas ou para o grande público.

Sabidamente, a família e a escola compartilham as maiores responsabilidades na educação dos jovens. Há que levar-se, em conta, pois, as alterações na **estrutura familiar** de grande número das crianças brasileiras que freqüentam, atualmente, as nossas escolas. Ninguém ignora como se tem esgarçado essa estrutura, e quanto é elevado o percentual de famílias monoparentais sem o suficiente apoio material. De outra parte, os pais e os avós de muitos dos educandos de hoje, jamais freqüentaram qualquer escola, ou tiveram, apenas, períodos insuficientes de escolaridade. Por esse motivo, além de outros, de ordem social e econômica, não chegam esses pais e avós a proporcionar aos filhos e aos netos o ambiente adequado à adaptação aos métodos pedagógicos que enfrentarão ao ingressarem na escola. Nas condições brasileiras, a disseminação da pré-escola, em escala ainda maior do que vem ocorrendo, junto aos sistemas público e privado de ensino, deve ser promovida com a máxima urgência pelos órgãos competentes.

Tem mudado com grande rapidez o mundo do trabalho no Brasil, e a importante vertente da educação voltada para essa finalidade não pode deixar de responder à sempre renovada realidade. É evidente que muitas escolas já se distanciaram do que eram no passado, quando se limitavam a transmitir ao aluno "pacotes" de conhecimentos tidos como definitivos, prontos e acabados. Foi assim no meu tempo de estudante. Mas, já não o deveria ser, ainda, no dia de hoje. Espera-se que as escolas se vão transformando, cada hora mais, em ambientes destinados a incentivar o educando a aprender a exprimir-se e a comunicar devidamente o seu pensamento; a redescobrir, ele próprio, a realidade dos fatos da natureza e a respectiva inter-

pretação; a compenetrar-se de que as informações ao seu alcance nunca são definitivas e estão sempre sujeitas a revisão. Sobretudo no interior do país, há um longo caminho a percorrer nesta direção. O centro da atividade escolar foi transferido do professor para o aluno, que se reconhece como uma criatura naturalmente movida pela curiosidade e ativa na busca de novos conhecimentos. Atribui-se, então, ao professor, o importantíssimo papel de facilitador da aprendizagem, e não mais o de quem retransmite as noções que lhe foram ensinadas como incontestáveis. Dito de outra forma: no famoso binômio ensino/aprendizagem, esta última passou a prevalecer. O espírito da criatividade, do não-conformismo, da pesquisa, que se manifesta de preferência entre os jovens, precisa ser estimulado na escola, até os limites do possível. Nenhuma política educacional pode, a prazo longo, dispensar a análise das profundas razões dos desafios da juventude.

A educação tem um duplo poder, tanto o de cultivar como o de sufocar a criatividade dos alunos, conforme seja levada a efeito. No seio da família e no ambiente escolar, a criança e o adolescente devem ser livres para perguntar, mostrar curiosidade, indagar e, até, para desafiar. E assim se preparam os jovens que, ao alcançar a idade adulta, continuarão a considerar-se perpétuos aprendizes.

Diante do exposto, ao meditar sobre as sugestões que deveria trazer aos confrades visando à elaboração de um programa de trabalho a ser adotado pela Diretoria agora empossada, julguei de interesse propor a realização de uma série de seminários acerca da situação presente dos programas de licenciatura nas escolas superiores de todo o território baiano, sejam públicas ou particulares, ministrados em escolas isoladas ou em Universidades. Cumpre analisar a formação de professores em nível de graduação, assim como os correspondentes mestrados e doutorados. Caberá iniciarmos pela análise da atual legislação, seguida da apresentação genérica do quadro atual, incluindo a relação dos cursos de licenciatura autorizados e reconhecidos, das estatísticas dos candidatos ao vestibular para esses cursos, da matrícula e da frequência dos alunos, assim como dos números de diplomados nos anos mais recentes. Examinar-se-á, ainda, o potencial mercado de trabalho em função das leis vigentes, as perspectivas de remuneração, os aspectos curriculares e as condições materiais do ensino, em particular no tocante às disciplinas básicas que integram o currículo das licenciaturas. Na sequência dos seminários, debateríamos, separadamente, a formação de professores destinados a lecionar cada qual dos diferentes ramos do saber, como a matemática e as ciências da natureza, as ciências sociais, a língua portuguesa, as artes, e assim por diante. Neles deverá cuidar-se de envolver a colaboração do pessoal ligado ao maior número possível de Faculdades. Caso venha essa sugestão a ser aprovada pelos confrades, com a conveniente antecedência procederemos à encomenda dos trabalhos que serão apresentados e debatidos, afim de que se possam colher nas fontes autorizadas as informações necessárias à fundamentação das futuras conclusões e sugestões.

Cabe-me, nesta hora, agradecer a honra da escolha do meu nome para a Presidência da Academia Baiana de Educação, devida à generosidade dos colegas que em mim depositaram esse voto de confiança. Falo, também, por toda a Diretoria recém-eleita e agora empossada, quando estendo idêntico agradecimento aos demais confrades. À Fundação João Fernandes da Cunha e, em especial, ao seu Presidente, o Professor João Fernandes da Cunha, meu querido amigo e grande benfeitor da Educação, quero expressar os agradecimentos pelo gesto de respeito e de amizade pela nossa agremiação, que o levou a acolher-nos na realização deste

evento. Ao confrade José Nilton Carvalho Pereira, cumpre-me externar a gratidão da Academia pela generosa oferta do amplo espaço destinado à realização sessões ordinárias, à biblioteca e à Secretaria da nossa instituição.

Desejo, ainda, louvar os serviços prestados pela Diretoria cujo mandato está a extinguir-se. Em especial merecem aplausos e agradecimentos o seu Presidente, o Professor Alírio Souza, que não poupou esforços para desincumbir-se a contento da espinhosa tarefa a ele atribuída, e a sua Presidente de Honra, a Professora Leda Jesuíno dos Santos, merecedora da imensa gratidão de toda a Bahia pela sua dedicação total ao progresso da Educação em nosso meio.

DISCURSO DE SAUDAÇÃO E RECEPÇÃO DE POSSE

da Professora Rosa Levita na Academia Baiana de Educação

em 16 de junho de 2004.

Maria Augusta Cruz Abdon

Ex.º Sr. Alírio Fernandes de Souza, MD Presidente em nome do qual saúdo os componentes de mesa.

Confreiras, Confrades,

Senhores, Senhoras,

Familiares da Prof.^a Rosa Levita

“Acredite na grandeza de Deus, no destino do mundo, na beleza da vida – acredite no sonho, na determinação e na esperança.”

Aqui me encontro honrada pela escolha de saudar a Prof.^a Rosa Pereira Levita neste instante significativo da Academia Baiana de Educação.

Rosa Pereira Levita, a grande educadora baiana nasceu na heróica cidade de Cachoeira.

Ninguém melhor que a homenageada para falar sobre sua família e sua importância no meio educacional e político do nosso Estado.

Na realidade, um grande nome jamais omitiria o da sua irmã Olga Mettig que partiu recentemente para a dimensão superior. O panorama educacional brasileiro perde com a ausência física da Prof.^a Olga, membro emérito da nossa Academia.

A Prof.^a Olga Mettig deixa saudades, muitas saudades! Hoje passa a enriquecer o Infinito, onde se traduz em cristalinas nuances de luz e de paz.

O currículo da nova acadêmica, Prof.^a Rosa Levita, mais uma vez vem confirmar a importância e o poder da genética – ramo da Biologia que estuda as leis da hereditariedade e as partículas (os gens) responsáveis por esse fenômeno.

Observem as atividades por ela desempenhadas, com eficácia e eficiência na sua trajetória existencial, e verifiquem a veracidade da minha assertiva.

Conheci Rosa Pereira Levita no Colégio Nossa Senhora do Carmo quando ela exercia a função de Coordenadora do Curso Primário e do Curso Normal.

Sempre aplicada, obteve boas notas no curso normal no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora da Prof.^a Anfrísia Santiago onde no fim do referido curso ganhou 25 distinções, sendo laureada e eleita oradora da turma.

Logo em seguida submeteu-se ao Concurso para o Magistério cuja Banca Examinadora era constituída de 3 professores; obteve a nota 10 (dez) nas provas oral e escrita, (pela primeira vez uma aluna de colégio particular alcançou esta classificação).

Exerceu o Magistério nas Escolas Rui Barbosa e Joana Angélica na função de Regente de Classe Experimental. Nesta oportunidade realizou no salão Nobre da Secretaria de Educação uma bela exposição de desenhos das crianças das diversas Escolas Públicas Primárias da Capital.

Na gestão do Professor Álvaro Rocha submeteu-se ao Concurso Público para o cargo de Orientadora de Ensino na Capital.

Em 1947 submeteu-se ao Concurso Público para o cargo de Inspetora de Ensino na capital e interior. Exerceu essa função na capital e na cidade de Jequié e nos municípios circunvizinhos.

Em 1963 foi nomeada Técnica em Educação através do decreto do Governador Antônio Lomanto Júnior.

De 1958 a 1962 exerceu o cargo de Diretora de Educação Municipal de Jequié. Ao terminar esse período apresentou o “Relatório sobre a Experiência da Municipalização do Ensino em Jequié.”

O INEP, tomando conhecimento deste relatório, denominou-o de “trabalho inédito, eficiente e organizado”.

Vejamos o que o conceituado jornalista Luís Cotrim escreveu a seu respeito.

“A Prof.^a Rosa Pereira Levita será homenageada no próximo dia 25, dia comemorativo do Município.

Prossegue o jornalista.

“A ilustre comissão que indicou o seu nome merece aplauso por este gesto de justiça. O trabalho da referida mestra em Jequié não foi uma obra de governo, mas de dedicação e idealismo, colocando os problemas do ensino em termos de campanha permanente, participando ativamente o professorado e a sociedade jequiense.

Jequié foi sacudida por um verdadeiro surto renovador na área de Educação, transformando esta num departamento de liderança e coordenação educacional.

No período de 1960 a 1962 várias escolas foram construídas em Jequié: o grupo escolar Anísio Teixeira, Escola Guiomar Pinto, Conjunto Assistencial Julia Magalhães, Escola Rotary, Conjunto Popular de Educação, Grupo Escolar Josaphat Marinho e Pavilhão de Artes Industriais.

Conclui o jornalista.

Não tenho o intuito de assimilar neste momento miudamente

Não tenho o intuito de assimilar neste momento miudamente os excelentes serviços prestados a Educação pela mestra Rosa Pereira Levita pois o professorado dá o melhor testemunho do trabalho eficiente e dedicado desta educação que faz e realiza os plano de atividades com eficiência, visando a melhoria do ensino.” Fim da citação.

Títulos e menções honrosas que merecidamente lhe foram conferidos:

- aprovada com “Menção Honrosa” na conclusão do Curso Normal, 1937;
- oradora oficial – Solenidade de Formatura, 1937;
- primeiro lugar no Concurso de Habilitação ao Magistério (distinção dez), 1938;
- premiada com Bolsa de Estudos de um ano em Belo Horizonte pela eficiente aplicação no Método Global, na Escola Joana Angélica, 1941.

Pela sua eficiente atuação profissional foi agraciada com as seguintes distinções:

- “Lírio de Ouro” pela atuação na causa da Criança Defeituosa.
- “Palma de Ouro” pela atuação na Superintendência do Ensino Elementar.
- “Placa de Prata” pelas companheiras do Grupo Conviver.
- “Placa Dourada” pela Casa de Amizade em Jequié na comemoração do Jubileu de Ouro do Rotary Clube local.
- Certificado, Excepcional secretária, Rotary Clube Bahia Leite, 2000-2001.

Mais outras tantas menções honrosas lhe foram conferidas:

- pelo desenvolvimento e expansão de Bibliotecas Escolares – gestão de Dr. Raimundo Gouveia;
- pelo eficiente planejamento e exposição de desenhos – gestão do Prof. Anísio Teixeira;
- Escola Rosa Levita – Homenagem do Governador Antônio Lomanto Júnior pela atuação dinâmica e eficiente na Reforma do Ensino em Jequié.

Com segurança e dinamismo exerceu cargos no setor educacional a saber:

- Membro do Conselho Estadual de Educação com mandato de 6 (seis) anos no governo de Dr. Antônio Lomanto Júnior, 1964 a 1970;
- Membro da Diretoria da Associação Cultural e Educacional da Bahia desde 1966 até hoje.

Apesar de inúmeras funções exercidas, ainda teve disponibilidade para desenvolver as seguintes publicações:

- A educação = responsabilidade pública.
- Disciplina Escolar.
- Instituições Escolares.
- Educação Moral e Cívica na escola primária.
- Unidade de trabalho e seu planejamento.
- Reforma educacional.
- Dinâmica de grupos.
- Municipalização do ensino em Jequié.

A Prof.^a Rosa Levita transportou para o debate suas experiências no Campo de Ensino; através de gráficos e mapas dissecou a situação no ensino fundamental na Bahia, suas deficiências, seus planos de correção. Relevou-se como Representante do Ensino Primário na posição de quem equacionou e vive os problemas da educação e do magistério. Atendeu com inteligência as indagações e com justificativas corretas.

Eleita por aclamação Presidente do Grupo Conviver, em reunião de 7 de outubro de 1998, apresentou proposta de trabalho para o período 1999/2000 e a executou na íntegra com eficiência e brilhantismo enviando às companheiras mensagens de incentivo, a saber:

“Vida é dinamismo constante. Não podemos parar. Que o desânimo não faça parte da nossa caminhada!

A vida é um eterno caminhar.

Companheiras eu preciso de vocês!

Sem vocês serei uma peregrina triste que não vê sentido nos seus propósitos.

Amigas, vocês são peregrinas e eu também. Lado a lado como irmãs seguiremos a nossa jornada.”

Durante sua gestão no Grupo Conviver foram realizados 12 (doze) eventos de caridades e fraternidade.

Vale salientar ainda que, do referido grupo foram-lhe conferidas várias medalhas de Honra ao Mérito.

Em junho de 2003, exerceu a honrosa missão de presidir o Rotary Clube da Bahia Leste, gestão 2003/2004, cuja eleição constituiu uma felicidade ímpar, grandiosa oportunidade em poder realizar, na maturidade, aspiração concebida na juventude.

No desempenho das atividades programadas envidou esforços no sentido de trabalhar, mantendo sempre aceso o entusiasmo, o conhecimento e toda experiência profissional, a serviço do Rotary Clube Bahia Leste e, assim cumprindo as prioridades estabelecidas pelo nosso presidente do RI, Jonathan Majiyabe, atendendo principalmente ao seu lema: “Dê a mão ao próximo” e, também, atendeu as solicitações da nossa governadora do Distrito 4550, Maria Auxiliadora Torres Vilas Boas.

Rosa Levita, no Rotary, fortificou e pôs em destaque a pedra angular da nossa organização. A amizade, o companheirismo, força motivadora de toda atividade, sendo o melhor meio de fazer o bem, semente genial e luminosa a nós legado pelo nosso fundador Paul Harris.

Na sua atuação, como presidente, não faltou um dia sequer às reuniões às segundas-feiras, no Hotel Monte Pascoal, mesmo nos momentos difíceis de perdas de seus entes mais queridos.

Rosa brilhou como Presidente sendo fiel ao objetivo do Rotary e cumprindo na íntegra o que afirmou no seu discurso de posse:

“No desempenho de minhas atividades claro que vamos perceber que toda montanha é de difícil acesso, até que resolvamos escalá-la. Mas, só poderemos escalá-la após submetermo-nos às regras que nos levarão ao topo, onde poderemos fincar a bandeira do sucesso!” E, assim, o fez, empenhando essa bandeira com comprometimento, coragem e entusiasmo.

A trajetória de vida da Prof.^a Rosa Pereira Levita traz-me à lembrança a seguinte estória:

Certa vez alguém chegou no céu e pediu pra falar com Deus porque, segundo o seu ponto de vista, havia uma coisa na Criação que não tinha nenhum sentido.

Deus o atendeu de imediato, curiosos por saber qual era a falha que havia na Criação.

– Senhor Deus, sua Criação é muito bonita, muito perfeita, cada coisa tem sua razão de ser mas, no meu ponto de vista, tem uma coisa que não serve para nada – disse aquela pessoa para Deus.

– E que coisa é essa que não serve para nada? – perguntou Deus.

– É o horizonte. Pra que serve o horizonte?

– Se eu caminho um passo em direção ao horizonte, ele se afasta um passo de mim. Se caminho dez passos, ele se afasta outros dez passos. Se caminho quilômetros em direção ao horizonte, ele se afasta os mesmos quilômetros de mim... Isso não faz sentido!

– O horizonte não serve pra nada, repita.

Deus olhou para aquela pessoa, sorriu e disse:

– Mas é justamente para isso que serve o horizonte... para fazê-lo caminhar.

E Rosa fez a sua caminhada produtiva, feliz com seu olhar sempre visualizando esse horizonte.

Hesitei ante o tema que escolheria para saudar a nossa confreira e após reflexões resolvi homenageá-la, exaltando a mulher – mas que mulheres iremos considerar?

A mãe, a profissional ou a responsabilidade da mulher no aperfeiçoamento da dignidade profissional? Que dignidade profissional pretendemos dela?

Chegamos à conclusão de que envolve ou se manifesta ou existe quando a mulher consegue ter a sua consciência plena e capaz, e essa consciência não conflita com o comportamento que ela adquire diante da sociedade. A socialização como sabemos, tende a retirar a mulher do lar, colocando-a no trabalho, maioria das vezes benéfico, algumas vezes desastroso; é retirar a mulher da natureza e fazê-la entrar na cultura onde passa a colaborar com sua força de trabalho, vencendo dificuldades e a tradição.

Tive a oportunidade de participar e assistir a disputa da consciência feminina retirando a mulher do casulo doméstico, limitada a marido e filhos, lançando-a num mundo profissional; ao tempo em que sentimos a necessidade premente de participar de uma renovação social dentro de um contexto em que o equilíbrio do lar depende cada vez mais da mulher e de sua visão e atuação num mundo atual.

A mulher via-se assim impulsionada a procurar soluções imediatas para os problemas dos menores, dos velhos, dos abandonados, que atualmente penetram nos nossos lares; problemas esses de drogas, doenças, perda de valores diversos e que tiraram o equilíbrio e a segurança a que nós mulheres estivemos acostumadas desde a infância.

Como diz Somerset Maugham, referindo-se ao seu personagem de “Férias de Natal”. “De repente, ele percebeu que os seus muros ruíram”.

E é de um grupo de mulheres sem esses muros de proteção, pessoas esclarecidas de nível intelectual mais desenvolvido ou não, apenas com olhos desvendados para os graves problemas de hoje que emana a força de atuação no problema social.

Assim, temos procurado nos fazer presente em todas as atividades de caráter sócio-cultural, atendendo as solicitações que nos chegam a todo momento.

Tenho a certeza de que a mulher está como a crisálida; são novos valores, criando asas para um voo mais alto, na direção de um ideal – o infinito.

Não restas dúvidas de que o novo século trouxe algumas inovações que seriam inimagináveis há algum tempo, quando a presença da mulher era lançada a um plano inferior.

Seu aparecimento por conta do sono de Adão, de onde foi retirada a costela constitui uma presença inusitada se nos voltarmos há uns 200 anos antes.

Afinal, não faz tanto tempo que George Sand vestia-se com roupas masculinas para conseguir se impor no seu meio social, sem falar, anteriormente, de Joana d’Arc corajosa mulher armada, que com sua vontade férrea e convicção religiosa marcou presença no campo de batalha.

No Brasil, tivemos heroínas que se sobressaíram em vários episódios, em épocas diversas, se é que se pode analisar alguns nomes omitindo outros bem expressivos: Joana Angélica, Maria Quitéria, Ana Nery vêm logo à memória, correndo o risco de esquecer outras também significativas. Tais nomes femininos, entretanto, não estavam condicionados ou diga-se melhor, atrelados a um personagem masculino específico, eram mulheres notáveis, deixaram seus nomes na história, mas não tinham propósitos de amparar algum marido, companheiro, pai, irmãos. Eram independentes, ciosas de sua presença na sociedade a que pertenciam e estavam, ao seu modo, cumprindo um dever cívico.

Entretanto, ainda precisamos realçar outra dimensão do seu papel: o lado mãe, o exercício da maternidade. E para melhor retratar esse papel, faço minhas essas palavras.

Uma mulher chamada Anne foi renovar a sua carteira de motorista. Pediram-lhe para informar qual era a sua profissão. Ela hesitou, sem saber como se classificar.

“O que eu pergunto é se tem algum trabalho”, insistiu o funcionário.

“Claro que tenho um trabalho”, exclamou Anne. “Sou mãe”.

“Nós não consideramos ‘mãe’ como um trabalho.” Vou colocar “Dona de Casa” disse o funcionário firmemente.

Não voltei a lembrar-me desta história até o dia que me encontrei em situação idêntica.

A pessoa que me atendeu era obviamente uma funcionária de carreira, segura, eficiente, dona de um título sonante.

Qual a sua ocupação? Perguntou.

Não sei o que me faz dizer isto; as palavras simplesmente saltaram-me da boca para fora; “sou Doutora em Desenvolvimento Infantil e em Relações Humanas”.

A funcionária fez a pausa, a caneta de tinta permanente a apontar para o ar, e olhou-me como quem diz que não ouviu bem.

Eu repeti pausadamente, enfatizando as palavras mais significativas. Então reparei, maravilhada, como ele ia escrevendo, com tinta preta, no questionário oficial.

“Posso perguntar”, disse-me ela com novo interesse, “o que faz exatamente?”

Calmamente, sem qualquer traço de agitação na voz, ouvi-me responder. “Desenvolvo um programa a longo prazo (qualquer mãe faz isso), em laboratório e no campo experimental (normalmente eu teria dito dentro e fora da casa). Sou responsável por uma equipe (família), e já recebi quatro projetos (quatro meninas).

Trabalho em regime de dedicação exclusiva (alguma mulher discorda?) o grau de exigência é a nível de 14 horas por dia (para não dizer 24...). Houve um crescente tom de respeito na voz da funcionária que acabou de preencher o formulário, se levantou, e pessoalmente me abriu a porta.

Quando cheguei em casa, com o título da minha carreira erguido, fui recebida pela minha equipe — uma com 13 anos, outra com 7 e outra com 3.

Do andar de cima, pude ouvir o meu novo experimento (uma bebê de seis meses) testando uma nova tonalidade de voz.

Senti-me triunfante! Maternidade... que carreira gloriosa!

Assim, a avó devia ser chamada “Doutora-Sênior em Desenvolvimento Infantil e em Relações Humanas”.

A bisavó “Doutora-Executiva-Sênior e a tia “Doutora-Assistente”.

Percebe-se, então, que, a nossa neo-acadêmica percorreu toda sua trajetória na mesma dimensão plena e multifacetada: como mulher, esposa, mãe, profissional, e cidadã, altamente comprometida com a transformação da nossa realidade.

A nossa homenageada afirma-se como participante e atuante na construção de uma nova sociedade, acredito mais generosa, mais humana, com um ideal de uma paz mais duradoura e verdadeira.

Considerando a mulher como referência, saudamos a nossa confreira, cuja vida tem sido modelo para muitas gerações.

Rosa Pereira Levita, nós somos merecedora de vossa presença, de vosso convívio.

Sede bem-vinda à nossa Academia Baiana de Educação.

DISCURSO DE POSSE da Acadêmica Rosa Pereira Levita na Academia Baiana de Educação

1. O PATRONO: ARLINDO SILVA COSTA E OS ACADÊMICOS QUE OCUPARAM ANTERIORMENTE A CADEIRA Nº 12 – ADROALDO RIBEIRO COSTA E BÁRBARA VASCONCELOS DE CARVALHO.

Ilmo. Sr. Presidente da Academia Baiana de Educação, Conselheiro Estadual e Prof. Alírio Barbosa de Souza, Exma. Sra. Vice-Presidente da Academia Baiana de Educação Profª Leda Jesuino, insígnias Acadêmicos, Companheiros do Rotary Club Bahia Leste. Companheiros do Grupo Conviver, Parentes, Amigos, Senhoras e Senhores.

Espero que me ouvireis com a mesma indulgência que me alçastes a este privilégio e aceitastes a minha escolha para membro da Academia Baiana de Educação para falar-vos nesta solenidade que hoje nos congrega, onde não vejo apenas velhos e novos companheiros, e sim, parentes e amigos, elementos conspícuos do nosso alto meio educacional e social, científico e cultural, cujas presenças que tanto nos cativam e que tão grande realce imprime a esta solenidade, não significa apenas um gesto de cortesia, mas, autêntico testemunho de apreço e consideração dispensados à nova companheira.

Muito e muito obrigada.

Rememorando em longos traços os fatos mais importantes que sempre envolveram a vida do Patrono da Cadeira nº 12, Prof. Arlindo Silva Costa e os acadêmicos que a ocuparam anteriormente: Profs. Adroaldo Ribeiro Costa e Bárbara Vasconcelos de Carvalho, procurarei, de modo sucinto, narrá-los a contento, fugindo às particularidades e minúcias com a finalidade de tornar menos demorada e enfadonha a tarefa que me foi cometida, sem comprometer contudo a verdade sobre a vida dos eminentes educadores, os quais se tornaram conhecidos através de suas obras publicadas, de seus trabalhos notáveis e de cultura aprimorada.

Procederei neste momento atendendo a advertência de Tácito:

"Escreve-se a história não para a adulação, mas, para o testemunho e a verdade."

Arlindo Silva Costa residia em Santo Amaro da Purificação em companhia de sua esposa Alíria Ribeiro Costa.

Tiveram dois filhos: Aderbal e Adroaldo.

Como em Santo Amaro não existia Ginásio, Arlindo empenhou-se em fundar um Ginásio nesta Cidade, a fim de dar aos filhos, melhor assistência na sua aprendizagem e, também, beneficiar os jovens que residiam em Santo Amaro e nas Cidades circunvizinhas.

Eis aqui o grande mérito de um homem de recursos financeiros limitados, sem escolaridade superior, morando no interior do Estado da Bahia, onde não havia nenhum ginásio e na Capital pouquíssimos, sendo apenas um oficial.

E, finalmente, no dia 3 de fevereiro de 1928, era inaugurado pelo Governador Francisco Marques de Góes Calmon o Ginásio Santamarense.

Em fevereiro de 1929 o Ginásio Santamarense iniciou o ano letivo tendo-o como Diretor.

Ao Ginásio Santamarense dedicou todo seu idealismo, capacidade de trabalho e proficiência enquanto teve forças para lutar contra a insidiosa moléstia que o atingiu.

Adroaldo Ribeiro Costa, seu filho, reconhecendo o trabalho admirável realizado por seu pai, indicou o seu nome para ocupar a cadeira nº 12 da Academia Baiana de Educação, da qual foi um dos seus fundadores.

Arlindo Silva conquistou os seus verdadeiros objetivos merecendo a admiração e reconhecimento dos Santamarenses.

No livro "Páginas Escolhidas", Aramis Ribeiro Costa ressalta o seu grande mereci-

mento: 'Arlindo Silva Costa conquistou o título de Educador nato'.

Certamente, seu nome viverá na memória de seus discípulos e na história da Cidade de Santo Amaro.

Adroaldo Ribeiro Costa, baiano, soteropolitano, nasceu em 13 de abril de 1917, tendo vivido a sua infância em Santo Amaro da Purificação recebendo o título de cidadão Santamarense uma homenagem que muito o sensibilizou.

Toda a infância de Adroaldo foi passada em Santo Amaro.

Diplomou-se em Direito, mas dedicou toda a sua vida à educação.

Professor Catedrático de História no Instituto Normal da Bahia, hoje, ICEIA, onde também foi Diretor na década de 60.

Diretor do Colégio João Florêncio Gomes.

Dirigiu o SEAM – época em que muitos menores infratores foram reeducados, através de oficina e de artes, participantes na formação de uma Banda de Música e de cursos profissionalizantes, a fim de promover a reintegração desses jovens na Sociedade.

Jornalista - Editoralista do Jornal "A Tarde", além de responsável por uma crônica diária "Conversa de Esquina".

Entre suas composições encontram-se - Valsas, Canções, o Hino do Bahia, Hino

das Olimpíadas Baiana da Primavera e as operetas: "Narizinho", "Monetinho", "Timide".

Sua maior obra e motivo de vida foi a "Hora da Criança", um movimento de Arte voltado à Educação, a qual manteve-se no ar, com extraordinária audiência de 1943 a 1973.

Mantendo correspondência com o escritor Monteiro Lobato, conseguiu autorização para encenar a "Opereta Narizinho". Esse evento marcou a estréia do Teatro Infantil no Brasil em 22 de dezembro de 1947, no antigo Teatro Guarani, com a presença de Monteiro Lobato. Foi um espetáculo grandioso e considerado o maior acontecimento cultural da época.

Como educador, Adroaldo sempre se preocupou com a criança e munido de grande sensibilidade observava os episódios do dia a dia, acompanhando as notícias da Bahia, do Brasil e do mundo, aproveitando

temas polêmicos e transformando-os em obras teatrais, a exemplo de "Monetinho".

Outro tema abordado "A mortalidade infantil", através da peça Timide em 1957.

Na categoria de Revista, realizou em 1953 "-Enquanto nós Cantarmos" e "Nossa Árvore Querida" em 1959, comemorando os 20 anos de atividade.

Conta Adroaldo no seu livro "Igarapé" que o Governador Antônio Balbino, após assistir a Opereta Narizinho, no Teatro Guarani, prometeu à Bahia construir um Teatro digno para os baianos. Diante disso, podemos considerar que Adroaldo foi o inspirador da construção do Teatro Castro Alves, sendo convidado para organizar o evento da sua inauguração.

Foi o organizador dos eventos no sesquicentenário da Independência, além de escrever uma Revista em Quadrinhos, "A Independência foi Guerra na Bahia", com desenhos de Ada Brito, artista plástica, integrante da Hora da Criança, a qual foi editada pela Abril Cultural e reeditada no final da década de noventa, pela Fundação Cultural do Estado da Bahia.

Mestre por excelência, autor de 7.200 crônicas, Adroaldo foi e continua ilustre e imortal.

Prof.^a Bárbara Vasconcelos de Carvalho, licenciada em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia da Bahia. Foi professora de Português e Literatura do ICEIA e do Severino Vieira. Na década de 50 mudou-se para São Paulo, onde, também concursada, lecionou em vários colégios públicos e particulares da capital paulista.

Aprofundou seus estudos em literatura infanto-juvenil. Introduziu no Brasil o estudo da Literatura Infantil no currículo do referido curso e publicou o primeiro compêndio sobre literatura infantil em língua portuguesa.

Na Bahia, publicou dezesseis livros de literatura infanto-juvenil, adaptações de clássicos desta área e livros didáticos para essa faixa etária.

Membro fundador da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil, ocupou uma de suas cadeiras e, na Academia Baiana de Educação, a vaga deixada por um saudoso e dileto amigo, o Prof. Adroaldo Ribeiro Costa.

A modéstia e a humildade marcaram sua vida profissional como docente e, principalmente, como escritora, mostrando-se mais preocupada em criar e produzir do que divulgar e laurear suas obras.

E, assim, ela soube conquistar a admiração de um vasto e leal público através de seus versos que expressam um dos mais belos sentimentos: o amor.

O seu livro "Bem me Quer" é uma demonstração de amor em versos originais e bem adequados aos interesses das crianças. Encantam pela originalidade, pois são poesias delicadas, irresistíveis, de gênero singular de uma Educadora Poeta que ousou

transmitir para o público o seu amor à criança e que a tornou parte do seu mundo.

Disse Leo Buscaglia autor do livro: Amor.

"Viver amando é viver na vida e viver na vida é viver amando."

Para mim, Bárbara Vasconcelos de Carvalho através de seus poemas, fez de sua vida uma dádiva fantástica e ousou moldar através da poesia o seu próprio mundo.

Como esquecer esta brilhante figura cuja vida consagrou à educação e às crianças, atingindo às culminâncias do seu idealismo.

A Profª Bárbara Vasconcelos de Carvalho deixa-nos o seu grande exemplo de idealismo e tenacidade, merecendo nosso apreço e admiração.

2. A RECIPIENDÁRIA: ROSA PE-REIRA LEVITA

Agradeço-vos, profundamente sensibilizada, a subida honra que houvestes por bem conceder-me, recebendo-me nesta douta Academia Baiana de Educação.

Tenho na mais alta conta a iniciativa da Acadêmica Profª Maria Augusta Cruz Abdon e dos eminentes e generosos Confrades e Confreiras, membros desta Academia ensejando esse vosso gesto de cortesia que tanto me sensibiliza e em tão destacada condição coloca-me nesta cerimônia.

A altura a que chego por vossa extrema benevolência, sob o impulso do pensamento - carlyliano - aquele que definiu o grande homem no modo por que trata os pequenos - a todos nós conforta e dignifica e muito mais,

a mim que passo a desfrutar das honrarias com que me acumulastes.

O meu desvelado apego a educação inspirada pelos vínculos de respeito a àqueles que no passado contribuíram para o meu preparo profissional - e o inequívoco propósito de não podendo exaltá-los, tudo fazer para não deserví-los no transcurso de quase meio século de ininterrupta atividade profissional, sempre exercendo funções nobilitantes sem desfalecimento, conscienciosamente com idealismo e dedicação, hão de ter contribuído para o veredicto que hoje, sobremodo, me entenece.

Mas, o sentido predominante da homenagem, o que mais me encanta é a demonstração de ternura e sincera amizade da Confreira Profª Maria Augusta Cruz Abdon. Ela expressa o cordial propósito de me ver por mais algum tempo participando do convívio de educadores eméritos que se aproximaram num fraterno convívio pelos sentimentos e aspirações nos domínios do saber e da cultura, com os quais me honra a partir deste momento de ter o ensejo de ombrear-me, na comunhão de ideais tão sublimes dedicados à educação.

E não menos cativantes, Senhoras e Senhores, companheiros do Rotary e do Grupo Conviver, meus familiares e amigos, é a gentileza que hoje nos congrega nesta solenidade, onde não vejo apenas os amigos, parentes e estimados Companheiros, mas, também, esta brilhante nata do meio Universitário.

Vêde como posso estar enlevada e jubilosa diante de tantas provas de amizade, compreensão e estima, nestes instantes de alegria e cordialidade!

Acode-me à mente, aquela abaladora advertência do Padre Antônio Vieira: "não há alegria neste mundo tão privilegiada, que não pague pensão à tristeza".

É exatamente o que acontece agora ao receber um título tão honroso que põe em alvoroço os sentimentos que comovem e não se traduzem dominado pelo "doloroso tributo pago por todos aqueles que sentem e pensam, por todos aqueles que encaram com curiosidade o mistério da vida" - como dizia Olavo Bilac da tristeza. Assim, perturbada pela idéia de não frustrar a vossa expectativa, vou revelar o nome daqueles que muito

contribuíram para minha formação profissional.

Antes, porém, desejo fazer uma justificativa quanto a preferência do contexto, animada pela estimulante afirmativa de Cícero - "as próprias idéias arrastam consigo as palavras".

É voz corrente que quando atingimos a idade madura, gostamos de contar histórias ou as reminiscências de tempos que já passaram, céleres, como os "Alados Gênios". Recordações das alegrias e tristezas, satisfações e angústias da própria vida, o cotidiano do nosso aprendizado e do exercício da nossa profissão.

Como resumir em poucas palavras este mundo de idéias, pensamentos e afetos que com ufania a memória revive, sem alongar-me além do que desejo e julgo permissível?

Nasci na cidade de Cachoeira, filha caçula do casal Ricardo Vieira Pereira e Georgeta Motta Pereira. Aos seis anos de idade perdi o meu pai - homem digno, comerciante acreditado na sociedade cachoeirana cujo conceito exemplar legou aos seus 9 filhos.

A boníssima e santa mulher que me deu a vida, foi a minha primeira e desvelada mestra e educadora, que me incutiu no espírito o amor ao próximo e aos livros e que permanece viva em minha saudade. Ela dizia-me confiante e repetidamente: "Rosa, você vai ser Professora".

Eu era dócil à vontade de minha Mãe, ao suave e terno influxo de sua imensa bondade e ela tinha a convicção de que não a decepcionaria.

Depois dessa inesquecível primeira mestra devo o pouco que sou a meu irmão e padrinho, Ricardo Vieira Pereira, o qual após ter realizado um curso de especialização em Roma no período de 10 anos, onde fez o curso de Teologia e doutorado em Direito Canônico. Regressando a sua terra natal, decidiu assumir a minha educação. Matriculou-me no colégio da Soledade onde, fui aluna interna e cursei os 2 anos fundamentais. Em seguida, matriculou-me no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, cuja Diretora era a emérita Prof^a. Anfrisia Santiago, onde cursei os quatro anos do curso Normal e tive o ensejo de ser aluna do sábio professor de português Álvaro Vasconcelos da Rocha, do qual recebi os melhores ensi-

namentos importantes da nossa língua. Rememorar, mesmo sumariamente, a individualidade dos Mestres que orientaram minha formação profissional, seria um nunca acabar, tantos foram eles, e roubaria muito tempo da vossa honrosa atenção. Guardo-os todos, sem exceção com devido respeito e gratidão em minha memória.

Recordo também com muito afeto e carinho a lembrança dos meus irmãos. Oito já estão no reino de Deus. Pessoas admiráveis, inteligentes, cultos e empreendedores. Destacaram-se na sociedade no desempenho das suas nobres profissões. Entre eles merece destaque e doce recordação a minha irmã Zulmira Pereira Dias Lima que muito me beneficiou na minha infância com as luzes dos seus ensinamentos, dedicando-me afeição verdadeiramente maternal. Casou-se com Renato Dias Lima. As palavras sensatas há meio século pronunciadas é que bem definem a personalidade do referido cunhado e amigo distinguindo-se pela finura no trato e esmerada educação, dotado de inextinguível força de vontade e incansável operosidade, legando aos 6 filhos e netos um exemplo edificante.

Anarolino Teodoro Pereira, o mais velho dos irmãos, aos 22 anos assumiu as responsabilidades da grande família deixada por meu pai. Dedicou-se ao comércio e muito estimado pelos seus conterrâneos foi eleito três vezes Prefeito da Cidade de Cachoeira. Faleceu aos 59 anos, deixando viúva Augusta Peixoto Pereira, 16 filhos, muitos netos e bisnetos.

Antônio Vieira Pereira, o mais jovem dos homens, formou-se em Direito, casou-se com Lucy Calheiros e teve apenas 1 filho: Ricardo Calheiros Pereira. Lecionou no Colégio da Bahia sendo considerado um professor admirável em cumprimento dos seus deveres. No governo de Dr. Antônio Lomanto Júnior foi nomeado Diretor do Colégio Severino Vieira. Era poeta e escritor. Publicou vários livros apreciáveis.

Augusto Públio Pereira - médico, porém pouco exerceu sua nobre profissão, pois abraçou a política. Foi eleito várias vezes Deputado e na função de Presidente da Assembleia Legislativa assumiu várias vezes o Governo da Bahia na ausência do então Governador Regis Pacheco.

Brilhante e eficiente foi sua trajetória política, só interrompida quando grave infecção pulmonar o vitimou.

Nísia Jovita Corrêa da Silva, a mais velha das irmãs. Casou-se aos 16 anos com o bancário Álvaro Jovita Corrêa da Silva, teve 5 filhos e 7 netos. Foi uma mãe dedicada ao lar. Era alegre, positiva e generosa. Realizou seus ideais. Viajou muito em companhia de seu esposo. Eram clientes das viagens marítimas realizadas pelos navios da Línea C. Tiveram 5 filhos e 7 netos.

Neste ano, nos meses de abril e maio perdi duas diletas irmãs, as quais sempre foram a alegria do meu viver.

Nola Pereira de Araújo admirável escritora, poeta e autora de 4 livros e de 300 crônicas publicadas no Jornal A TARDE.

Casou-se com o comerciante Arlindo Araújo, deixando-nos uma bela família: 4 filhos, 12 netos e 17 bisnetos.

Olga Pereira Mettig – mestra excepcional, Pedagoga exemplar!

Casou-se com o Engº Agrônomo Gustavo Ernesto Mettig. Legou-nos duas filhas admiráveis: Olga Mettig Filha e Carmem Mettig Rocha e ganhou um genro – filho, o qual é o Acadêmico Marcelo Rocha e deu-nos 6 netos e 4 bisnetos que alegraram o seu viver.

Toda uma vida dedicada a educação com perseverante amor ao estudo e ao ensino, adquiriu grande experiência e atingiu a culminância na sua profissão.

Criou e fundou as Faculdades Olga Mettig. Entre várias homenagens, recebeu o título de educadora do ano de 1999. Trabalhava com dedicação e entusiasmo em franca e leal colaboração com os Professores e, assim, dia a dia, aumentava o prestígio das Faculdades sob sua Presidência.

Sua história educacional lhe perpetua o nome.

Dentre as suas publicações salienta-se “Noções de Gramática Portuguesa” no total de 372 edições sendo publicadas 1.852.000 (um milhão oitocentos e cinquenta e dois mil) exemplares.

Confreiras e Confrades Senhoras e Senhores devo concluir este relato e sinto não poder esboçar senão palidamente o perfil dos meus 8 irmãos, cujas personalidades, pelos inequívocos exemplos de amor, dedica-

ção ao trabalho, ao estudo, ao ensino, todos dignificaram a sua caminhada com as luzes de seus talentos, deixando seus nomes imortalizados na galeria dos antepassados com o halo luminoso do cumprimento do dever.

Dir-vos-ei apenas guardo-os todos na minha memória e no meu coração.

Consola-me reconhecer que a morte objetiva, somática que desfaz as estruturas orgânicas onde cintilou a chama da vida é o alvorecer de outra existência subjetiva, imaterial, espiritual e contudo real.

É a sobrevivência, o sensório no coração dos que guardam indeléveis e permanentes recordações dos que partiram para o sono eterno, tal como disse o poeta: “Viver nos corações que deixamos através de nós, não é morrer”.

A visão da memória não apaga a morte. Meus pais e irmãos permanecerão vivos em minha lembrança e reconhecimento. Sinto-me feliz de pertencer a família constituída por meus pais, rendendo a eles e aos diletos irmãos, o meu preito de profunda gratidão, por tantos conselhos e sábios ensinamentos, principalmente a mim, pois todos me deram tanta dedicação maternal e paternal, esperando um dia assistir a irmã caçula honrar a sua profissão, realçando-a com desvelo, dedicação e idealismo.

Nesta oportunidade, peço permissão ao Presidente desta Sessão, Acadêmico Prof. Alírio Barbosa de Souza para a minha filha Rosa Maria Levita de Almeida entregar a minha cunhada-irmã Ivirnice Maracajá Pereira as flores que expressam todo meu reconhecimento, pelo muito que recebi do meu irmão e Padrinho Ricardo Vieira Pereira pelo longo tempo que dedicou a minha educação e formação profissional, valiosa contribuição, sempre me orientando com dedicação e bondade inextinguível, predicações primorosas que lhe ornavam o nobre caráter.

Como a Acadêmica Profª Maria Augusta Cruz Abdon percorreu tão bem sobre o meu currículo deixo de mencioná-lo, pois acho dispensável fazer qualquer referência sobre o mesmo, considerando o risco de tornar-me enfadonha.

Peço uma atenção especial ao registro da principal realização da minha vida, o meu enlace matrimonial com o Engº Civil

Santorino Levita. O nosso casamento perdurou por 41 anos, período em que a felicidade esteve sempre presente no nosso lar. Tivemos três filhos adoráveis. Santorino Levita Filho que faleceu no dia 13 de abril de 2003, Rosa Maria Levita de Almeida e Regina Célia Levita e ganhamos um excelente genro: Nilton Mendes de Almeida. Difícil é fazer uma síntese dos momentos venturosos que tivemos com nossos filhos, os quais sempre corresponderam a nossa orientação sendo estudiosos e obedientes. Suas presenças tão afetuosas enriqueceram nosso lar. De dois filhos ganhamos sete netos encantadores, responsáveis e cumpridores dos seus deveres.

O meu esposo foi um ser paternal e ao mesmo tempo, amoroso, franco e sincero.

As suas atitudes sempre foram positivas e sua bondade era constante. O seu nome honrado e digno nos legou. Até hoje, sentimos a sua ausência insubstituível.

Confrades e Confreiras; Senhores e Senhoras:

Tem sido espetacular, algo de assombroso o progresso das ciências nestas últimas décadas, em especial na medicina e na cirurgia.

A cirurgia geral vencendo todos os obstáculos, já atua vitoriosamente em todos os órgãos e a vacinação profilática atua desde os primeiros meses de idade.

As conquistas das Ciências Biológicas, da Biofísica e da Bioquímica têm indubitavelmente promovido grandes avanços no âmbito da Patologia e da Terapêutica.

O tempo não pára. Principalmente agora que fazemos parte de um novo mundo onde globalização, violência, competitividade, tecnologia, novos valores sociais, internet, comércio eletrônico e outros se misturam ao nosso dia a dia.

As mudanças e o progresso técnico abrangeram toda nossa civilização, principalmente crianças, jovens e adultos.

Longo caminho percorre a Escola Elementar desde seu objetivo original acadêmico promovendo o máximo desenvolvimento de cada criança através de um currículo restrito e da adoção do método de "recitação", certo número de páginas a serem recitadas pelo professor para aluno - ou de responder

a série de perguntas feitas pelo professor sobre o texto lido, do currículo extenso.

Já o currículo moderno, implantado em vários países é organizado à base de atividades e experiências, sendo as questões em estudo sempre relacionadas com o meio.

Vários educadores chegaram a conclusão que o ensino não pode permanecer tradicional e estático, deve adaptar-se às condições sempre em transformação.

Nos últimos 40 anos, pelo menos, esse método mudou rapidamente, tanto material quanto culturalmente e a educação acompanhou essas mudanças.

Em consequência, muitos professores ficaram confusos com as mudanças então operadas, tanto na teoria como na prática. Todavia essas mudanças foram aceitas numa seqüência espantosamente rápida.

Desde o término da Segunda Guerra Mundial, o povo de diversas partes tão afastadas como Scardale, no Estado de Nova York e Pasadena, na Califórnia, revoltou-se contra o que se denominou a "formação cerrada" da tradição. Segundo este novo sistema, o trabalho da escola deveria basear-se nas exigências e interesses da criança. Esta transferência da ênfase do programa de ensino para a criança que se observou na Inglaterra em 1957, já se havia processado há cerca de quinze anos antes nas Escolas Americanas. A escola em função da criança, que incorporou esse princípio foi o resultado de estudos psicológicos da criança e de seu desenvolvimento aliados à influência da ênfase que, segundo John Dewey, deve ser colocada no crescimento e ao seu princípio de que a educação é a vida e não um preparo para vida.

Embora os dois princípios contribuíssem para a eliminação de muita inutilidade do currículo a ênfase do "uso" ou "função" não foram levados em consideração.

A crítica de Dewey contra a prática tradicional do currículo organizado à base de matérias é que o educador não podia começar com um conhecimento já organizado e retransmiti-lo aos poucos e sim através do constante processo de organizar fatos e idéias.

Em consequência a corrente do currículo organizado, desprezou a corrente dos fatos e informações.

A teoria que atualmente parece predominar é da escola em função da comunidade. Seu objetivo consiste em desenvolver, por meio da utilização das atividades e experiências da comunidade, o conhecimento do meio e um sentimento de responsabilidade social e cívico, bem como de lealdade ao ideal democrático.

A Escola, diz-se, deve preparar os alunos para enfrentar os problemas em um mundo que está se tornando cada vez mais complexo.

O antigo currículo pode ter sido satisfatório na época vivida, mas já não é suficiente para um mundo altamente mecanizado e prestes a presenciar transformações bem mais importantes, tais como a energia atômica, o avião a jato, televisão, internet, novos valores sociais, etc, que estão modificando a atmosfera moral e cultural em que são educadas as crianças.

Essas condições devem ser levadas em consideração quando se planejam os currículos das Escolas.

Na prática, entretanto, são adotados os três tipos de organização curricular - o essencialista, o que se concentra na criança e o que se concentra na comunidade - e até o próprio método da recitação o qual é mantido ainda em algumas escolas. Os objetivos que determinam o trabalho nas Escolas, são, todavia semelhantes, apesar das diferenças de métodos. O desenvolvimento da personalidade do aluno, a promoção de boas condições de saúde física e mental e a formação de cidadãos responsáveis de uma sociedade são objetivos universalmente declarados.

Também buscam as Escolas criar padrões de bom gosto e apreciação em questões de literatura, música e arte. Sendo possível emprestar-se cada dia maior importância a utilização de aparelhos áudio-visuais enquanto o uso do rádio, televisão e computador não tenham sido convenientemente explorados, devido a falta de recursos para a instalação dos referidos aparelhos nas escolas estaduais e municipais.

A grande mudança que se operou não foi na diferença de métodos (podem todos serem úteis) mas, no reconhecimento de que o aluno deve compreender o que precisa aprender.

Os padrões cada vez mais são mantidos por meio do emprego de testes de aproveitamento.

Os testes de aproveitamento têm várias utilidades: estabelecem padrões de aproveitamento nas diversas matérias; auxiliam o professor a descobrir os pontos fracos de seus métodos de ensino e mostrar as dificuldades encontradas pelos alunos.

As Escolas Públicas têm sido violentamente censuradas desde o término da Segunda Guerra Mundial.

Essas críticas tiveram, pelo menos, a virtude de provocar uma campanha pela associação do que houvesse de melhor nos métodos tradicionais com o que de melhor contivesse a nova teoria educacional.

A tarefa do Professor também sofreu grandes modificações, exigindo-lhe muito mais que as normas tradicionais o faziam. Necessária será a elevação do nível de preparo dos professores primários, corolário indispensável à mudança do status da Escola Primária para o de fase inicial de um processo contínuo de educação.

Verdadeiro é o Mestre que através da instrução realiza um ensino mais profundo, isto é, transmite ideais aos seus alunos.

São os ideais que fornecem os motivos mais válidos e mais sólidos para um esforço continuado e intenso.

O mestre há de ter sempre presente, na mente e no coração, o desejo ardente de atingir a todos no seu trabalho de instalar a idéia-força, centro aglutinador e harmonizador, capaz de manter um elan contínuo em direção a metas significativas sempre melhor definidas. Para tanto, deverá envolver os alunos mais receptivos na contemplação do ideal.

Todo o ideal educacional será mais efetivo se for gerado num clima de exaltação e se estabelece comunhão mais perfeita entre professor e aluno. Nada estimula tanto um ideal elevado, motivando trabalhos e sacrifícios em comum, sem a presença de um Mestre que registra o esforço sorri aos progressos e conta as vitórias.

A nova Pedagogia

Leon Brunschvicci comparando a organização educacional ideal a uma árvore disse: "Todas as crianças deveriam ser comparadas às plantas cujo crescimento espontâneo é assegurado pelo mesmo método, apenas se permitindo ao tronco crescer até determinada altura, quando então se deixará que os galhos brotem livremente sem qualquer obstáculo artificial e se expandam de acordo com a energia inata de cada um".

Sob o ponto de vista psicológico, acentuou-se a posição da criança como indivíduo dotado de personalidade própria e, por conseguinte, a necessidade de levar-se em consideração as diferenças possíveis de aptidão. Como fator do desenvolvimento da personalidade, a educação não se poderia limitar ao preparo intelectual, teria também de contribuir para o desenvolvimento completo da criança - intelectual, emocional e físico. O indivíduo é um ser ativo que aprende pela experiência; mas, como nem todas experiências são educativas e próprias para formar a personalidade socializada, a função da escola é fornecer ao indivíduo aquelas experiências úteis e valiosas à sociedade. Mas,

a escola tem outra função: a de orientar o aluno, ajudando-o a escolher o tipo de experiências que lhe permitam desenvolver a personalidade e tornar-se um elemento útil à sociedade. Ao aprender por meio de experiências socialmente úteis, o aluno precisa empregar sua atividade já que aprende à medida que se interessa por suas atividades próprias. Isto não quer dizer que ele deverá seguir livremente seus próprios interesses sem visar seu próprio objetivo. Como, porém, o aluno é inexperiente, esses objetivos devem ser determinados pelo professor ao selecionar as atividades que melhor atraiam a participação ativa do discípulo. Em outras palavras, o aluno se interessará e participará do processo educacional, tanto melhor quanto maior sentido encontrar nas experiências de que se constitui o currículo.

A revolta contra a educação elementar tradicional teve duplo aspecto: visou ao currículo e aos métodos de ensino. Em relação ao currículo, os métodos em uso baseavam-se excessivamente na aprendizagem passiva, isto é, na repetição e na memorização,

sem que muitas vezes compreendessem os alunos o que se lhes ensinava. Sendo as classes mui numerosas, não permitindo levar em conta as diferenças individuais, a dose de conhecimento fornecida era a mesma para todos e a atenção exigida pelos métodos empregados era mantida pela força de uma rigorosa disciplina.

Em consequência da revolta então ocorrida transferiu-se o pêndulo educacional de um pólo para o outro. Como o ensino tradicional se baseava na aquisição de conhecimentos e fatos ele foi banido por sobrecarregar excessivamente o espírito e era o currículo organizado por matérias. Então transferiu-se estas ênfases para a criança que deveria seguir livremente seus interesses e escolher suas próprias experiências, assim a organização lógica do currículo foi substituída pela psicológica. Todavia, como o assinou Dewey, "as exigências, os interesses e as experiências da criança servem apenas de impulso inicial; os fatos e as idéias têm de ser organizados ao longo do processo educacional".

A psicologia da educação veio confirmar a teoria da educação democrática, segundo a qual o indivíduo é uma personalidade independente e responsável, um ser humano de valor reconhecido que, ao se tornar adulto será chamado a desempenhar seu papel de cidadão. São funções que a pessoa deverá desempenhar ao se tornar adulta, que nos impede de aceitar literalmente o lema de que a educação é vida e não preparo para a vida.

É exato que todas as experiências afetam o indivíduo de uma forma ou de outra, mas, para serem educativas terão de ser escolhidas em função da vida que o indivíduo deverá levar. Ele não pode ser, nem é educado num vácuo; vive e é educado em um meio social que possui "uma herança de conhecimentos e exemplos heróicos de valores consagrados, segundo "Charles Beard". A herança social consiste em chaves que nos abrem o conhecimento do universo. Sua aquisição significa mais do que "simples conhecimento". Nem vale "o conhecimento apenas quando "funciona"; seu valor para o indivíduo cresce à medida que este, ao adquiri-lo o compreende e lhe domina os significados. O que se precisa estudar com aten-

ção são os métodos pelos quais eles são adquiridos, pois devem estimular a capacidade de pensar e julgar e não ensinar a decorar sem compreender.

O pêndulo que havia oscilado para o extremo oposto da Escola Tradicional está aos poucos voltando para uma precisão mediana.

Os fatores que mais contribuem para o meio termo são em primeiro lugar, reconhecer que a criança deve desenvolver sua personalidade e, portanto, que suas aptidões e interesses devem ser levados em consideração ao se iniciar o processo educacional e, em segundo lugar, que se deve formar à sua volta um ambiente que permita a esses interesses e aptidões serem canalizados para uma direção socialmente útil.

Transferem-se a ênfase do ensino realmente para o Professor que precisará ter sempre em vista as finalidades imediatas e remotas da educação e selecionar, no amplo meio de cultura e experiências, aqueles aspectos que, em determinada fase de desenvolvimento da criança são realmente educativos. Ele terá de conhecer profundamente os assuntos que ensina e sua importância; a fim de estimular a participação ativa dos alunos, na compreensão e julgamento do significado daquilo que aprendem.

O que se recomenda é que o processo educativo não se deverá sentir preso a esta ou aquela teoria educacional e não deverá rejeitar o que a experiência provou ser valioso, pelo simples fato de ser tradicional, nem aceitar a última novidade, porque é moderna.

Compete à educação, como sempre, promover o desenvolvimento físico, estético e intelectual, o cultivo de interesses intelectuais e as bases de uma personalidade bem equilibrada. Porém, hoje, exigem esses objetivos, mais que outrora, uma seleção cuidadosa do que será ensinado e de métodos de ensino que despertem a participação espontânea da criança. Jamais deve ser esquecido que o ensino é uma arte que a ciência da educação pode promover mudanças e que o ser humano não é feito de matéria utilizada pelo cientista em seu laboratório.

Além disto há uma herança cultural que constitui, por assim dizer, um mapa a

ser explorado, e para essa exploração cada geração precisa ser ensinada.

A Acadêmica Prof^a Zilma Parente de Barros, apresentando os novos paradigmas da educação, afirma que "A nova educação não separa a teoria da prática, aprende-se de forma contínua, no fazer acontecer do dia a dia.

O foco não está mais na transmissão de informações, mas sim, na busca e construção de conhecimentos que leva o educando a desenvolver seu nível de competência duradoura."

No capítulo sobre "prontidão para a aprendizagem" há um testemunho de um professor altamente preparado que afirma "qualquer assunto pode ser ensinado, de maneira eficiente e intelectualmente honesta, a qualquer criança, em qualquer estágio de desenvolvimento."

Acreditamos, com o autor, que a hipótese é ousada, e que cada um de nós levará tempo a assimilá-la e ser capaz de enfrentar os desafios que encerra, as perguntas que provoca, e a tarefa de renovar nossas técnicas de trabalho para dar crescimento a essa semente.

Acreditamos, ainda, que vale a pena fazê-lo, pois devemos contribuir para incessante renovação que é a marca do ensino vivo, no qual o professor se empenha de coração.

Sua tarefa hoje, pode ser assim descrita: O professor deve participar de várias atividades escolares, cooperar na formulação de diretrizes Educacionais, contribuir para o melhoramento do currículo e ser um membro ativo de sua comunidade. E além disso, possuir uma personalidade vigorosa, bem ajustada e descobrir quais as condições que devem ser preenchidas para a educação se tornar uma realidade e não apenas um nome ou rótulo.

Contribuindo para que a escola prepare os jovens para as tarefas, os deveres, as lutas e as alegrias da vida inteira, desenvolvendo-lhes as qualidades físicas, os dons de espírito e do coração que os transformarão em trabalhadores, cidadãos e homens de verdade.

Cada época dizia Claude Bernard, tem seu acervo de erros e verdades, e o Mestre Francisco de Castro disse: "O erro é o flagelo

da humanidade, envenena as partes onde a inteligência se retempera, enxovalha o esplendor das mais belas teorias”.

Afirmando-vos que em toda a minha vida nada mais tenho sido que uma constante e devotada cultivadora da Educação, que é para mim um templo: religião e profissão. Confesso-me satisfeita por haver podido contribuir, embora mui modestamente – “mínima pars” do que desejaria ter feito quando assumi a Superintendência do Ensino e depois o Conselho de Educação. Enfrentei corajosamente as incompreensões, conformismo e não obstante contasse com o apoio do professorado e das mentalidades esclarecidas que presidiam os altos destinos da Educação e do Governo.

No dia memorável que fui empossada no cargo de Conselheira, recebi do Professorado 6.000 assinaturas louvando tal acontecimento considerando a vitória de esforços empenhados e prêmio ao idealismo

Já é tempo Confrades e Confreiras, amigos e parentes de por termo as minhas palavras com que procurei manifestar-vos toda a minha gratidão por este momento de justo e raro júbilo espiritual. Sinto profundamente que meu esposo esteja em outro plano, pois tenho certeza se vivo fosse estaria aqui participando do mesmo sentimento que me entenece como bem disse o altíssimo poeta da "Divina Comédia": "quello che nou fumai detto de alama". Ele sempre participou de corpo e alma destas emoções e com extremada dedicação e desvelado amor ao nosso lar, a minha vida e a todas as funções que exerci - como companheiro sincero, inspirador incansável e precioso.

Confrades e Confreiras:

Finalmente agradeço-vos a honrosa acolhida para participar desta Academia de convívio repleto de luzes e de saber.

Nesta oportunidade, peço licença a presidência da mesa para que minha neta, Caroline da Rosa Levita passe às mãos da minha madrinha, a Acadêmica Maria Augusta Cruz Abdon, este ramo de flores como preito de profunda gratidão.

Abe imo corde. Muito obrigada.

A CAMINHADA DE LEDA JESUÍNO DOS SANTOS

Edivaldo M. Boaventura

Dentre as lideranças educacionais da comunidade baiana, destaca-se a de Leda Jesuíno dos Santos, professora da Universidade Federal da Bahia (Ufba). A formação em Filosofia já se constituiu em uma exceção quando se diplomou nos anos quarenta do século passado, pela Faculdade de Filosofia da Bahia. O seu campo profissional sempre foi e é o da educação; primeiro, a educação secundária; depois, definitivamente, a superior. Como professora de História da Filosofia, implantou e dirigiu o Colégio de Aplicação, compôs o primeiro grupo que estudou a reforma universitária ainda em 1961; dirigiu as classes-piloto, uma das mais significantes experiências pedagógicas baianas; coordenou a implantação da Faculdade de Educação da UFBA, foi também pró-reitora do ensino de graduação. Professora emérita pela Ufba, na vilegiatura, publica livros de crônicas e ensaios e participa ativamente da vida cultural, em especial, da Academia Baiana de Educação, da qual é presidente de honra.

Harmonizando papéis

Este trabalho da professora Elizete Passos, *Leda Jesuíno, uma educadora*, contribuiu para dar maior visibilidade à sua personalidade e aos papéis por ela exercidos, mormente, a sua trajetória docente na Ufba. Encarando o estudo na perspectiva da personalidade e papéis, conforme Jacob W. Getzels, o comportamento social baseia-se nas dimensões normativa e idiográfica. A normativa ou nomotética é a dimensão institucional, e a idiográfica é a dimensão da personalidade. Em suma, de um lado temos a instituição ou as instituições, os papéis e suas expectativas; e do outro lado, o indivíduo, a personalidade e as necessidades de disposições, incorporando-se ambas no sistema social das interações interpessoais que conduzem ao comportamento observado. Harmonizando esses elementos, identificam-se as instituições com as respectivas expectativas que se integram na vida de Leda.

Nessas instituições, exerceu os encargos que responderam às expectativas favoráveis à aceitação de sua personalidade e liderança: aluna destacada, professora, diretora de escola e de faculdade, coordenadora de programas e de projetos educacionais, conferencista, oradora, membro de grupo religioso espiritualista, conselheira de educação.

As entrevistas deixaram claro que houve esforço, diria mesmo denodado hercúleo esforço, em exercer aqueles encargos compatibilizados com o papel de mulher, companheira, esposa, mãe, avó e bisavó. Toda personalidade, entendida como a organização dinâmica da individualidade, exerce papéis; todavia, ao desempenhá-los, encontram-se as expectativas com as necessidades de disposições. A dimensão institucional integra-se à idiográfica e permite observar o seu comportamento de educadora que satisfaz à comunidade baiana.

A pesquisa indaga: quem é Leda Jesuíno? Como seu colega de faculdade, eu começaria a responder que é uma professora da Ufba, que combina as dimensões nomotética e idiográficas de sua personalidade no ímpeto das realizações inovadoras.

Formação em Filosofia e Serviço Social

Tendo concluído o curso secundário no Colégio 2 de Julho, estabelecimento presbiteriano, na época dirigido pelo casal de professores evangélicos, Irene e Peter G. Backer, ingressa na primeira turma da Faculdade de Filosofia da Bahia, em 1943, bacharel-se em Filosofia, em 1945, licencia-se no ano seguinte. Complementa sua formação graduada com o Curso de Serviço Social e foi escolhida oradora da primeira turma. Embora vocacionada para o Serviço Social, não deixa a Filosofia. Continua estudando-a em cursos livres e com professores especializados. Ainda quando estudante, destaca-se pela força de sua inteligência, facilidade de comunicação oral e escrita, bem assim, pela capacidade de servir. O Serviço Social e

a Filosofia não são apenas dois cursos, são duas opções de vida.

Diplomada em Filosofia, passa a ensiná-la primeiramente em colégios, como o Sofia Costa Pinto, Nossa Senhora Auxiliadora (Colégio de Dona Anfrísia como era conhecido) e no Colégio de Aplicação; ensina, também, Latim, no Colégio 2 de Julho. Essa experiência de magistério no nível médio ser-lhe-ia depois muito importante para os seus projetos de educadora. Em entrevista ao jornal A Tarde, de 17 de março de 2002, esclarece: “desde os 18 anos que me dedico a ensinar. Logo que eu entrei na faculdade, fui convocada para começar a dar aulas de latim. Eu fiz vestibular de latim, me saí muito bem e tinha bagagem suficiente para começar a ensinar. São mais de 50 anos”.

Filosofia, a formação de base

Ingressa muito cedo no magistério superior, na Ufba, onde faria toda a sua carreira docente, quer na sala de aula, quer em postos de administração acadêmica. Em 1947 é nomeada assistente de ensino da cadeira de História da Filosofia e em 1950, torna-se regente da cátedra. Rege a cátedra de Filosofia e, ao mesmo tempo, com atuação marcante secretaria o Instituto Brasileiro de Filosofia, na Bahia, impulsionado pelo professor Romano Galeffi. Leda acompanhou a liderança que o professor Miguel Reale, catedrático de Filosofia do Direito da Universidade de São Paulo, imprimiu ao Instituto, em especial, na promoção de eventos e na publicação da revista. Foi uma época de muita dedicação à filosofia. Naquele momento, eram atuantes na Faculdade de Filosofia da Ufba os professores José do Prado Valadares, João Mendonça, Nelson Sampaio, Thales de Azevedo, Magalhães Netto, Jorge Calmon e tantos outros fundadores.

Em 1967, Leda chega a professor-adjunto. Além do ensino, desenvolve trabalhos de orientação metodológica com alunos. Ainda ensina Serviço Social Médico, na Escola de Serviço Social, em 1949. Anos depois, de 1967 a 1969, compõe o quadro docente da Faculdade de Educação da Bahia, criada por Olga Pereira Mettig, a primeira instituição no gênero, na Bahia e a segunda

no Brasil; mas será na UFBA, escalonada e concentradamente, que Leda fará a sua carreira acadêmica.

A professora de História da Filosofia, preocupada com a concepção trinitária da divindade, com Pestalozzi, com inúmeros trabalhos sobre a mulher, vai aos poucos se entregando à administração, manifestando assim uma característica muito própria de sua personalidade, - a indomável vontade de realizar. Em toda a caminhada docente, permaneceu a mulher de espírito, de pensamento, na conferência, na crônica, no discurso que retrata uma situação ou uma personalidade, como na oração da saudade ao professor e crítico literário Carlos Chiacchio e ao fundador da Faculdade de Filosofia, o educador Isaías Alves

Do Colégio de Aplicação ao Colégio Universitário

Como professora da Faculdade de Filosofia, Leda Jesuíno dirige o Colégio de Aplicação, de 1957 à 1964 e inicia também a sua carreira de administradora acadêmica. Com Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho, na reitoria da Ufba, é convocada para coordenar os trabalhos de planejamento do Colégio Universitário. A propósito, a primeira lei de diretrizes e bases da educação nacional de 1961 inovou com a previsão dos colégios universitários. A lei possibilitava uma abertura do secundário para o superior com currículo diversificado para preparar o ingresso do aluno nos cursos superiores com quatro ou seis disciplinas integradas em um colégio universitário ou pré-universitário.

Encarrega-se dessa tarefa com entusiasmo e dedicação, escrevendo o projeto com todas as justificativas. Certamente *Colégio universitário, análise de sua problemática*, de 1965, é um dos seus principais trabalhos sobre essa inovação. Mais do que a formulação do projeto foi a sua luta tenaz para que a Ufba o implantasse. Concebe-o com dupla função: o coroamento do ensino secundário, como formação básica do jovem, e preparação para o nível superior. Indo mais além, o seu projeto faz as necessárias conexões com os objetivos da reforma universitária em plena discussão, da qual o reitor Miguel Calmon foi um dos estimuladores. O colégio

não irá resolver todos os problemas do curso universitário, mas orientará melhor o aluno para o concurso de habilitação que conduz ao ingresso na educação superior.

Por maior que tenha sido o seu esforço, o projeto do Colégio Universitário não foi contemplado na reforma da Ufba. E mais, anos depois, foi desativado o Colégio de Aplicação. Lamentavelmente, a Universidade Federal da Bahia foi a única a parar com essa experiência pedagógica. Entretanto a professora Zilma Gomes Parente de Barros, ex-diretora deste colégio, analisou esse tipo de estabelecimento, discutindo as suas funções de estágio e de experimentação na busca da redefinição conceitual, na sua dissertação de mestrado em educação.

As classes-piloto, experimentais e o ensino das ciências

Depois do Colégio Universitário, a professora Leda enfrentaria outro desafio com as classes-piloto, uma tentativa de renovação do ensino secundário com a criação do Centro de Ensino de Ciências da Bahia (Ceciba). É essa a rica e importante experiência pedagógica registrada na publicação: *Classes-piloto do Colégio Central da Bahia, uma vivência pedagógica dos anos 60*, obra publicada em 1989, que registra uma importante inovação e reflete o dinamismo e a liderança da sua autora. É registro e é memória de uma das muitas missões que a Ufba lhe cometeu. Trabalho efetivo de uma educadora que, partindo da base filosófica de sua formação, foi aprendendo em serviço, aliás como foi a aprendizagem de muitos docentes de sua geração, numa época em que não havia pós-graduação nem mestrado e nem doutorado em educação e era reduzido o universo de publicações.

Espírito gregário, por excelência, reuniu uma equipe de professores por área de conhecimento e coordenou a implantação das classes experimentais, no Colégio Central da Bahia. A bibliografia dessa publicação demonstra a compreensão de eminentes educadores, como Anísio Teixeira e Jaime Abreu; bem assim, os artigos na Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos refletem a preocupação com o ensino secundário, especialmente com a aprendizagem das ciên-

cias. Um dos pontos centrais era como melhorá-la. Para a coordenadora, a ênfase não estava, “no que se ensinava”, mas para “quem aprender”.

O Ceciba foi a manifestação baiana do movimento nacional pelos centros e feiras de ciências, com a participação da Fundação Carlos Chagas, apoio da Unesco, por meio do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (Ibccc) e do Centro de Ensino de Ciências Experimentais e Matemática (Cescem). Os centros foram criados mediante convênios entre as universidades federais, Ministério da Educação e secretarias estaduais.

Como coordenadora de educação, a professora Leda liderou a iniciativa das classes experimentais, de 1966 à 1969. Em depoimento, mais tarde, observaria: “é árdua a missão de reformar o ensino de ciências através de seu agente mais importante que é o mestre.”

Entrega-se, inteiramente, como sempre o faz, nas tarefas sob sua responsabilidade, ao trabalho de coordenação. Vive o problema como educadora; lidera, escreve e chama a atenção para a responsabilidade educacional do professor que vai ao Centro atualizar-se e assimilar a nova metodologia de transmissão de conteúdos científicos. O ensino de ciências renova-se com projetos como o *Physical Science Study Committee* (PSSC) para o ensino da Física, CBA (Química) e BSCS (Biologia).

Embora a designação nacional seja classes experimentais, prefere chamá-las de classes-piloto e justifica: “na conotação de um ‘campo’ pedagógico que possibilita a utilização de métodos e processos inovadores.”

É importante também assinalar que, na Bahia, não houve simplesmente a repetição dos projetos estrangeiros e dos programas nacionais. Como educadora, lastreando sempre sua ação nos pressupostos filosóficos de sua formação acadêmica, Leda insiste no delineamento das “idéias-força que surgiram impulsionadas pelas pressões da problemática social do País, gerando algumas ações vitalizadoras”. Identifica os fatores que engendraram essas ações nos Centros de Ciências, nos Colégios de Aplicação ou nos Colégios Universitários, nas classes experimen-

tais, nos concursos de habilitação reformulados para acesso à universidade em mudança.

As ações condicionam metodologias e objetivos, desenvolvidas por professores e técnicos, por meio de alternativas de solução, dirigindo a crítica ao ensino secundário e ao acesso à universidade. Vai, ambiciosamente, mais além, na procura do entrosamento da experiência dessas classes com a reforma universitária, especialmente com o vestibular unificado e com a Faculdade de Educação, que então surgia da reforma universitária de 1968.

O sentido da publicação sobre as classes-piloto é comunicar a síntese da experiência, situando o Ceciba no conjunto da renovação do ensino de ciências na Bahia. Traça o seu histórico, enumera seus elementos, seus participantes e sua filosofia educacional e indaga por que ensinar e para quem ensinar? Estuda as modificações do currículo e sua metodologia – como ensinar? Integra pedagogicamente as ciências envolvidas, Biologia, Física, Química, Matemática e Desenho, bem assim, as Ciências Humanas e o ensino das Línguas. Ainda se ocupa, neste relato, das estratégias de implantação, da clientela – a quem ensinar? – e da avaliação do programa, com depoimentos de ex-alunos e professores.

Experiências inovadoras em educação

Em 1982, o Centro de Planejamento e Estudo (CPE), da então Secretaria de Planejamento, Ciência e Tecnologia, realiza um interessante seminário sobre Experiências Inovadoras em Educação na Bahia, na década de 60, tais como Escola-Parque, Colégio Santa Bernadete, Centro Integrado Anísio Teixeira, Colégio de Aplicação, Escolas Polivalentes e as classes experimentais, estas relatadas como uma das mais importantes inovações pedagógicas ocorridas na Bahia.

Passado o tempo, conforme a autora tem assinalado, a experiência das classes experimentais pode ser vista, como uma possibilidade de acesso à universidade pelos alunos oriundos da escola pública, o que se tornou um sério problema de exclusão social.

Do ponto de vista do magistério, aqueles professores que estavam nos departamentos do Colégio Central da Bahia aspiravam superar suas limitações ao se aperfeiçoarem em métodos e conteúdos para prosseguirem suas carreiras, inovando e indo além do cotidiano.

Um último aspecto vale ser acentuado é que, institucionalmente, muitos departamentos do Colégio Central, envolvidos no experimento, como o de Biologia, Inglês, Português e Química, assimilaram novos conteúdos programáticos e novas metodologias, que justificam, não obstante outros motivos, o esforço despendido para a implantação das classes-piloto.

Implantação da Faculdade de Educação

Com a experiência acumulada na direção do Colégio de Aplicação, na participação da reforma da Universidade, no Colégio Universitário e na coordenação das classes-piloto, é chamada pelo reitor Roberto Santos para coordenar a implantação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (Ufba).

Com a reforma, a Faculdade de Educação integrou os conjuntos formados pelo antigo Departamento de Pedagogia da Faculdade de Filosofia; Ceciba; projeto de Linguística Aplicada ao Ensino do Português, sob a liderança da professora Joselice Macedo de Barreiro; e Colégio de Aplicação, dirigido pela professora Zilma Gomes Parente de Barros. Além disso, vieram professores de outras unidades, como Luís Rogério de Souza, José Tobias Neto e Edivaldo M. Boaventura. O trabalho de integração e de coordenação tinha sido começado pelo professor Antonio Pítton Pinto, mas em 1969, o reitor Roberto Santos entrega a Leda Jesuíno dos Santos a tarefa de sua implantação. Era mais uma oportunidade para exercitar a capacidade de sua liderança integradora. Ao falar nas comemorações dos vinte anos da Faculdade de Educação, reafirma: “Não percorremos sem rumo e sem valores a nossa estrada. Não deleguemos a outros a orientação do jovem. Nós todos somos responsáveis no que diz respeito á rota que o mundo vai tomar.”

Da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criação fecunda de Isaías Alves, em 1942, saíram os Institutos e a Faculdade de Educação, com a reforma universitária de 1968. Como testemunha, podemos dar o nosso depoimento sobre o esforço para a instalação da Faculdade. No início, havia apenas a professora experiente com desiderato firme de implementar a unidade pedagógica da Universidade, reunindo-se com colegas, em torno de uma mesa, na diretoria da antiga Faculdade de Filosofia. A estratégia era integrar as partes, estruturar o colegiado de Pedagogia nos termos das normas do ex- Conselho Federal de Educação, bem assim, a formação pedagógica das licenciaturas, executar os convênios do Programa de Treinamento de Professores de Ciências da Bahia (Protap, ex-Ceciba), e discutir projetos e mais projetos. Ao mesmo tempo, participava, como coordenadora da Faculdade de Educação, da implantação da reforma da Ufba, inclusive com assento, voz e voto, no Conselho de Coordenação do Ensino, Pesquisa e Extensão, inovador colegiado trazido pela reforma. A implantação da reforma tornou-se o grande desafio do reitorado Roberto Santos.

A Faculdade de Educação (Faced), como a chamou desde os primeiros dias de sua gestão, iria receber uma carga de trabalho muito grande logo no início, isto é, formar os recursos humanos para as quarenta escolas polivalentes do Programa de Expansão e Melhoria do Ensino Médio (Premem). A Faced trabalha conjuntamente com o Centro de Educação Técnica da Bahia (Ceteba), origem da Universidade do Estado da Bahia (Uneb), conforme convênio entre a Ufba e a Secretaria da Educação e Cultura, por nós firmado em 1970. Além dessa tarefa, a Faced também se ocupou da preparação dos professores em face da reforma do ensino pela Lei 5692, de 1971.

Em 1971, confirmando o trabalho de coordenação da unidade universitária, Leda é nomeada diretora da Faced, cargo que exerce até 1975. Durante a sua gestão começam as obras de construção da nova sede da Faculdade. Encarrega-se, também, de equipar e de fazê-la funcionar no atual prédio, no Vale do Canela, junto da Escola de Ad-

ministração, orientando a mudança em 1974.

De 1969 a 1975, talvez tenha sido essa a tarefa mais longa, mais desafiadora que tenha enfrentado. Mas foi também a que requereu mais energia, mais habilidade, mais esforço, deixando a Faculdade implantada e em pleno funcionamento da graduação à pós-graduação, da extensão à pesquisa. Para ela, a educação depende do professor: "O ponto eixo central da educação é a formação do professor. E por uma dessas trágicas coincidências é justamente o eixo mais frágil, porque está muito ligado à motivações, e as motivações cada vez mais estão ligadas ao problema econômico". Declaração ao jornal A Tarde, de 17 de março de 2003, conforme entrevista intitulada "Educação depende da formação do professor."

No reitorado Luís Fernando Seixas de Macedo Costa, em 1979, é designada Pró-Reitora de Ensino de Graduação, cargo em que se aposenta na UFBA. Antes porém, exerce a presidência da Comissão Municipal do Movimento de Alfabetização Brasileiro (Mobral), em 1976.

Embora aposentada, ainda trabalhou na implantação do Campus Avançado de Barreiras, levando a Universidade para o Além São Francisco. Já suplente do Conselho Estadual de Educação da Bahia, foi membro efetivo de 1983 a 1987, onde pôde dar o melhor de sua experiência acadêmica, principalmente no exame dos processos de autorização dos cursos das novas universidades estaduais.

O lugar na educação baiana

Leda Jesuíno pertence a uma geração de professores que se formou na prática efetiva do ensino, na sala de aula, regendo classes, participando da administração acadêmica, orientando e liderando projetos inovadores. Obteve, portanto, a qualificação na prática docente, na liderança e na aceitação plena dos desafios. Como uma servidora da Ufba e da comunidade, Leda Jesuíno tem assegurado um lugar significativo na educação baiana, que este estudo de Elizete Passos bem procura comprovar. Reconhecendo o esforço denodado do que realizou, ensinou e trabalhou, a Secretaria de Educação deu o

seu nome, como patrona, a uma das escolas de Salvador. A Escola Leda Jesuíno dos Santos situa-se no bairro de Brotas, na capital baiana. E, mais, inscreveu o seu nome no livro do mérito pela outorga da Medalha do Mérito Educacional Barão de Macaúbas.

A escritora de crônicas e ensaios

Continuando a trabalhar pela comunidade e escrevendo, assim, dá plena expansão ao seu talento comunicativo. Como escritora, em vilegiatura consentida, tem se permitido a ficção, exercitada no livro de contos *O segredo do bem-te-vi*. Com destaque publicou *Caminhando em sol de outono*. Ao longo de sua carreira universitária, Leda sempre escreveu; todavia, a educadora, a mulher de ação e de pensamento entregou-se bem mais aos desafios, às missões pedagógicas e às funções que a Universidade Federal da Bahia lhe confiou. A ocupação acadêmica e administrativa absorveu a escritora, que, preferencialmente, se manifestou no discurso erudito, na saudação a colegas, no projeto de ensino, no parecer circunstanciado da conselheira, em inúmeros outros registros docentes e nos trabalhos publicados. Tudo quase sempre em função da educação. Assim, a coleção de crônica intitulada *Caminhando em sol de outono*, sem deixar de ser reflexo do seu trabalho acadêmico, demonstra a Leda escritora de fina sensibilidade, de recordações e de altos sentimentos. Muitas vezes tenho me deliciado com a leitura dessas crônicas quando publicadas na coluna Ultraleve, do jornal A Tarde, de Salvador. Desliza-se pela suavidade do seu estilo. Como boa cronista, entra em sintonia com os leitores e estabelece a comunicação, como bem destaca Helena Parente Cunha: “Estas crônicas atingem uma síntese compacta, em linguagem clara, transparente, poética, às vezes lírica, outras dramáticas, transmitindo aquele conteúdo sintonizado com as dolorosas carências do leitor deste final de século”.

Quantos colegas universitários estão presentes nestas crônicas? Quantas situações temporais – e a crônica é o tempo do eu pessoal, intimamente revelado – encontram-se nessas páginas? Não direi que é o outro

lado da professora que se revela nas crônicas. Não. É antes uma manifestação mais decantada e mais purificada pelo curso da vida. As crônicas visualizam a sua caminhada como balizas virtuais. São sinais de sua formação filosófica e de sua liderança, confirmada tantas vezes.

Professora emérita, o reconhecimento da corporação

Pelo conjunto das circunstâncias, *Caminhando em sol de outono* sucede à outorga do título de professora emérita, pela Ufba, em 17 de novembro de 1999. Saudou-a Luiz Felipe Perret Serpa, colega da Faced e ex-reitor. É o reconhecimento pelos muitos serviços prestados por ela não somente à Faculdade de Educação, cuja implantação coordenou, como também de toda a Universidade Federal. A declaração formal do mérito emprestou reconhecido significado à sua trajetória na corporação e à sua ação comunitária como cidadã prestante. A Universidade foi e é a sua opção de vida, para onde canalizou a força do seu talento, colhendo no outono prateado o resultado dos seus esforços.

A Universidade terminou por se encontrar na professora e a professora se identificou com a Universidade Federal da Bahia. Repito a pergunta inicial: quem é Leda Jesuíno? A resposta é pronta, direta e imediata – é professora da Ufba. Talvez seja uma resposta simples demais pelo lado exterior. Pelo lado interior, das concretudes e das relações interpessoais, a resposta se torna mais complexa, mais diferenciada e mais ampliada, quando sentimos o seu esforço compulsivo e construtor em busca de realizações, de novas utopias e de novos sonhos da idade cósmica.

Leda tanto sabe conduzir uma escola, como escrever com delicadeza, com doçura feminina, mas com determinação. Sabe reunir e harmonizar para a compreensão comunitária, como fez no Mobral, no Instituto de Cegos da Bahia, no Conselho de Educação e na Academia Baiana de Educação, na Mansão do Caminho e em vários outros caminhos.

O papel maior

No momento epifânico que recebeu a emergência, devolveu ao seu público um substancial depoimento, síntese erudita de sua vida docente.

No nosso outono tropical, as folhas não amarelecem e caem de vez, permanecem sempre verdes e presas às árvores; assim é Leda presa à família, aos amigos, à Universidade e à comunidade.

Esta publicação sinaliza o amadurecimento de oito décadas de existência. Nascida em 18 de setembro de 1924, casou-se com Antonio Jesuino dos Santos Netto, em 18 de setembro de 1948, tendo cinco filhos: Eduardo Antonio, Leda Maria, Mônica, Henrique Celso e Paulo André, netos Sílvia Maria, Marcelo Alexandre, Bruno, Fernanda e Thiago, bisnetos Pedro Paulo, Paulo Vitor e a bisneta Maria Eduarda.

Fecho este prefácio com a sua confirmação sobre o papel maior de mãe:

Na realidade a minha supervalorização do papel de mãe é muito pessoal e não tanto cultural, como o livro interpreta. Sempre foi em toda minha vida o mais importante de todos os papéis, o papel de mãe. A maternidade é linha mestra das minhas alegrias e das minhas grandes dores.

Edivaldo M. Boaventura .Professor da Faculdade de Educação da UFBA. Salvador, 28 de agosto de 2004.

DISCURSO NA CONCESSÃO DO TÍTULO DE EDUCADORA DO ANO 2003 À Acadêmica Professora Emérita Leda Jesuíno dos Santos

Maria Anália Costa Moura*

Das temporalidades vividas na formação como evolução humana, sobressai dos nossos sentimentos superiores este kairós – tempo da graça, quando celebramos a outorga do título “EDUCADORA DO ANO DE 2003” à Acadêmica, Professora Emérita da Universidade Federal da Bahia, Presidente de Honra da Academia Baiana de Educação – Leda Jesuíno dos Santos.

Estamos, portanto, concelebrando sua história, insigne mestra, ao proclamar: sejam bem-vindos todos, nós interseres, partícipes desta saudação.

Neste kairós, supera-se o ritmo comum do cotidiano para que, em parêntesis de pausa, vivenciemos o sublime sentido de estar-juntos, na alegria da “religação que substitui a disjunção, ao apelarmos à simbiosofia – a sabedoria de viver juntos”, confirmando nossas identidades, a um só tempo, plurais e concêntricas, uma vez que estamos falando do ser humano indivíduo, um ser singular, irredutível a um outro. Existem tantas diferenças entre os seres humanos que se torna extremamente difícil vislumbrar a caracterização para tal diversidade “transfinita”, situando-os em “arquipélagos de certezas” ante o “imprevisto, o inesperado”, que o exige “aprender a navegar em um oceano de incertezas”.

Nestes instantes, querida mestra, experimentamos a singular e transcendental sensação da eternidade, como se o tempo marcado nos relógios, o cronos, se tornasse suspenso e a todos nós fosse permitida a bênção do kairós, envolvendo-nos na presença da fraternidade que se traduz no acolhimento, no aconchego e no consolo da felicidade compartilhada. Felicidade é o significado e o sentido desta saudação, que tem como especial propósito, declarar o sim radical que o ser humano diz ao universo ao qual se integra, inspirando-se na harmonia essencial da “alma do mundo”.

Origina-se esta saudação no desejo – de-siderare, como força que anima o coração a elevar-se à altura das estrelas para, sem renunciar à sua humanidade, apreender uma forma mais luminosa de existir.

Honra-me o privilégio de, nesta oportunidade, desde antes idealizada com o objetivo de resgatar, no possível, o meu débito à Mestra Emérita, Professora Acadêmica, Leda Jesuíno dos Santos, pelas grandiosas e sábias orientações e os desafios com os quais fui beneficiada. Por todos os atos e atitudes, seus gestos generosos e pela paciência que abriram constantes novos capítulos em minha vida. Este é o agora para selecionar e conferir destaques à sua brilhante trajetória, como percurso e como perfil, exaltando, dentre múltiplos marcos, algumas dimensões das miríades de talentos que, irradiando do ser que é, sobrevoam seu firmamento existencial, manifestando-se nas mais diversas modalidades dos trabalhos que vem construindo, em constante demonstração e testemunho da entrega e da devoção, a tudo que pensa e faz.

Mais explicitamente queremos desvelar a constatação de que sempre está a construir sob o compromisso do espírito e o espírito de que estou falando refere-se à força do ser integral, não apenas ao que se define como fenômeno abstrato. Suas realizações sempre estão impregnadas das aspirações mais profundas do corpo, da mente e da alma, como expressão de um feixe coeso, intenso, irresistível e ardente de carismas materializados em estilo de liderança missionária – “liderança com a alma”. Cabe relembrar a palavra missão é “luz que orienta a ação”. A missão nada mais é do que um ideal para sinalizar e concretizar uma vida em serviço, vida interior que a tudo inflama e dinamiza.

*Professora Universitária e Conselheira do Conselho Municipal de Educação de Salvador/BA e do Conselho Estadual de Educação da Bahia.

A reverência e respeito ante o desempenho do estilo de liderança com a alma, que a querida mestra imprimiu às suas ações procedem, sobretudo, do reconhecimento à dedicação à busca da perfeição e da evolução direcionada a estados mais elevados de consciência, através de um despertar elevado da nossa realidade, como incentivo a todos nós, os envolvidos na missão, a nos completarmos, na extensão do esforço solidário, o valor do potencial de cada um.

Considerando a magnitude dos empreendimentos que assumiu devo, por dever de justiça e de verdade, realçar o heroísmo com o qual libertou suas vocações e a coragem com que vem a elas permanecendo, na fidelidade às suas expressões, superando sombras, atendo-se às luzes, mergulhada na amplidão do espaço educacional, descerrando, em evidência exemplar, horizontes para as vocações de nós outros.

Na docência, em nível da Educação Superior, na atraente área da Filosofia, como na gestão educacional, como Diretora da Faculdade de Educação e como Assessora e Pró-Reitora, na Universidade Federal da Bahia, transformou seus cargos e funções como oportunidades realizadoras de inovações proativas

em tudo que se referia ao planejamento e implementação de programas e projetos, dos mais diversificadas quanto à natureza e objetivos.

Ainda, na Universidade Federal da Bahia, como Assessora e Pró-Reitora, e em atividades relativas à assistência e ao desenvolvimento humano (Serviço Social), polarizou, como educadora reflexiva, a grandeza de um amor imenso e profundo como o céu. O foco da liderança exercida com a alma, vem ultrapassando os limites convencionais da produtividade profissional para alcançar o ser, em suas funções de consciência, na convicção de que a essência da liderança é a transformação na consciência do líder a fim de propiciar novas perspectivas de ação aos liderados.

Seu intenso idealismo firmou alicerces sobre o pioneirismo, no gosto ou mesmo fascínio pelo “sentido da mudança e mudança do sentido”, levando a assumir, na tenacidade da persistência, o novo, como se sentisse “nascida a cada instante para a eterna

novidade do mundo”. Assim, vem antecipando o futuro, principalmente em tudo que concerne às grandes questões da vida, por conseguinte, da educação, em tempo de mudanças e novidades, em ritmo de fluidez, rapidez e aceleração. Tempo de compressão de horas e de espaço, quando “a cada momento, mudam juntos o tempo, o espaço, o mundo. A nossa grande tarefa”, dos líderes, dos educadores “*é a de aprender a definir o presente segundo essa ótica*”.

Impregnada pela motivação prazerosa de servir, de criar, de compartilhar sempre, deixa a perceber vislumbres de Péguy e Verlaine, Claudel, e Chesterton, Marcel e Bergson, nos vestígios do drama do ser humano à procura do Absoluto.

Contudo, a honraria do Título que ora se lhe outorga “Educadora do ano 2003” não se restringe a esta circunscrição de tempo, porque seu tempo é o tempo, e a ilustre educadora, Professora Emérita da Universidade da Bahia é uma educadora de todos os tempos, dentro do ciclo da criação humana. Seu tempo tem sua gênese e evolui entre seu nascimento e a celebração cósmica.

Minha mestra Leda é um ser iniciático que se cria e se renova a cada instante, seguindo o movimento da origem e da destinação da vida.

Seu desafio tem sido o de utilizar-se do espaço-tempo para continuar contribuindo, questionando o eu e o si, seduzida pela “missão impossível da educação”, como afirmava o grande mestre Professor Anísio Teixeira.

Educadora do futuro, mas presencializada no agora e atraída pelo pioneirismo, coordenou, quando do processo da reforma universitária, na década de setenta, as ações que edificaram a gênese da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, instituição da qual foi sua primeira Diretora. E foi como Diretora que cuidou em marcar a Faculdade, recém nascente, com iniciativas de expansão, que a transformaram centro de originalidades educacionais. Antecipando-se à satisfação das expectativas da atualidade e, seguindo os ditames da alma, manteve-se fiel à consciência proposital de juntar-se como uma poeira de estrelas, a todos nós, seus colaboradores, a fim de que participássemos de seu brilho.

Sabemos que cada pessoa é engajada num lugar, engajada num tempo, vivendo no meio de pessoas, para realizar-se, não somente pelo espírito, mas como corpo animado que vive engajado no cosmos e na história transcendente à natureza, toma consciência das situações e evoluções e do sofrimento humano.

Em nossa Mestre, Professora Emérita, Leda Jesuíno dos Santos, reconhecemos “conquista da maturidade plena, por ter escolhido para si fidelidades que valem mais do que a vida”.

Todos vivemos três dimensões da vida pessoal, três relações que a pessoa estabelece: - com os outros (Exteriorização); consigo mesmo (Interiorização); e com o Projeto Infinito (Transcendência).

A exteriorização desencadeia a atitude natural de entrar em comunicação com as pessoas, pela escuta, pela palavra verbalizada, pelos gestos e pela realização que edifica.

Jurgen Habermas, um dos maiores críticos atuais do tecnicismo, os grandes problemas éticos e as grandes interrogações dos homens a respeito do significado de sua existência e da história são relegados a um segundo plano, pela ciência e pela técnica. É preciso recolocar o homem como centro do interesse do conhecimento. Explica ainda, com base na Teoria do Agir Comunicacional que o processo da socialização é constituído pela unidade dialética de três mediações entre o sujeito ator e o objeto mundo: 1. processo de trabalho (agir instrumental); 2. representação simbólica (linguagem); e 3. interação recíproca (agir comunicacional). Segundo Habermas só o agir comunicacional permite a formação de entidades sociais como “mundos vividos”, como um meio em que se realiza a formação do espírito.

Uma das possibilidades mais poderosas para desafiar situações de alinhamento idiossincrático é o envolvimento no diálogo ou conversação franca e perspicaz.

Motivo primordial para o diálogo é incentivar as pessoas para se ouçam reciprocamente buscando o diálogo exterior e a partir dele desencadearem o diálogo interior que acompanha o interação, através do exercício de olhar com profundidade os problemas, as perguntas e as propostas. Sob

tal clima os grupos se reúnem para selecionar novas possibilidades de relações e ampliar os níveis de equilíbrio, integridade e criatividade. Apropriar-se do diálogo para oportunizar a cada participante falar a sua verdade pessoal e demonstrar ações criativas em prática, são formas básicas de oferecer seus talentos e habilidades pessoais ao mundo.

Dos diálogos que marcaram nossa inesquecível convivência laboral, continuam pendentes, pois impregnaram meu ser, como convite à reflexão, idéias e indagações voltadas para meios e modos de encontrar respostas que nos iluminem o caminho da felicidade, nas formas em que desenvolvemos nosso sentido de viver, algumas aqui exemplificadas:

- precisamos aprender a “liderar com a alma”;

- sempre precisamos contornar obstáculos para depois atravessar desertos;

- as lições mais profundas da vida geralmente estão onde menos se espera;

- na jornada da vida passamos por marcos da estrada a cada dia;

- a crise nos põe face à face com a nossa alma;

- precisamos renovar e descobrir novos paradigmas;

- dentro de nós está a fonte mais profunda de sabedoria;

- a espiritualidade se situa além de nós e está em tudo que fazemos;

- coragem é a capacidade de continuar avançando apesar do medo;

- não há trilhas, não há caminhos, abrimos caminhos onde eles não existem;

- urge compor um cântico para a alma;

- o sofrimento nos dá visão para encontrarmos novas possibilidades;

- a liderança eficaz é um relacionamento na comunhão;

- as dádivas da liderança devem ser compartilhadas como tesouro do espírito humano;

- preservar a humildade;

- nuvens densas sempre cedem lugar às estrelas;

- abrir o coração às pessoas que nos ajudam a crescer;

- acumular poder ilusório é fragilizar o espírito;
- um mundo melhor resulta de esforço colaborativo;
- os talentos pessoais devem beneficiar a humanidade;
- emprestar à vida a renovação do entusiasmo;
- revigorar a família como santuário, onde as pessoas possam crescer e comungar o amor;
- a sabedoria sempre se manifesta quando consultamos o coração compassivo.

E rememorando a poética na qual suas palavras, sob maestria, transbordam da alma que inspira seu estilo de liderança, concebemos a felicidade como apreciação do mistério cujo significado se expressa na liberdade, na gratidão e no senso de admiração afetiva.

A felicidade é a Grande Iluminação - estado de consciência cosmocêntrica gerado pelo Amor - energia pura, criativa que, no dizer do poeta "como roda a girar move o sol e as outras estrelas", no movimento da totalidade da vida.

ESTATUTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

(ADAPTADO À REFORMA PUBLICADA NO DIÁRIO OFICIAL DE 16/05/1997)

Capítulo I

Natureza, Sede, Foro e Duração

Art. 1º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 09 de setembro de 1982, associação cultural sem fins lucrativos, com sede e foro na Cidade de Salvador. Capital do Estado da Bahia e prazo de duração indeterminado, reger-se-á pelas disposições deste Estatuto, normas regimentais que adotar e demais dispositivos legais aplicáveis.

Parágrafo Único - A Instituição, que funcionou regularmente desde a supracitada data, passa a ter personalidade jurídica a partir do registro deste Estatuto.

Capítulo II

Finalidade e Competência

Art. 2º - A Academia tem por finalidade estudo e pesquisa, definição e interpretação dos fatos, fenômenos e problemas da educação e ensino na sua acepção geral, competindo-lhe, como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional:

- I - manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras, demais instituições e órgãos culturais, oficiais e particulares, relacionados com a educação e o ensino;
- II - cultuar os fatos da educação e da memória, vida e obra de seus patronos, de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;
- III - promover cursos próprios ou em convênio, de pós-graduação, aperfeiçoamento, atualização e especialização, sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;
- IV - promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;
- V - instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;
- VI - adotar iniciativas e realizações outras que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social, inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

Capítulo III

Constituição do quadro e provimento das cadeiras

Art. 3º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares, tendo cada uma delas um patrono, que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia.

§ 1º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com a prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam há mais de 10 (dez) anos à Academia, e que tenham colaborado ativamente para o desenvolvimento e o renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.

§ 2º - A Academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.

§ 3º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma disposta no seu Regimento Interno.

§ 4º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no § 1º, são considerados membros eméritos "in memoriam" os sócios fundadores Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e

Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.

Art. 4º - São membros fundadores os que, em número de nove (9), criaram a Academia Baiana de Educação, constando da relação que se segue: Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Edivaldo Machado Boaventura, Antônio Pithon Pinto, José Newton Alves de Souza, Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Remy Pompílio de Souza, Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta.

§ 1º - São membros da Academia os membros titulares e eméritos admitidos.

§ 2º - Será considerado renunciatário o membro da Academia que, sem motivo justificado, a juízo da Assembléia Geral, faltar a 2/3 (dois terços) da sessões durante 1 (um) ano ou deixar de pagar a anuidade por igual período, competindo à Diretoria dar eficácia ao disposto neste parágrafo.

Capítulo IV

Administração da Academia

Art. 5º - São órgãos da Academia:

- a) a Diretoria;
- b) a Assembléia Geral.

Art. 6º - A Diretoria é constituída dos seguintes membros:

- 1 . Presidente
- 2 . Vice - Presidente
- 3 . Primeiro Secretário
- 4 . Segundo Secretário
- 5 . Tesoureiro
- 6 . Diretor da Revista e da Biblioteca
- 7 . Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo

Art. 7º - A Diretoria será eleita por um período de dois (2) anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente e exercerá o seu mandato gratuitamente.

§ 1º - As vagas ocorridas em cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição e as ocorridas no segundo serão preenchidas pela Diretoria.

§ 2º - A eleição da Diretoria será feita no penúltimo mês do seu mandato.

§ 3º - As atribuições e obrigações da Diretoria serão definidas no Regimento.

§ 4º - A diretoria apresentará relatório circunstanciado no início de cada ano.

Art. 8º - As sessões da Academia serão instaladas com o mínimo de 5 (cinco) membros presentes, entre titulares e eméritos, só podendo deliberar com o mínimo de 9 (nove) membros das referidas categorias.

Art. 9º - A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, só podendo deliberar com a presença, em primeira convocação, da maioria absoluta e, em segunda convocação, da maioria dos presentes, respeitado o disposto no artigo anterior.

Art. 10º - A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição dos seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará as suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Parágrafo Único - A aplicação de suas rendas será para fins desta instituição no território nacional.

Capítulo V

Disposições Gerais e Transitórias

Art. 11º - A Diretoria é responsável pelas obrigações e resoluções tomadas por maioria, cabendo ao seu presidente representá-la, na forma do Regimento.

Art. 12º - Em caso de dissolução da Academia, os seus bens e valores serão entregues ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.

Art. 13º - A Academia reunir-se-á em sessões ordinárias e extraordinárias, da Diretoria e da Assembléia, ou em sessões públicas, comemorativas e de posse, bem assim reservadas.

Parágrafo Único - Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro serão considerados de recesso, podendo haver convocação especial.

Art. 14º - O presente estatuto deverá ser regulamentado por um regimento, no prazo máximo de 6 (seis) meses, aprovado pela Assembléia Geral, e so-

mente poderá ser modificado pela maioria absoluta dos membros eméritos e titulares, por proposta da Diretoria ou da referida Assembléia.

Art. 15º - O extrato do presente Estatuto será publicado no Diário Oficial do Estado, para fins de registro em Cartório e demais providências pertinentes.

Art. 16º - Até o final do seu mandato, a Diretoria eleita para o biênio 1996/1998 permanecerá constituída pelos cargos para os quais foram eleitos os atuais ocupantes.

REGIMENTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

TÍTULO PRIMEIRO

DA ADMINISTRAÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da Admissão de Acadêmicos

Art. 1º - A admissão de membro titular da Academia está sujeita às seguintes condições:

a) ser brasileiro, nato ou naturalizado, educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa, ter domicílio no Estado da Bahia e possuir idoneidade moral e científico-cultural;

b) ser escolhido na forma de processo específico, composto das seguintes etapas:

1 - Decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adremente convocada, com a presença mínima de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência para preenchimento da vaga:

2 - Os membros titulares que se encontrarem impossibilitados de comparecer à sessão referida no item anterior poderão encaminhar as suas indicações ao Presidente da Academia, em envelopes fechados;

3 - Apuradas imediatamente as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido pelo menos 3 (três) preferências, para fins de votação.

4 - Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão com a presença mínima de titulares e eméritos exigida pelo estatuto, proceder-se-á, através de voto secreto, à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido aquele que obtiver a maioria absoluta dos votos dos acadêmicos presentes.

5 - Somente será feita a proclamação do nome eleito após sua aceitação, por escrito, ao receber comunicação feita pelo Presidente.

6 - Continuará vaga a cadeira, caso nenhum nome tenha alcançado, após os 3 (três) escrutínios, a

maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa pelo escolhido.

Art. 2º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante a indicação de, pelo menos, dez (10) membros titulares e eméritos, atendido o disposto no parágrafo primeiro do art. 3º do Estatuto.

Parágrafo Único - O membro emérito manterá os mesmos direitos e prerrogativas do titular, estando dispensado, a seu critério, das anuidades e frequência às sessões.

Art. 3º - Só poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora de Salvador, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos dez (10) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 4º - Só poderão ser membros honorários educadores de notável saber em pedagogia e educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos (20) vinte titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 5º - A particulares e instituições que fizerem donativos à Academia ou tenham prestado serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Capítulo II

Das Atribuições da Diretoria

Art. 6º - Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e as resoluções da Diretoria;
- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;
- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia em juízo e em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro acadêmico que para esse fim designar;
- e) apresentar relatório anual das atividades da Academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e, *ad referendum* da Assembléia Geral, resolver os casos urgentes não previstos no Estatuto;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de acadêmicos;

- i) designar a secção a que irá pertencer o novo acadêmico, observada a sua formação, especialidade, vivência e experiência pedagógica;
- j) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e o expediente dirigido às autoridades e instituições;
- k) movimentar conjuntamente com o tesoureiro os fundos e as contas bancárias.

Parágrafo Único - Nas votações o Presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as de eleição dos cargos da Diretoria e de novos titulares.

Art. 7º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Parágrafo Único - No exercício da Presidência, exercerá o Vice-Presidente as prerrogativas e atribuições do Presidente.

Art. 8º - Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) promover a distribuição das publicações da Academia;
- c) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativas, supervisionando o pessoal;

- d) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, subscrevendo-os, juntamente com o Presidente;
- e) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- f) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;
- g) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando para publicação na Revista a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- h) fornecer ao Presidente os elementos para o relatório anual.

Art. 9º - Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler em sessão o expediente;
- b) ter sob sua responsabilidade os livros de atas e presenças;
- c) substituir o Primeiro Secretário em suas faltas e impedimentos e auxiliá-lo em suas funções;
- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 10º - Ao Tesoureiro compete:

- a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;
- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo sob sua guarda valores em moeda ou títulos e realizar despesas para o que for autorizado pelo Presidente;

- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita e à despesa da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais

Art. 11º - Ao Diretor da Revista e da Biblioteca compete

- a) coletar e organizar o material para a publicação da Revista e do Boletim da Academia, responsabilizando-se pela respectiva obediência aos critérios e normas pertinentes;
- b) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação baiana;
- c) controlar as atividades da Biblioteca, inclusive o fichário;
- d) viabilizar a consulta do acervo da biblioteca aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- e) contactar livrarias, editoras e outras instituições, visando a angariar publicações e doações para constituir o acervo da biblioteca.

Art. 12º - Ao Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo compete:

- a) Organizar o acervo museológico da Academia, coletando material pedagógico, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;

- b) Organizar a documentação e a nomenclatura biográfica dos grandes educadores;

Capítulo III

Dos Direitos e Deveres

Art. 13º - São direitos dos membros titulares e eméritos:

- a) votar e ser votado, de acordo com o Estatuto e o Regimento;
- b) frequentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates em plenário e encaminhar para publicação na Revista trabalhos de interesse pedagógico obedecendo suas normas e critérios.

Art. 14º - São deveres dos membros titulares e eméritos:

- a) respeitar e fazer respeitar o Estatuto e o Regimento, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da Academia;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designado pela Presidência;
- c) frequentar com assiduidade as sessões da Academia, observado o disposto no parágrafo único do art. 2º deste Regimento;
- d) contribuir financeiramente para custeio das atividades da Academia.

Art. 15º - É direito do membro correspondente e honorário frequentar e corresponder-se com a Academia.

Art. 16º - É dever dos membros, correspondentes e honorários contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 17º - Os membros, correspondentes e honorários, não terão direito a voto, nem podem ser votados.

TÍTULO SEGUNDO

Das Sessões da Academia

Art. 18º - A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

§ 1º - As sessões ordinárias serão realizadas 1 (uma) vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados, observado o estabelecido nos Arts. 8º e 9º do Estatuto:

- a) não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido;
- b) havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que constará de leitura, votação e aprovação da ata da sessão anterior, de expediente e ordem do dia;
- c) os apartes serão concedidos desde que o orador permita;

d) os que falarem no expediente poderão usar da palavra uma vez e durante 5 (cinco) minutos, no máximo;

e) as moções serão apresentadas ao plenário assinadas pelo menos por 10 (dez) acadêmicos.

§ 2º - As sessões extraordinárias, que se realizarão por motivo de ordem superior ou para a eleição da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente, observado o disposto nos Artigos 8º e 9º do Estatuto.

§ 3º - As sessões públicas serão realizadas:

- a) no dia 9 de setembro de cada ano, para celebrar a data de criação da Academia;
- b) na posse de novos acadêmicos;
- c) no elogio dos acadêmicos falecidos;
- d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

§ 4º - Nas sessões solenes, deverá ser usado traje adequado à natureza do evento.

§ 5º - Quando a natureza do assunto o exigir, a Academia reunir-se-á em sessões reservadas tomando parte apenas os membros titulares.

TÍTULO TERCEIRO

DA CONSTITUIÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da votação, Eleição e Posse

Art. 19^o - As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 20^o - Para a eleição de novo membro titular, observado o disposto no Art. 1^o deste regimento, a votação será por escrutínio secreto, cumprindo-se as seguintes determinações:

- a) o direito de voto será privativo dos membros titulares e eméritos;
- b) será permitido o voto por procuração;
- c) a posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, a juízo da Diretoria, cabendo-lhe escolher entre seus pares aquele que fará o discurso de recepção;
- a) ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e dos seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: "Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o Regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar quanto em mim couber por seu engrandecimento e bom nome";

- b) esgotado o prazo concedido na alínea "c" deste artigo, sem que o eleito tome posse, será declarada vaga a cadeira, com realização de nova eleição, na forma regimental, aplicando-se tal determinação a todos os casos em que o eleito não tenha tomado posse até a presente data, salvo motivo justificado, a critério da Diretoria.

Art. 21^o - A eleição dos membros da Diretoria far-se-á por escrutínio secreto:

- a) só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos;
- b) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês do seu mandato;
- c) a posse da Diretoria será na sessão solene de 09 de setembro, no ano em que a mesma for eleita;
- d) as vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (um) ano para o término do mesmo biênio, devendo neste caso o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até às próximas eleições;
- e) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas 30 (trinta) dias antes do dia previsto para sua posse, em sessão extraordinária;

- f) nenhum membro titular poderá exercer cumulativamente dois cargos na Diretoria;
- g) a votação deverá estender-se por 1 (uma) hora, e em seguida será processada a apuração, para o que o Presidente designará, entre os acadêmicos, escrutinadores para a contagem dos votos, que deverão coincidir com o número de votantes, consignados em lista para este fim;
- h) o estatuído na linha acima só será aplicado à eleição dos membros titulares e eméritos e da Diretoria.

Capítulo II

Dos Patronos

Art. 22º - São considerados patronos da Academia, de acordo com o Art. 3º do Estatuto, 40 (quarenta) nomes de grandes vultos já desaparecidos da educação baiana, ou a ela intimamente relacionados, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber pedagógico.

Parágrafo Único - As cadeiras serão numeradas cronologicamente de 1 a 40, conforme relação em anexo.

Capítulo III

Do Patrimônio

Art. 23º - O patrimônio da Academia será constituído de bens imóveis, devidamente avaliados, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos e demais atividades, bem assim de outras receitas

Capítulo IV

Dos Prêmios

Art. 24º - A Academia, de acordo com o Art. 2º, inciso V, do Estatuto, concederá prêmios aos autores de trabalhos de real mérito sobre Pedagogia, Psicologia de Aprendizagem, Filosofia da Educação e outras ciências correlatas.

§ 1º - Os prêmios a que se refere o artigo acima constarão do louvor acadêmico e de auxílio para publicação dos trabalhos premiados, ou de valores, especificamente, para esse fim destinados por doações.

§ 2º - Poderão concorrer aos prêmios da Academia educadores, professores e especialistas estudiosos e instituições de educação.

§ 3º - O julgamento dos trabalhos a prêmio competirá uma Comissão, designada pelo Presidente da

Academia, nos termos do Art. 2º, inciso V do Estatuto.

§ 4º - A Diretoria regulamentará a inscrição e a concessão desses prêmios.

TÍTULO QUARTO

Disposições Gerais

Art. 25º - A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente.

Parágrafo Único - A Academia terá um quadro de funcionários, cujo número e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 26º - A Academia poderá convidar pessoas estranhas ao seu quadro a fim de realizar conferências, sempre que tal convite envolver verdadeiro interesse científico e cultural, devendo tal proposta ser aprovada pela Diretoria.

Art. 27º - A Academia entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.

Art. 28º - A Academia adota como lema LUCEAT LUX VESTRA (Luza vossa luz), inserido nas suas insígnias.

Art. 29º - O Estatuto e este Regimento somente poderão ser reformados mediante proposta assinada pela maioria absoluta dos membros titulares e eméritos ou da Diretoria.

Parágrafo Único - Proposta a reforma, o Presidente designará uma comissão composta de 4 (quatro) membros, escolhidos entre os titulares e eméritos, para, sob sua presidência, emitir "parecer", que deverá ser submetido à apreciação da Assembléia Geral.

Art. 30º - A Academia manterá intercâmbio com instituições co-irmãs, no campo das letras, das artes e das ciências, internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, para o que serão organizados os devidos assentamentos.

Art. 31º - A partir da publicação e registro do Estatuto serão adotadas providências para:

- I - reconhecimento de utilidade pública nas esferas dos poderes federal, estadual e municipal;
- II - criação de subsidiárias em até 3 (três) municípios de grande porte no interior do Estado e,
- III - aquisição de sede própria.

Art. 32º - Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Diretoria, *ad referendum* da Assembléia Geral.

Art. 33º - Este Regimento entra em vigor na data da sua aprovação.

PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO E ACADÊMICOS TITULARES

N.º	PATRONO	VIDA	ACADÊMICO TITULAR
1	Abílio César Borges	1824-1891	Ruy Simões José Simões e Silva Júnior
2	Alfredo Brito	1876-	Jair de Oliveira Santos
3	Alfredo Ferreira Magalhães	1873-1943	Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira
4	Alípio Correia Franca	1871-1957	José Francisco de Sá Teles
5	Álvaro Augusto da Silva	1890-1977	Edivaldo Machado Boaventura
6	Amélia do Sacramento Rodrigues	1861-1926	Germano Dias Machado
7	Anfrisia Santiago	1894-1970	Remy Pompílio Fernando de Souza
8	Anísio Spínola Teixeira	1900-1971	Hermano José de Almeida Gouveira Maria Anália Costa Moura
9	Antônio Borges dos Reis	1859-1952	Giomar de Andrade Florence Alírio Fernando Barbosa de Souza
10	Antônio de Castro Alves	1847-1871	Consuelo Pondé de Senna
11	Antônio Pacífico Pereira	1846-1902	Ângelo Lyrio Alves de Almeida
12	Arlindo Costa		Adroaldo Ribeiro Costa Bárbara Vasconcelos de Carvalho Rosa Pereira Levita
13	Arthur de Salles	1879-1952	Raul de Souza da Costa e Sá Elsior Moreira Alves
14	Augusto Alexandre Machado	1896-1947	Enock Sena Souza
15	Cosme de Farias	1875-1972	João Eurico Matta
16	Diógenes Gomes da Costa Vinhaes		Roisle Alaor Metzker Coutinho
17	Egas Moniz Barreto de Aragão	1870-1924	Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon
18	Ernesto Carneiro Ribeiro	1839-1920	José Newton Alves de Souza Maria Luigia Magnavita Galeffi
19	Francisco da Conceição Menezes	1896-1959	Cid José Cavalcante Teixeira
20	Gelásio de Abreu Farias	1882-	Hermano Augusto Palmeira Machado
21	Helvécio Carneiro Ribeiro	1880-1969	Pedro Júlio Barbuda Milton Almeida Rabelo
22	Henriqueta Martins Catarino	1886-1968	Zilma Gomes Parente de Barros
23	Hugo Balthazar da Silveira	1888-	Rômulo Galvão de Carvalho Eraldo Tinoco Melo
24	Isaías Alves de Almeida	1888-1968	Antônio Pithon Pinto Joselice Macedo Barreira
25	João Alves Portela		Cícero Pessoa da Silva
26	João Florêncio Gomes	1846-1925	Astor de Castro Pessoa
27	José Olímpio de Azevedo	1843-1920	Thales Olímpio Góes de Azevedo Antônio Jesuíno dos Santos Netto
28	Júlio Afrânio Peixoto	1876-1947	Oldegar Franco Vieira Roberto Figueira Santos
29	Luiz da França Pinto de Carvalho		Luiz Fernando Seixas de M. Costa Hermes Teixeira de Mello
30	Luiz Gonzaga Cabral	1853-	Luiz Augusto F. Navarro de Brito Luis Henrique Dias Tavares
31	Manoel Carlos Devoto	1853-	Adelmo Soares Pessoa
32	Maria Luiza de Souza Alves	1860-	Angelina Rocha de Assis Leda Jesuíno dos Santos

33	Maria Romana Calmon de Bittencourt		Jorge Calmon Moniz de Bittencourt José Corgozinho Carvalho Filho
34	Paulo Fábio Dantas	1900-	Raymundo Nonato de Almeida Gouveia Fernando Floriano da Rocha José Rogério da Costa Vargens
35	Pedro Júlio Barbuda	1837-	Cassilandro Everaldo Barbuda João Fernandes da Cunha
36	Pedro Tenório de Albuquerque	1906-1982	Yeda Barradas Carneiro
37	Possidônio Dias Coelho		Francisco Pinheiro Lima Júnior
38	Roberto Correia	1876-1941	Olga Pereira Metting Marcelo Augusto Carvalho Rocha
39	Rui Barbosa de Oliveira	1849-1923	Raimundo José da Matta Lafayette de Azevedo Pondé
40	Sátiro de Oliveira Dias	1844-1913	Antonino de Oliveira Dias Hildérico Pinheiro de Oliveira José Nilton Carvalho Pereira

MEMBROS EMÉRITOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

- Bárbara Carvalho
- Edivaldo Machado Boaventura
- Jorge Calmon
- José Newton Alves de Souza
- Oldegar Franco Vieira

MEMBROS EMÉRITOS (*in memoriam*)

- Olga Pereira Metting
- Raymundo Nonato de Almeida Gouveia

ENDEREÇO DOS ACADÊMICOS TITULARES

ADELMO PESSOA

RUA BARÃO DE LORETO, Nº 38
GRAÇA-CEP: 40150-270
SALVADOR-BA
247-2744

EDIVALDO MACHADO BOAVENTURA

RUA DR. JOSÉ CARLOS, 99
EDF. PARQ. DAS MANGUEIRAS, APT. 801
ACUPE DE BROTAS-CEP: 40290-040
SALVADOR-BA
276-1242 / 8818-6199

ALÍRIO FERNANDO BARBOZA DE SOUZA

RUA EDITH DA GAMA E ABREU, 545 - APTº 202
ITAIGARA-CEP: 41840-320
SALVADOR-BA

ELSIOR MOREIRA ALVES

AV. EUCLIDES DA CUNHA, N.º 116
EDF. MANSÃO DA GRAÇA
GRAÇA-CEP: 40150-121
SALVADOR-BA
245-7806

ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETO

RUA VISCONDE DE ITABORAÍ, N.º 109
AMARALINA-CEP: 41900-000
SALVADOR-BA
248-0115 / FAX: 240-0461

ENOCK SENA DE SOUZA

RUA EDITH DA GAMA E ABREU, Nº 53
EDF. PRIMO - APTº 1002
ITAIGARA-CEP: 41840-320
SALVADOR-BA
358-5615 / 358-4750 / 358-5673

ASTOR DE CASTRO PESSOA

RUA CAETANO MOURA, Nº 39
FEDERAÇÃO-CEP: 40210-350
SALVADOR-BA
247-3832

ERALDO TINOCO MELO

RUA VALDEMAR FALCÃO, Nº 1821
EDF. TWENTY TOWER, APT. 901
BROTAS-CEP: 40295-001
SALVADOR-BA

BARBARA CARVALHO

RUA PRAIA DE IGUAPE, Q.19 , L 42
VILAS DO ATLÂNTICO-CEP: 42700-000
LAURO DE FREITAS-BA
379-3474/379-3887

FRANCISCO PINHEIRO LIMA JÚNIOR

RUA COMENDADOR HORÁCIO URPIA, Nº 4
GRAÇA-CEP: 40150-250
SALVADOR-BA
247-0956

CÍCERO PESSOA DA SILVA

PRAÇA PADRE ANCHIETA, N.º 126
PITUBA-CEP: 41830-380
SALVADOR-BA

GERMANO MACHADO

RUA MANOEL BARRETO, Nº 688
EDF. CIDADE DE LARANJEIRA, APTº 102
-CEP: 40150-360
SALVADOR-BA
237-6909

CID TEIXEIRA

RUA DAS VIOLETAS, Nº 85
PQ. NOSSA SENHORA DA LUZ
PITUBA-CEP: 41810-080
SALVADOR-BA
358-1089

GERMANO TABACOF

AV. OCEÂNICA, Nº 2400
ONDINA APART HOTEL - APTº 107
ONDINA-CEP: 40170-010
SALVADOR-BA
203-8351

CONSUELO PONDÉ DE SENA

AV. PRINCESA LEOPOLDINA, N.º 288
ED. MANSÃO PRINCESA LEOPOLDINA - APTº 301
GRAÇA-CEP: 40150-121
SALVADOR-BA
336-6205

GINA MAGNAVITA GALEFFI

TRAVESSA DOS BARRIS, Nº 87
EDF. NOSSA SENHORA DE LORETO - APTº 201
BARRIS-CEP: 40070-070
SALVADOR-BA
328-2585

HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO
RUA GENERAL LABATUT, Nº 285 - APTº 1001
BARRIS-CEP: 40070-100
SALVADOR-BA
328-2542 / 328-4625

HERMES TEIXEIRA DE MELO
RUA PLÍNIO MOSCOSO, Nº 955
EDF. DANIEL - APTº 301
APIPEMA-CEP: 40155-020
SALVADOR-BA
247-4338

JAIR DE OLIVEIRA SANTOS
RUA RIO DE JANEIRO, Nº 679
PITUBA-CEP: 41830-000
SALVADOR-BA
248-3624 / 345-4382

JOÃO EURICO MATTA
RUA PROF. EDGAR MATA, Nº 4
ONDINA-CEP: 40170-140
SALVADOR-BA

JOÃO FERNANDES DA CUNHA
FUNDAÇÃO JOÃO FERNANDES DA CUNHA
LARGO DO CAMPO GRANDE, Nº 8
CAMPO GRANDE-CEP: 40000-000
SALVADOR-BA
336-3497 / fax: 329-5740

JORGE CALMON MONIZ DE BITTENCOURT
AV. SETE DE SETEMBRO, Nº 2172
CORREDOR DA VITÓRIA-CEP: 40080-001
SALVADOR-BA
245-1453

JOSÉ CARLOS ALMEIDA DA SILVA
RUA DESEMBARGADOR BALDUÍNO DE ANDRADE, Nº 79
EDF. MANSÃO GREEN PARK - APTº 1101 - TORRE SUL
CHAME-CHAME-CEP: 40000-000
SALVADOR-BA
342-7503 / 7504

JOSÉ CORGOZINHO CARVALHO
PQ. DA FUNDAÇÃO JOSÉ CARVALHO
ESTRADA DE SANTIAGO, S/N
-CEP: 48120-000
SALVADOR-BA

JOSÉ FRANCISCO DE SÁ TELES
RUA RENATO MENEZES DE BEREQUER, Nº 177
APTº 1302 LOT. VELA BRANCA
PITUBA-CEP: 41830-310
SALVADOR-BA
359-8187 / (75) 621-6353 (CRUZ DAS ALMAS)

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUZA
ALAMEDA CAPIRIM Nº 2 - APTº 22
GRAÇA-CEP: 40150-070
SALVADOR-BA
336-5832

JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA
CONDOMÍNIO VALE DO JAGUAPE
RUA C, CASA 162
PIATÁ-CEP: 41610-100
SALVADOR-BA
367-1907 / 9965-0599

JOSÉ ROGÉRIO DA COSTA VERGENS
AV. MAGALHÃES NETO, Nº 81 - APTº 402
PITUBA-CEP: 41820-011
SALVADOR-BA
248-7409

JOSÉ SIMÕES E SILVA JÚNIOR
AV. MARQUÊS DE LEÃO, Nº 46
EDF. OCEANIA - APTº 66
BARRA-CEP: 40140-230
SALVADOR-BA
264-7520

JOSELICE MACEDO
RUA QUINTINO DE CARVALHO, Nº 84
EDF. VILA FLORA - APTº 1703
JARDIM APIPEMA-CEP: 40155-280
SALVADOR-BA
245-7758

JOSELICE MACEDO DE BARREIROS
RUA QUINTINO DE CARVALHO, Nº 84
EDF. VILA FLORA, APT. 1703
JARDIM APIPEMA-CEP: 40155-280
SALVADOR-BA
245-7758

LAFAYETTE PONDÉ
AV. PRINCESA LEOPOLDINA, Nº 270
EDF. MANSÃO PRINCESA LEOPOLDINA - APTº 101
GRAÇA-CEP: 40150-080
SALVADOR-BA
247-9159

LEDA JESUÍNO DOS SANTOS

RUA VISCONDE DE ITABORAÍ, Nº 109
AMARALINA-CEP: 41170-140
SALVADOR-BA
248-0115 FAX: 240-0461

LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES

AV. PRINCESA LEOPOLDINA, Nº 21 - APTº 1003
GRAÇA-CEP: 40150-080
SALVADOR-BA
245-3524

MARCELO AUGUSTO CARVALHO ROCHA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAHIA
RUA DA MANGUEIRA, Nº 33
NAZARÉ-CEP: 40040-400
SALVADOR-BA
245-8699 / 243-8826

MARIA ANÁLIA COSTA MOURA

RUA DA MANGUEIRA, Nº 57
EDF. IMPÉRIO - APTº 302
NAZARÉ-CEP: 40040-400
SALVADOR-BA
243-8502

MARIA AUGUSTA DA CRUZ ABDON

AV. SETE DE SETEMBRO, Nº 1736
EDF. VITÓRIA RÉGIA - APTº 504
VITÓRIA-CEP: 40080-001
SALVADOR-BA
337-0032

MILTON DE ALMEIDA RABELO

RUA NESTOR RIBEIRO, Nº 436
CENTRO-CEP: 45200-000
SALVADOR-BA
(75) 525-2248

OLDEGAR FRANCO VIEIRA

RUA PRAIA DO LEME, APTº 111
VILAS VILLAGE APART HOTEL
VILAS DO ATLÂNTICO-CEP: 42700-000
LAURO DE FREITAS-BA
379-3988

REMY DE SOUZA

CONDOMÍNIO COLINA DA FONTE
RUA B (ALBERTO VITA) Qd. B - LOTE 2
ITAPUÃ-CEP: 41.630-74
SALVADOR-BA
249-7969

ROBERTO FIGUEIRA SANTOS

RUA BASÍLIO CATALÁ DE CASTRO, N.º 346
LOTE A
QUINTA DO CARDEAL-CEP: 40280-550
SALVADOR-BA
276-5759 / 9115-9532

ROSA PEREIRA LEVITA

RUA CEARÁ, Nº 177
ED. MARES DA PITUBA, AP. 401
PITUBA-CEP: 41830-450
SALVADOR-BA
353-3544 / 9963-6115

YEDA BARRADAS CARNEIRO

ALAMEDA DOS SOMBREIROS, Nº 90
CAMINHO DAS ÁRVORES-CEP: 41820-420
SALVADOR-BA

ZILMA PARENTE DE BARROS

RUA DA FLÓRIDA, Nº 211
EDF. EL PRADO - APTº 203
GRAÇA-CEP: 40055-000
SALVADOR-BA
336-7583 / 9988-1570

TÍTULO DE EDUCADOR DO ANO

		ANO
1.	José Carlos Almeida da Silva	1995
2.	Zilma Parente Barros	1996
3.	Divaldo Franco	1997
4.	Edivaldo Machado Boaventura	1998
5.	Olga Pereira Metting	1999
6.	José Corgozinho Carvalho	2000
7.	Dirlene Mendonça	2001
8.	Jair de Oliveira Santos	2002
9.	Leda Jesuíno dos Santos	2003
10.	Antônio de Pádua Carneiro	2004